

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	O direito dos nacionaes.	97
PANDIA' CALOGERAS	A Independencia (II)	99
HERMAN LIMA.	Outra Héro	109
GODOFREDO RANGEL	O gordo Anthero	121
HEITOR DE MORAES	} Versos	126
C. MAGALHÃES DE AZEREDO <small>(Da Academia Brasileira)</small>		
JOSÉ LANNES.		
FRANCO DA ROCHA.	A doutrina de Freud.	130
SERAFIM VIEIRA	A luta contra o trachoma	137
ARTHUR MOTTA	Academia Brasileira(II)	145
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda	164
REDACÇÃO	} Bibliographia	171

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 46 - ANNO IV — VOL. XII — OUTUBRO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscrito £ 2.000.000

„ Realizado £ 1.000.000

Fundo de Reserva £ 1.000.000

Succursaes: Manchester, Bahia,
Rio de Janeiro, Porto Alegre,
Montevideo,
Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

PHENO-DANICA

Superior Desinfectante



Vende-se em caixas de 50 latas de 1 litro e em latas de 10 litros e vidros 100 grammas

O mais perfeito desinfectante antiseptico para lavagem de casas. Não deixa manchas brancas gordurosas, e é o producto mais recommendavel para a saneação de logares humidos subterraneos.

O unico desinfectante capaz de neutralisar o cheiro pestifero dos monturos, sem reduzir-lhes a potencia fertilisadora.

Camamos a attenção srs. criadores de gado e veterinarios para o uso antiseptico deste desinfectante no tratamento de febre apitosa e molestias congengeres, bicheiras, bernes e carrapatos.

Peçam amostras gratis

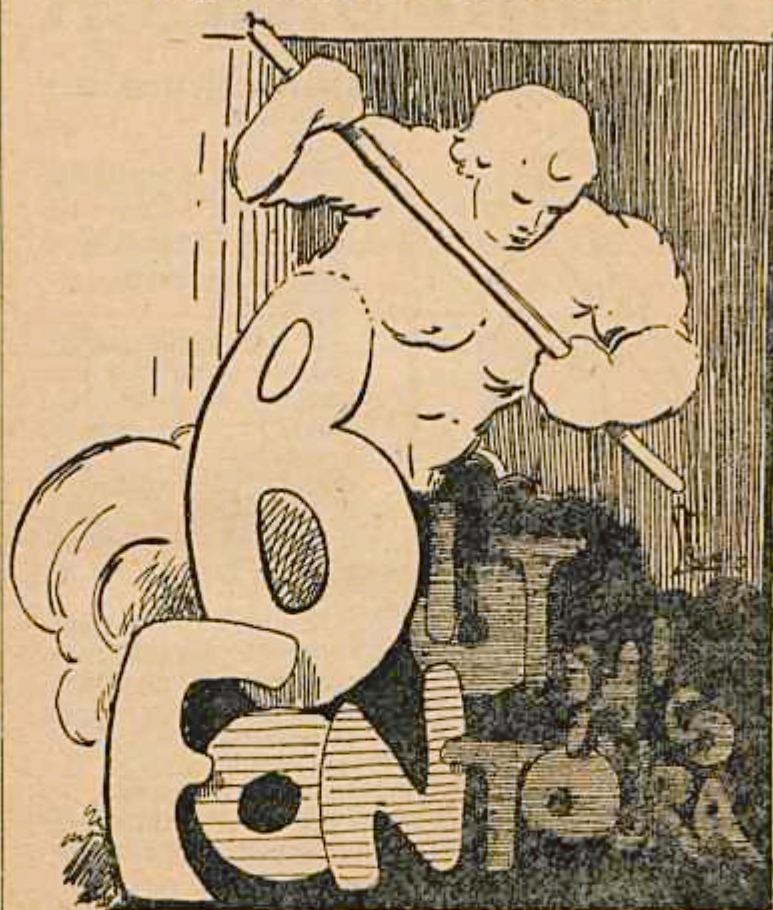
A. BOYE & C.

Rua Libero Badaró, 6 - Telephone, 2007-Central
Caixa Postal N. 1410

DEPOSITARIOS EM CAMPINAS:

José Milani & Comp. - Caixa Postal, 237

Como Venus sahiu das ondas, o
Vigor sahe do Biotonico.



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bemestar, de vida, de saúde.

O Biotonico cura todas as formas de anemia. Cura fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infundem novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose. :: :: :: :: :: :: :: ::

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Broa. Ltd., Londres . . .	<i>Cimento</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull	<i>Creolina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	<i>Chá da India</i>
Read Bros. Ltd., Londres,	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne	<i>Champagne</i>
Holzapfel, Lid, Newcastle-on-Tyne . . .	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull	<i>Preservativo de Madieiras</i>
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	<i>Dynamite</i>
Gotham Co. Ltd., Nottingham	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha	<i>Ladrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . .	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louça sanitaria, etc.

O VINHO RECONSTITUINTE

Recomendado e preferido por eminentes clinicos brasileiros :-:

SILVA ARAUJO



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo a par do sabor agradável ao paladar de todos os doentes e convalescentes."

Prof. ROCHA FARIA



"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados."

Prof. MIGUEL COUTO



"é um preparado qu merece a minha inteira confiança."

Prof. MIGUEL PEREIRA



"..excellent tonico nervino e hematogei nico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa."

Prof. A AUSTREGESILO

Tuberculose

Inappetencia

Anemia

Rachitismo

Escrophulose

AGUA PURGATIVA

MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febre gastrica e, em geral, em todos os enjurgamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal, ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu effeito immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma xícara de chá. *Elle não exige nenhuma dieta.*



COMPOZIÇÃO:

Sulfato de sodio anhydo	96,85
Sulfato de potassio anhydo	0,239
Sulfato de magnesia anhydo	3,94
Sulfato de cal	1,042
Chlorureto de Sodio anhydo	2,055
TOTAL das substancias fixas	104,168

Em um litro de agua gazoza purgativa —

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO

**XAROPE DE
LIMÃO BRAVO
E
BROMOFORMIO
DE QUEIROZ**

CURA:
TOSSE, ASTHMA, CATARRHOS
COQUELUCHE etc.



DROGARIA AMERICANA
Rua Libero Badaro 144
SAO PAULO





ARTIGOS DE FANTASIAS

*Casa especialista em
artigos para Presentes
de Casamentos e de
Aniversarios :: ::*



*Exposição permanente
nos vastos salões do
1.º andar da casa :: ::*



: CASA FRANCEZA :
DE L. GRUMBACH & COMP.

RUA SÃO BENTO 89 e 91 :: SÃO PAULO

RECEBE SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES

:: VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

Casa Matriz em
PARIS

Casa de Compras em
NEW-YORK



REVISTA DO BRASIL

Outubro, 1919.

O direito dos nacionaes

No Brasil se ha cuidado de tudo, menos do homem. O que tem empolgado o genio dos nossos administradores, por desde que longo tempo!—é a armação exterior a systematisação de um desenvolvimento material mais aparente que verdadeiro, é a forma vasia, é o mecanismo ôco. Ficou esquecido o braço que move as alavancas dessa endromina, o cerebro que o dirige, o homem, que se faz alma do progresso, mas que é alguma coisa mais que ella propria — a civilisação. Estes assertos, expendidos num artigo do sr. Mario Pinto Serva, que, com uma tenacidade incrível no meio da frouxidão moral do nosso jornalismo, vem estudando um a um os mais sérios problemas nacionaes, devem merecer um pouco de attenção e exame dos leitores desta nota de cada mez. Na verdade, o homem é entre nós o pária eterno, sem direito, sem educação facil, sem saude, sem hygiene e sem moral: era a principio o degredado e o aventureiro, que não mereciam consideração alguma; depois, de envolta com estes, o indio submettido, que não era gente; depois, o escravo preto, largo tempo entregue á terra, sem outro cuidado do patrão ou dos governos que não fosse a fiscalisação do seu trabalho de maquina; depois, o colono... De modo que, de toda essa gente não tem pensado os magnatas—os magnatas não pensam em nada — que se ia formando uma sociedade, com maiores direitos á vida e ao respeito de sua qualidade humana, do que a dos degredados, escravos, negros, indios ou colonos. De tudo isso surgiu um homem, com qualidades ou defeitos, mas um homem — o brasileiro. Largado durante seculos sem o amparo devido, supprindo as suas mais prementes necessidades á força de argucia ou com o prejuizo de bóa porção de seu sangue, o indigena chega a um tempo em que ainda

reune forças para um brado, capaz de ouvir-se do sertão á formosa séde da nossa não menos formosissima capital da Republica. «Sou homem, quero sau'de e escolas! ou demm-m'as, ou escavaco isto já, de alto a baixo!» Escavaco vae aqui apenas como uma hyperbole necessaria a todos os gritos patrioticos, e se o caboclo não a diz, nós, comtudo, temos de ouvil-a, havemos de ouvil-a. E' para não quebrar a serie de berros e guinchos, que, com um, deu a Cabral o Porto Seguro, com outro favoreceu-nos legando-nos a Independencia, e com outro, por fim, fez esta bella e auriverde Republica ... Que venha agora o grito do indigena, para a sua salvação. Será a maneira mais eloquente de commemorar-se o centenario: a reclamação do homem que se faz homem, do racional que se põe de pé e sabe pedir em linguagem articulada. Aliás, chegam as primeiras vibrações do berro aos nossos paes da Patria: já na Camara Federal foi apresentado um projecto visando a protecção do operario brasileiro, pela maneira pratica da sua defesa, de preferencia no trabalho. Grandes emprezas, que até agora chegavam a recusar o brasileiro, d'ora avante hão de tel-o, em maioria no seu trabalho, ou pagam dobrado os impostos. Já é um passo. Um passo? É, um éco longinquo que o bérro do nacional começa a despertar nos tympanos amoucados dos governantes. *Ad majorem Dei Gloriam ...*





A INDEPENDENCIA (II)

II - O movimento libertador na America do Sul

AS tentativas effectuadas de 1780 a 1810, duramente as reprimiu a Metropole. O proprio mallogro de Francisco Miranda, posto de lado o que na expedição de 1806 em Venezuela havia de auxilio inglez, como episodio que tambem foi, por este lado, da lucta européa entre Londres e Madrid, prova quão exacto é o asserto.

E mais se accentua o traço nas provincias mineiras do que naquellas, mais propriamente agricolas, como Chile e Buenos Ayres. Nestas, o esforço local atirava-se preferencialmente á lavoura, e soffria tutela menos estricta das autoridades ultramarinas.

Apesar de tudo, abaixo da superficie aparentemente immovel, meio e afastamento da Europa exerciam seu influxo. Em certas defezas tenazes contra as investidas de flibusteiros, no Pacifico, já se nota uma como que alma nacional. Acima de tudo, a repulsa final do ataque de Popham contra Buenos Ayres, em 1806, sob o mando quasi exclusivo do elemento colonial, e o rechassamento de Whitelocke, pouco depois, são a affirmação soberba do novo e forte liame que prendia ao solo do pampa os immigrados e seus descendentes.

A mais nitida e completa traducção historica e geographica dessas analogias e desses contrastes, ostenta a linha lindeira das duas raças.

Por mais lata a interpretação dada ao meridiano demarcador dos dominios das duas corôas pela bulla de Ale-



xandre VI e pelo tratado de Tordesilhas (1493), a fronteira na Sul-America seguiria de Norte a Sul a pouca distancia, para Este, da foz do Amazonas.

A apathia hespanhola, a fixação do elemento humano na zona do planalto andino na região alto-peruana, haviam permitido, em menos de dous seculos, que a iniciativa energica, cheia de lances audazes, dos lusitanos no Brasil recuasse o limite de 25 grãos para Oeste, quadruplicando a area primitivamente fixada pelo direito convencional a favor do throno de Aviz.

E esta fôra a conquista genuina e exclusivamente brasileira, gloriosamente levada a cabo pelos paulistas bandeirantes e pelos devassadores de jazidas.

A mina, condensadora de homens na America hespanhola por só permittir lavra perenne na mesma jazida, fôra, ao contrario, causa da irradiação no dominio fronteiro; pois rapidamente exgotados depositos e corridos, se impunham novas descobertas em zonas de dia para dia mais afastadas. O avassallamento ao solo pelo sertão a dentro ia fixando no chão, abundantemente regado do sangue dos conquistadores, e mais ainda dos indios vencidos, o linde entre as duas nacionalidades do Novo Continente.

Facto curioso, mas logico, onde a expansão partida do Atlantico menos se fizera sentir, fôra na zona do sul, onde a secular controversia da Colonia do Sacramento reflectiu o conflicto entre dous movimentos semelhantes, anthropogeographicamente falando: a dilatação para Sul das bandeiras paulistas; a ampliação para Norte do centro que, em breve, se constituiu na foz do Prata.

Em conjuncto, a iniciativa brasileira modificára em favor dos lusos a antiga partilha continental. Fôra esta de cerca de 2 milhões de kilometros quadrados para Portugal, e de 16 milhões para Hespanha, em fins do seculo XV. Passára a 8 1/2 para o primeiro e a 9 milhões para o segundo, trezentos annos depois. Que mais bella affirmção de vitalidade dos povoadores do littoral do Atlantico?

E como se comprehende que um povo capaz de semelhante esforço se sentisse demasiado engrandecido para sujeitar-se á compressão de uma metropole, que, sem compensações, lhe sugava o fructo do trabalho, possuindo população menor do que a da colonia, área territorial minuscule e estado social de nivel inteiramente comparavel ao da provincia americana!...

E' natural pensar, ainda, que o simples evoluir dos germens existentes de desintegração bastaria para, cedo ou tarde, por zonas talvez, levar as colonias a se separarem



das metropoles. Talvez fosse o Brasil o primeiro, a breve prazo acompanhado das provincias hespanholas de labor preponderantemente agricola, Buenos Ayres e Chile (onde a extracção do cobre não tinha a importancia que hoje tem), vindo em ultimo logar as regiões mineradoras. Obedece tal seriação ao desenvolvimento do espirito nacional em cada una das circumscripções mencionadas.

O inverso aconteceu, sob o influxo de um choque vindo da Europa. E ahi, si mister houvesse de novas provas de como não ha factos isolados, nem historia particular, mas que tudo se prende e só existem manifestações ou repercussões locais da historia geral do mundo; ahi, repetimos, encontraríamos mais um exemplo a illustrar a theoria da interdependencia dos factos humanos.

Foi a questão do Oriente, posta ante os povos europeus desde a invasão dos Teutões e dos Cimbro, mais recentemente desde o apparecimento dos Turcos no Bosphoro; foi a partilha do Imperio Ottomano, qual planejada em 1807, em Tilsitt, entre Napoleão e Alexandre da Russia, o ponto de partida do abalo profundo, cujas ondas, atravessando o Oceano, vieram solapar e derruir na America o poderio peninsular.

Nas margens do Niemen jogou-se o primeiro lance da partida de que resultou a Independencia.

O nexu que prende toda a diplomacia napoleonica é o grande sonho da conquista do Oriente, a reconstituição de um Mediterraneo latino, quiçá nova cruzada, sem intui-tos religiosos, entretanto, pela Asia afóra. O sonho imperial que, desde os primordios dos annaes humanos, periodicamente povôa cerebros privilegiados, e sacóde o mundo em convulsões de dôr nas tentativas, impossiveis de vingar, de sua realização pratica. Da expedição do Egypto á campanha da Russia, invariável permaneceu esse movel altissimo, do que nos fornecem testemunho todos os documentos da epocha, a começar das proprias confissões do Imperador francez.

Em 1807, vencida a Austria e aniquilada a Prussia, dominando a Italia, com guarnições na Dalmacia e em Corfu, o unico obstaculo continental á conquista da Turquia, primeiro passo do plano gigantesco, era a Russia. Após Eylau e Friedland, o Czar, derrotado, decidiu-se a negociar. Em Tilsitt, a sós, delinearum os ðous despotas o plano de acção commum.

Ficou decidida a partilha ottomana, sem fixação de detalhes, entretanto, pois o trecho essencial do territorio, os



Estreitos, era igualmente e com tenacidade inflexível cobçado por ambos.

Nunca estivera Napoleão tão proximo de realizar seu anhelô. Mas, para executal-o, com uma linha de communições estreita e extensissima pelos valles do Pó e do Adige, pela costa dalmatica e pelas ilhas Jonias, indispensavel era precaver-se contra a possivel ameaça de posições flanqueadoras dessa mesma precaria via que ligava á França seus exercitos. A Austria já não era de temer. Mas a Etruria, entregue aos Bourbons, poderia causar receios por sua situação marginal.

Por outro lado, senhora dos mares a Inglaterra, era necessidade vital, para o exito do plano napoleonico, não possuir essa eterna adversaria ponto de apoio em terras do Mediterraneo, em que pudesse basear a acção de tropas de desembarque ou centralizar a actividade de suas esquadras, perturbando as operações contra a Porta.

Ora, em vespas de Iena, no anno anterior, a Hespanha, apesar do validismo repugnante de Carlos IV, déra motivos de sério desassocego, e o Imperador não podia consentir em ver seus planos atravessados por uma península Iberica entregue a Wellesley, quer por acto do Governo de Madrid, quer pela porta aberta de Lisboa, alliada secular da Grã-Bretanha.

Para obviar a taes perigos, os autocratas, na entrevista de 1807, deliberáram secretamente eliminar os Bourbons da Italia e da Hespanha, doando esta a José Bonaparte. Como compensação ao Rei da Etruria, se lhe entregaria parte de Portugal, o Norte; o territorio restante seria dividido em duas porções, das quaes a central, o Tejo e Lisboa, ficaria em poder dos francezes, como fortaleza avançada contra a Inglaterra no Atlantico; a meridional se daria a Godoy, Principe da Paz, em paga de sua complacencia criminosa em servir Napoleão junto ao rei de Hespanha e á rainha Carolina. A Carlos IV caberia o titulo imperial, logo após a victoria sobre a Inglaterra, uma vez restituídas as colonias, por este paiz arrebatadas.

Para sortir effeito tal combinação, era imprescindivel se mantivesse absolutamente secreta e fosse executada com a maior rapidez. Por taes motivos, não foi communicada sinão ao futuro rei de Hespanha, José. Nem siquer os ministros dos dous Imperadores a conheceram, e o tratado, como unico indicio do projecto, incluiu apenas a intimação a ser feita ao regente D. João de Portugal, para que houvesse de fechar os portos de seu paiz aos inglezes e de confiscar as propriedades destes em terras lusitanas.



Carlos IV, sabedor do intento de partilhar o reino vizinho, promptamente acquiesceu em auxiliar a empreza, permitindo a passagem de tropas por territorio hespanhol, mal prevendo que abria as portas á invasão que o apearia do proprio throno.

A situação era mais favoravel aos portuguezes do que a seus vizinhos. Parceiro inconsciente de planos mais altos, Carlos auxiliava á sua propria destruição; enquanto o Principe-Regente, perfeitamente conhecedor do perigo e sabendo que seria joguete em mãos do poder formidavel da França, agindo por si e ainda com mandato da Russia, nenhuma illusão alimentava sobre o exito do conflicto, caso este se travasse.

A nitida percepção dos factos permittiu a D. João ter liberdade de escolher solução garantidora de seus dominios americanos, enquanto Carlos IV e seu filho Fernando caminhavam para a ignominiosa cilada de Bayonne.

Ao passo que pae e filho mostravam que, nas alturas do throno, não reinavam as nobres e cavalheirescas virtudes do povo hespanhol, este em revoltas successivas, animadas em breve pela Junta de Cadiz, rehabilitava a tradição viril da nação, e continuava a pelejar, inda após a proclamação do rei José, mesmo após a queda de Cadiz e do refúgio da Junta na ilha de León.

Em Portugal, outra se revelava a feição do caso politico. E' costume apresentar-se a cõrte bragantina qual fugitiva desatinada ante as forças de Junot. Quer-se interpretar como prova de cobardia um acto, muito ao contrario longa e maduramente ponderado, após deliberações em que se fizeram ouvir os conselheiros mais autorizados do Reino, e perante solução suggerida pela Inglaterra, surta no Tejo uma esquadra sua, que escoltaria a frota portugueza até o Brasil.

Resolvido pelas mais altas e seguras reflexões politicas, sortiu o alvitre todos os efeitos collimados. Que melhor justificação da orientação seguida?

Em fins de 1807 e no decurso do anno seguinte, surgiram, pois, factores novos e gravissimos na evolução das colonias latino-americanas. No Brasil, a latente expansão separatista ia ter, para a dirigir, o proprio impulso impresso pela transferencia da séde da monarchia na capital colonial, no Rio de Janeiro; impulso progressista e coordenador, a um tempo, como nexu permanente entre as varias capitancias.

Nas terras hespanholas, desde logo divorciadas do governo intruso de José Bonaparte, ia funcionar automati-



camente, com regularidade administrativa, uma disposição imperativa da lei das *Partidas* em caso de vacancia do governo metropolitano, cessava a vassallagem e estabelecia-se a autonomia governamental das Colonias. Assim se deu. Era o início da separação, embora inconsciente. Tanto que, no movimento generalizado que de Venezuela e Buenos Ayres, em 1809, explodiu, como protesto contra a usurpação bonapartista, em todas as *Juntas* formadas era proclamado o dever de respeitar os direitos do legítimo soberano hespanhol, já então D. Fernando VII.

Inda assim era a separação da metropole, e era o rompimento dos laços que faziam de toda a America uma colonia unica. Cada Vice-reino, assim tornado autonomo, nunca se subordinaria á preeminencia de um qualquer de entre elles. Desde logo, formaram-se os grupos de Nova Granada, do Mexico, do Peru' e do Rio da Prata.

Certas questões essenciaes existem, nas quaes a victoria, quiçá a lucta, só é possível, abolida toda e qualquer tentativa conciliatoria, eliminada qualquer eiva de animo transaccional. Transigir é ceder, e a primeira concessão faz ruir o edificio, assim possa desenvolver suas consequências. Certos conceitos politicos formam um dogma, são uma como que revelação do absoluto. Não se negocia com o dogma. Não se mitiga o absoluto. A resistencia deve formar blóco, integra, una, sem fresta pela qual se infiltre elemento dissolvente. Bem o comprehendeu a Igreja, que armou contra a Reforma a couraça das Decisões Tridentinas, e contra o modernismo as recentes encyclicas de Leão XIII e, sobretudo, de Pio X.

Mal se póde combater o que já uma vez se consentiu. E já Hespanha, em 1738, contra a opinião clarividente do ministro Aranda, havia reconhecido aos Estados Unidos, sancionando assim, por politica anti-britannica, o principio da emancipação colonial, tão perigoso para povo senhor de domínios dessa natureza.

A situação da metropole, com tal precedente, e applicado o conceito á Junta de Cádiz que, desde logo, quiz reger as possessões americanas, não era facil, muito mais ante um movimento legal que, proclamando apenas a autonomia e a equiparação dos Vice-Reinos ás demais provincias do Reino, ainda não chegára á ruptura completa e, antes, a repellia.

Mas o proprio desses processos desintegradores é proliferar. Breve, subdividiám-se as unidades autonomas. A Capitania-geral do Chile não julgava possível ser defendida do Peru', ao qual estava subordinada, e erigiu-se indepen-



dente, sempre respeitados os direitos soberanos de D. Fernando. Em Montevideo, Artigas se insurgira contra o dominio buenairense. Outras provincias interiores do mesmo Vice-Reino estavam egualmente perturbadas.

Poderoso fermento libertador encontrava-se no commercio inglez, recentemente estabelecido em terras americanas. O systema hespanhol era o monopolio. Voltar a elle fôra arruinar os valiosos interesses britannicos, formados á sombra da autonomia das colonias, pois estas, immediatamente após 1809, tinham cassado o véto metropolitano quanto ao intercambio com paizes estrangeiros. Tal auxilio era fortissimo e acompanharia sempre as novas nações; tanto que foi o principal propugnador do reconhecimento da Independencia, em Londres, junto ao Parlamento e ao Governo, assaltados o Gabinete e as Camaras por mensagens e representações das cidades manufactureiras e dos mercados commerciaes inglezes, com o fito de promoverem a acquiescencia official á nova ordem estabelecida.

Nada mais delicado e instavel do que a situação das terras castelhanas. Não era a separação, mas equivalia á independencia de facto, embora inconsciente sob o nome de autonomia. Nessa mole, por tantos seculos immovel, agora posta a rolar, exerciam pressão extranhos e formidaveis impulsos acceleradores. Eram os inglezes. Era o descobrimento de novos pontos de vista, até então vedados pela compressão exercida pela mãe-patria. Eram comparações com os paizes onde nem castas, nem privilegios, nem extorsões tributarias existiam. Mais grave entre todos, era o despertar de rudes instinctos, até então sopitados á força, nas camadas mais brutas e menos cultas.

Iam soprar em furacão todos os ventos soltos dos ôdres de Eolo. E mais exacerbaria o vendaval a feição francamente reaccionaria e absolutista de Hespanha, após a restauração de D. Fernando, em 1818.

De facto, pouco durou a phase lealista, salvo no Mexico, onde, em 1821, Iturbidê, ao proclamar o Imperio, resalvava sua submissão a Fernando VII. Já em 1810, o «Cabildo» de Buenos Ayres proclamava a Independencia, e essa prioridade comprehende-se, por ser este porto o de maior commercio e o que, restaurado o regimen anterior, mais soffreria perseguições de Madrid, pela concorrência feita por suas exportações aos productos congeneres da metropole.

Iniciadas, pouco após, luctas cruêntas contra as tropas enviadas do Peru' nunca mais cessou a peleja. Tucuman (1812) e Salta (1813) foram victorias de Buenos Ayres, sob a direcção de Belgrano. O congresso de Tucuman,



em 9 de Julho de 1816, constituiu as Provincias Unidas do Rio da Prata. San Martin, em Chacabuco (1817) e Maypu' (1818), firma definitivamente a libertação chilena.

A Norte, o movimento de 1809 resultára em proclamar-se a Independencia de 1818, em Venezuela, após uma phase lealista, na qual Quito, Caracas e Bogotá haviam estabelecido Governos autonomos, em nome de Fernando VII. Longo periodo de incertezas e de combates indecisos desfechou no surto de Bolivar, a dirigir o esforço emancipador. Boyaca (1819) e Carabobo (1821) decidem a libertação de Venezuela, de Colombia, e de Ecuador.

Póde-se affirmar que Londres era o quartel general dos partidarios da America livre, pois ahi se obtinham elementos bellicos, facilitados pelo commercio inglez, ahi se recrutavam batalhões, a ponto de formarem brigadas inteiras, de antigos soldados das guerras napoleonicas, tropas de todas as nacionalidades, com quadros preponderantemente saxões.

Já então soava a hora do desaparecimento do poderio iberico no continente americano. De Norte caminhavam para Sul as legiões libertadoras de Bolivar, em busca da sede principal das forças e das riquezas da metropole em suas possessões ultramarinas, o Peru'. De Sul marchavam para Norte, com o mesmo objectivo, os regimentos de San Martin, após dous annos de organização militar no Chile.

Desde 1820, achava-se o caudillo, vindo da Argentina, no Vice-Reino peruano, cuja costa Lord Cochrane bloqueára desde o anno anterior. Não devia ser dado, entretanto, ao general buenairense levar até o fim a campanha da Independencia. Fôra esta proclamada em 1821, mas ainda pelejavam as tropas hespanholas, e por vezes com successo. A aproximação do Libertador de Nova Granada permittiu a conferencia dos dous chefes em Guayaquil, e a renuncia voluntaria de San-Martin. Continuou o combate intermino sob a direcção unica do elemento nortista. As victorias de Junin e Ayacucho (6 de agosto e 9 de dezembro de 1824) eliminaram de vez o dominio de Hespanha.

Estava feita a Independencia.

Entrementes, problema inteiramente diverso, fôra adoptada a solução republicana para todas as novas nações surgidas da lucta.

A tradição era a monarchia. A não ser Bolivar, e esse mesmo com um plano constitucional, que, sob o nome de governo popular, se approximava da monarchia electiva,



talvez se não encontrasse um republicano entre os homens da emancipação da America.

Mesmo depois de passada a phase lealista, quando tiveram de organizar-se as novas unidades politicas, procuraram manter a formula a que estavam habituados, devolvendo a chefia a principes europeus ou a algum dos generaes libertadores, capaz de fundar dynastia.

Comprehendiam esses fundadores de nacionalidades que, subvertidas as antigas normas e postas em movimento novas e obscuras e formidaveis forças incultas e tão proximas á barbaria primitiva, um elemento se fazia preciso, indiscutido, capaz de conter demasias e de impedir a continuação e a permanencia do estado chaotico que se annunciava para as terras emancipadas, rios cheios transbordando as margens e avassallando os horizontes.

Voltar a Fernando VII era loucura. Sua restauração na Hespanha fôra golpe de morte na obra liberal das Côrtes de Cadiz. A America, abolido o jugo das castas e dos privilegios, não toleraria submeter-se outra vez aos mesmos males.

Constituir Reinos sob a direcção de Infantes de Bourbon, era renegar o monarcha hespanhol e constrangel-o a destruir o principio da legitimidade em cujo nome voltára a dominar a Peninsula, principio que, embora pouco duradouro, ainda nessa phase historica regia a acção internacional da Europa, sob a bandeira mystica do Tsar Alexandre e assegurada pela Santa Alliança.

Principes de outros paizes não dariam solução melhor. Além do desrespeito ao dogma legitimista, fôra introduzir na America os conflictos dynasticos e nacionaes da Europa. Nenhum dos Governos desta acceitaria tal ameaça de ampliação do poderio de seus rivaes.

Dos generaes da Independencia, dous apenas possuíam prestigio capaz de permittir lembrar-lhes o nome. Mas Bolivar era republicano, e San Martin vira seus actos fortemente censurados e combatidos no Peru', e, finalmente, desprendido e de animo altissimo, deixára o campo livre ás ambições que não partilhava.

Por exclusão, e como solução negativa, na phrase exacta de Garcia-Calderón, restava a receita republicana.

Era o abandono do Governo ás luctas de grupos insufficientemente preparados, do ponto de vista politico. Valia pela enthronização do regimen de caudilhagem, como remedio ao natural anseio de tranquillidade das aggremações,



que pediam para viver e progredir, e sacrificavam a legalidade á paz material, que a energia ou a violencia do caudilho, elemento providencial, conseguia impôr.

Cincoenta annos de luctas assim se preparavam, até attingirem á maioridade politica as nações então fundadas, com seu corollario natural de respeito a todos os direitos e de garantia a todas as aspirações.

J. PANDIA' CALOGERAS.





OUTRA HÉRO

(Novella de costumes cearenses)



A' pelos sessenta annos, viuvo de vinte mezes, ainda forte e sadio, o velho Rufino, lenhador e camaroeiro á margem do rio Cocó, entrou a considerar na aridez que nos ultimos tempos, desde o trespasse da mulher, lhe tomára o viver. Não tinha quem lhe zelasse carinhosamente a ordem da choupana e lhe apromptasse a refeição de todo o dia. Era obrigado elle mesmo a coar um gole de café pela manhã, e havia de preparar após o triste almoço para si. E ainda bem que uma das filhas, a Rita, a mais velha, uma vez por outra ia lavar-lhe a roupa do uso, dar-lhe uma limpeza rapida nos *terens*; pois os mais, uma sucia de homens e mulheres, o tempo de que dispunham mal lhes chegava a cuidar da familia de anno para anno multiplicada.

Ora, uma noite, marchando ao rio, para a pesca dos camarões fartos, emquanto matutava nas desgraças de sua vida, Rufino lembrou-se da Joanna, viuva do Romualdo, boa moça, nutrida e séria, que de tempos lhe chamava as vistas. Via-a sempre, falavam-se, aos domingos não faltava á casa della. Teve de subito a idéa de que bem a podia desposar. Ainda estava em tempo, ora se estava! — elle não era p'r'ahi nenhum mollenga, o caso era a rapariga querer. Estorvos não achava, a não serem uns derriços que principiára a notar no João Vicente, um desgraçado que não tinha onde cair morto e vivia por alli, de servicinhos. Isso, porém, não devia passar de bobagem, pois, mal encontrasse um bom partido, veria o João como a viuva lhe cortaria as vasas.

Assim, reflectindo, emquanto ia e vinha pelo meio da agua negra, o velho passou a noite toda. E ao clarear do

dia, tornando á casa, levava o plano formado de pedir a viuva.

Pela primeira viração da tarde, retirando o jumento que modorrava no quintalejo, á sombra de um cajueiro copado, montou-o e endireitou para o sitio da Joanna, onde abeberava sempre o animal. Ia agitado, nervoso, doido por chegar. Aquillo para elle era uma questão decisiva, acabaria a todo o custo com tal estado de coisas. Quando a finada se fôra, todos lhe diziam que fosse morar com algum dos filhos. Elle, porém, não era homem para aguentar, depois de velho, chóros de meninos ou arengas de marido e mulher. Ficou sosinho em sua choça, embora dissesse sempre que aquillo não era vida. Precisava casar-se outra vez, mesmo porque um homem é um homem,— com o que riam a valer na taberna do Juvenio Marcos. Era, por conseguinte, occasião de fazer como dizia.

O jumento, emtanto, seguia num trotar igual e sacudido. A paizagem, em torno, se abria num vago tom vespertal de gravura antiga. Para a frente, o caminho alteava-se — atalhosito branco sulcando o tapete vellutino da vegetação rasteira da salsa e matapastos. Casinholas pardas, de palha ou taipa, alinhavam-se continuas, á direita; ao outro lado rareavam, ligadas por cercados de varinhas trançadas. Alguem cantava a *Vassourinha*, quebrando ramos seccos na matta proxima. Pelo carreiro vinha descendo uma familia — o velho Maximo, a mulher, uma filha moça já gravida, após o genro; voltavam de erguer a choça para o casal novinho, prestes a deixar a casa paterna. Andorinhas forasteiras voltejavam com rapidez, riscando o azul esmaecido, estriado de nuvens. Ao sul, remota, eriçada de cumes, a serra de Baturité perdia-se na bruma, opalescente. Mais perto agora, rouxinolava sempre a cantiga:

Vem varrer, ó vassourinha,
Vem varrer, ó vassourinha,
Vem varrer meu coração!

E um amor de trigueirinha repolhuda e contente asomou na estrada, os cabellos ao vento, as saias em trançalhos, o seiozinho empinado, e um molho de lenha fina á cabeça, — como uma hamadryade rustica e morena, que houvesse fugido aos bosques da Hellade e viesse, levipede e airosa, brunir a carne e caldear o sangue ao sol dos tropicos, catando ramos seccos na matta.

Chegado ao poço, Rufino encontrou a Joanna lavando



uns pannos que estendia sobre a fachina de um cereadinho junto, onde vicejava uma horta de coentros, cebollinhas e tomateiros. Saudou-a, apeando-se, tratou de saciar o burrico. E, de repente, quedando em frente á mulher:

— *S'á Joanna, a senhora quer casar commigo?*

A rapariga poz-se a rir serenamente, sem attentar-lhe nas palavras, que reputou um gracejo; e proseguiu no serviço, como se não cuidasse no que ouvia.

— Então, moça — tornou o velho sisudo. — O negocio é sério. Diga devéras se quer ou não.

A viuva então mirou-o, agora concentrada, ao passo que um rubor subitaneo lhe afflorava á cara. — Não era a primeira vez que olhava com sympathia aquelle ancião robusto e bondoso, que valia bem por tres moços de hoje, e cujo perfil correcto lhe lembrava, mal comparando, o S. José de um registro, presente da mãe em suas primeiras nupcias. Ficou um momento enleada, absorta, até que fez:

— Deveras? — enquanto se erguia, esquecendo o trabalho, a enxugar na saia as mãos brancas da friagem.

— E então? Ou cuida *vosmincê* que eu sou homem de prosas? — E com muito geito Rufino foi expondo seu modo de vida: Nunca roubára, não precisava dizer; e, apesar de não possuir coisissima nenhuma, quando casára á primeira vez, somente com a ajuda de Deus e a sua *sustancia*, fizera a mulher viver melhor que muita moça da cidade. Em quarenta annos de vida commum, se não a cobrira de sêdas e de ouros, sempre a mantivera de modo a não soffrer vexames. Hoje estava disposto a reencetar a existencia, porque, com licença, vida de viuvo não é vida. Lembrára-se da Joanna, pois em todo o tempo sempre a vira com muito bons olhos — como digamos — como um bemquerer occulto, que augmentára ao vél-a no mundo sosinha, como elle.

A moça deixára-o falar, embevecida e feliz, tomada de uma ternura subita pelo bom velho trabalhador e leal, que dispendêra a existencia em proveito alheio. E, quando elle findou com os olhos rasos de agua, e lhe tomou as mãos, num suave gesto de caricia, ella, igualmente com os olhos rasos de agua, deu um passo adiante, contemplando-o entre as lagrimas, sussurrando:

— Pois peça licença a minha mãe.

— Vamos, então, a ella! — bradou Rufino já refeito da commoção. E, com a rapariga de um lado e o burrico ao outro, endireitava para a casa, quando lhe surgiu por deante a propria Vicencia, mãe da Joanna.

— *S'á Vicencia, seja franca, diga o que lhe vier á boca.*

E, a caminho de casa, gravemente, os tres seguiram a discutir.

Ficou assim ajustado o casamento; e na vespera de S. João, num sabbado, pela manhã, numa cavallhada algarrenta de convivas, foi o par á Fortaleza, receber na Sé a bençã nupcial.

Por todo o povoado e adjacencias, no caminho, havia grupos á espera do cortejo festivo, cruzavam-se ditos, risadas, impudencias maliciosas. — Minha N. Senhora! — fez a Joaquina Seridó, uma rendeirinha afamada na zona pela rijesa de carnes, que todo o rapazio gabava. — Mulher só não casa com carrapato, como diz o outro, porque não sabe qual é o macho ou a femea.

— Virge', olha quem fala — garguitou de banda uma velhota alcoviteira, especie de chronica viva de toda a população ribeirinha. — Um raio me parta, *muié*, se tu já não andou exp'imentando os carrapatos ...

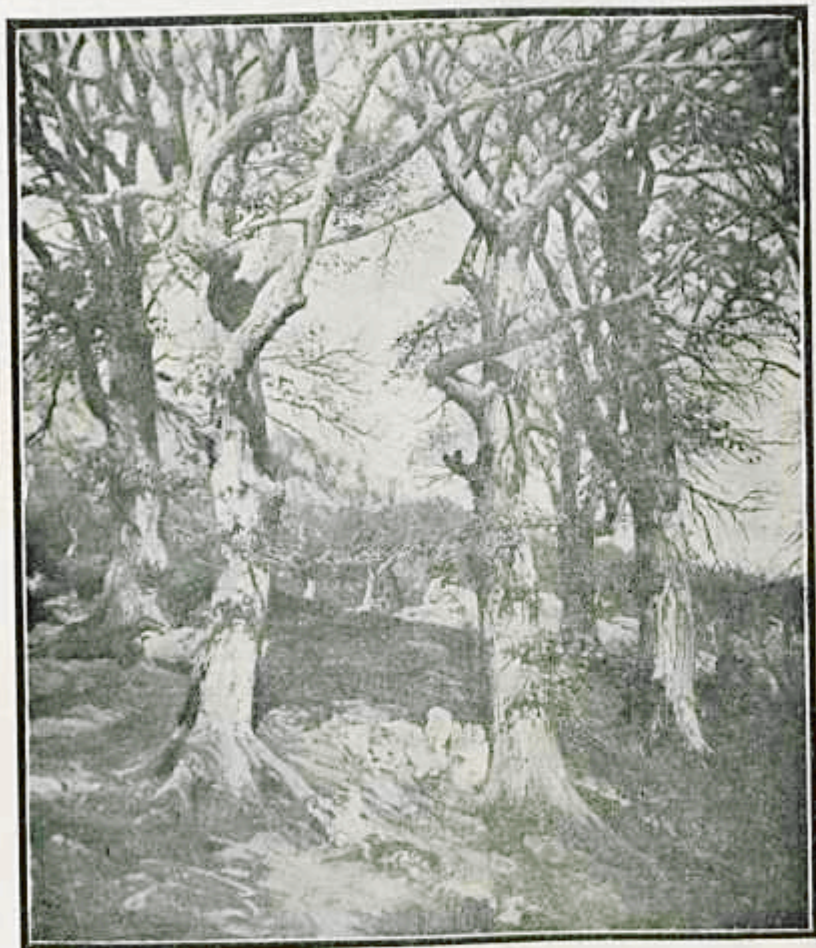
Uma gargalhada estalou, estrugiu de ponta a ponta, no ajuntamento formado em frente á taberna do Chico Saruê. E a rapariga, fula, um bolo a lhe entupir a garganta, num olhar que parecia querer varar de lado a lado a velhota, mudou de canto, perseguida pelos motejos da sucia de comadres, foi para a calçada visinha, onde a acolheu com alegria a rapaziada ali posta.

Só um, emtanto, não ria e folgava entre os demais. Encorujado ao pé do balcão, na venda do Saruê, tragico e livido, como um Othello de fancaria, o João Vicente esperava com ancia dolorosa a passagem dos noivos. Fôra para alli, sem mesmo saber porque, impellido pelo desejo pungitivo de ver a felicidade alheia, como no goso de revolver bem fundo a chaga de seu amor ludibriado.

O cortejo chegou por fim, saudado pelo vozear galhofeiro da assistencia. A' frente, vinha o velho Rufino, muito serio, teso na sella, envergando um terno de casimira preta, que lhe emprestára o compadre Rosalino, aggregado á fazenda do coronel Moura. Trazia um chapéo de massa, tambem preto. Os punhos de celluloido, rebrilhantes, saiam-lhe pelas mangas do paletó curto, embaraçavam-lhe os gestos; e um grande lenço escarlate, com ramagens brancas, enrolado á volta do pescoço, resguardava do suor o collarinho largo. Na garupa, cingindo-o fortemente com os braços roliços e bem torneados, — num vestido geitoso de cambraia rosea, ornado de rendarias da terra, o cabello onduloso em bandós negros sobre as orelhas, os olhos baixos, toda confusa e venturosa — a noiva. Após, caval-



EXPOSIÇÃO FERNANDEZ



Velhos Carvalhos

Gleco de A. Fernandez

EXPOSIÇÃO FERNANDEZ



OVELHAS

Oleo de A. Fernandez

cm
1
2
3
4
5
6
7
unesp
10
11
12
13
14
15
16

gavam os dois filhos do velho, — o Firmino e o Manoel, de ternos de brim pardo, chapéus de palhinha e gravatas hilariantes, uma rubra, de sangue, a outra côr de canario. Seguiam-se dois ou tres rapazes, collegas de pescarias, cada qual tendo á garupa uma rapariga irrequieta e palradora. E por fim, na cauda, o Fulgencio, dono de uma vasante famosa na lagôa do Papiru'.

Pelas dez horas, sob um sol violento e um céu tropicalmente immáculo e turquesino, regressou a tropa.

Em meio da viagem, na estrada ampla e adusta, um dos rapazes lembrou que tirassem o chapéo ao noivo. Houve risos, protestos das raparigas, afinal o velho chegou as esporas aos flancos da montaria e partiu em desabalada corrida. Tres minutos depois, Fulgencio, que se adiantára, num gesto de triumpho, acercando-se d'elle, arrancava-lhe o chapéo da cabeça. Os camaradas cercaram-nos, aos vivas, num tumulto de felicitações e puzeram-se novamente em marcha. Por onde passavam, de todas as choupanas do caminho, subiam brados, era uma berraçada possante de — *viva'os noivos!* — que reboava pelo sitio adeante. E até o fim foi sempre essa marcha festiva e bulhenta, sob o esplendor do céu azul, em meio á matta viçosa.

A' chegada, tres foguetes silvaram no espaço refulgente, espoucaram no alto, alviçareiros. E, na cabana cheia de conhecidos, a noiva era abraçada, festejada, gente entrava e saia, num vae-vem continuo, enquanto fóra atroavam gritos a todo o instante. Em todo o resto do dia não cessou o reboliço. Mais pela tarde serviram aluá em grandes canecas de folha, correram copitos de aguardente. E ao tombar lento e caliginoso da noite, quando nos céos remotos se accendia a fulgescencia diamantina das estrellas, e a lua argentea pompeava, como outro balão de festejo, — em face da casinha, no terreiro claro e limpo, irrompeu a chammarada estrelajante da fogueira votiva.

Por toda redondesa, então, em louvor do Santo, havia um continuo troar de rouqueiras, de bombas, de foguetes.

Romperam as danças, ao som de uma harmonica tangida pelo Firmino; e com a vinda do Symphronio, violeiro afamado, que todos receberam alegremente, mais redobrou o folgado. Todo o mundo bailava. Ao gemer da viola, as caboclas formosas e os cabras fornidos, tocados de *can-na*, requebravam com languidez, no baião remexido e lubrico. Outros, de mãos trançadas, iam rodear tres vezes a fogueira, celebrando o compadrio. E uma trigueirinha animosa, a Luiza Marcos, afogueada e resplendente de fé, re-



gaçando as saias com pudico recato, dispoz-se a saltar a fogueira, ante o fervor attonito dos mais. Mas, de repente, uma grita alvoroçada estrugiu no oitão da casa, todos correram para lá; e, guindado a um tamborete, o Firmino sustinha no alto, amplo e tumido de ar, um grande balão de côres vivas, que a tocha do pavio mais realçava. Moleques em roda assobiavam, os dedos na bocca, «chamando o vento». Até que, enfim, saudado pelo vozeio alviçareiro de todos, o enorme globo de fogo arrancou, escalonou a altura gloriosamente, listrando a noite de ouro.

No terreiro, onde a fogueira resplendorava sempre, mulatinhas arfantes de susto, nos intervallos das danças, iam tirar sortes, faziam a adivinhação do ovo no copo. E ora ficavam a sorrir, num extase, ante a torre aguda de igreja, que se tinha formado aos poucos na agua, a preannunciar casamento, ora rompiam em pranto, quando a albumina se transformava nos quatro braços fataes da cruz. Algumas, sonhando enlevadas, descobriam no liquido um navio veleiro, que lhes havia de trazer o noivo suspirado; e mais outras, no espelho de um poço visinho, miravam-se anciosas, no terror de não verem surgir o reflexo de suas faces, o que seria signal de morte proxima, antes do fim de outro anno. De tempos a tempos, ao pé de um cajueiro pouco distante, formava-se um grupo de meninos, todos attentos, olhando quando um delles chegava, com um fição acceso, para largar fogo á rouqueira. Espiralava uma chammasinha delgada, como uma fita de ouro, todos fugiam, e um retumbo formidavel enchia a noite.

Remexendo um saquinho de panno, um rapaz que acompanhára o Symphronio, entrou a ler um papelinho dobrado, em que estava a sorte de cada um ... Para a menina Rosa, o destino reservava, segundo resava a quadrinha impressa, um noivo guapo e lindo, que não tardava em apparecer na terra. A Raymunda Marcos, porém, socegasse, que o della só viria no outro anno, de uma viagem a que andava no Norte. A comadrinha Vicencia Bahia teria uma surpresa agradável qualquer dia; e, assim continuava, tendo uma coisa boa que dizer a todos ...

Cansados de dançar, outros convivas saíam, punham-se a gosar a fresca nocturna, sentados em tamboretos no terreiro. O Symphronio agora passára a cantar uma dote modinha apaixonada, que todos ouviam embevecidamente. A meninada exhausta ha muito se fôra recolher. E, na camarinhã silenciosa, os olhos fechando pouco a pouco, na semi-inconsciencia do somno que as acometia, as creanças reviam tudo:—os noivos a cavallo, a fogueira flambejante,

o bailar das moças ... E um caboclinho, quasi dormido, remexeu-se todo, irrequieto, fez ainda um tenue sussurro que era um grito falhado: — *viva'os noivos!*...

Passaram largos tempos. Joanna, jovial e deligente, era a alma da velha choça de ha muito estranha á presença de mulher nova. Rufino continuava a viver a sua vida de sempre, calmo, tranquillo, sem um assomo de violencia. Somente, por ultimo, andava apprehensivo, pois o João Vicente, que emigrára para o Amazonas desde o seu casamento, chegára havia um mez, engravatado e de chapéo do Chile, arrotando empafias e grandesas. A presença desse typo na visinhança, mormente assim, não lhe agradava de maneira alguma. Por isso, uma tarde, regressando da matta, onde fôra tirar lenha miuda, ao saber pela mulher que a *paroiara* estivera a conversar com ella, ficou de cenho carregado, parecendo-lhe aquillo um mão presagio.

— Que desejava aquelle animal, allí em sua ausencia? — resmungava o velho de si para si.

A moça affligia-se com o alvoroço do marido, arrendia-se já de lhe ter falado.

— Não lhe disse o que queria? — indagou elle por fim, rispidamente.

— Disse que vinha *mote* umas terras do coronel Barros, que *seu* Rufino conhece. Vinha perguntar não sei o que lá sobre ellas.

— Pois venha quando eu estiver em casa. — E assentou não sahir no dia seguinte, a ver se o outro voltava.

O dia, no emtanto, correu sem novidade, anoiteceu, e nada. Parecia que o João lhe adivinhava os planos.

Mal humorado, Rufino viu-se obrigado a seguir para a pesca habitual.

Chovêra a tarde toda, e a noite fria, sem lua e sem estrellas, mais convidava ao aconchego da casa, na quentura macia da rêde, do que a um serão prolongado sobre o rio.

O velho seguia apressado, irresoluto, com a cabeça cheia de idéas singulares; e de repente, quando já andára um bom trecho, estacou interdito, com a lembrança de voltar e saber o que iria por sua choupana. Ainda esteve um momento apalermado, quieto, receiando mais que tudo ir toldar a paz honesta que lhe cercava o lar. A curiosidade, afinal, de tirar tudo a limpo venceu-lhe os derradeiros escrupulos. Voltou.

Ao defrontar a casa, foi como se lhe dessem uma porretada vigorosa pela nuca.



Vozes em dialogo chegavam-lhe aos ouvidos, emquanto elle forcejava, com furia, em divisar o que se estava passando a pouca distancia.—Mãos olhos os seus, mãos como os da alma, que lhe não tinham permittido ha mais tempo ver o que devia! Foi-se assim approximando, contornou a casa pelos fundos e acocorou-se ao oitão, com o sentido alerta e a mão ao cabo da quicé.

Era bem elle, o João, não havia duvidar. E o velho poz-se a maldizer a hora em que se lhe mettêra pela cabeça transtornar o juízo á rapariga presa pelo coração a outro homem, recriminando-se por não poder seguir, palavra por palavra, a conversa que os dois travavam tão perto. A muito custo percebia uma phrase ou outra sem nexo, um riso impudente, depois os nomes de ambos entrecortados num gemido de amor.

Transfigurado de odio, Rufino empunhou a faca e num pulo selvagem caiu entre os amantes.

Joanna, do interior da choça, debruçava-se á janellinha, e falava, a bocca muito junto á cara do caboclo que recostado mollemente contra a parede, fóra, ouvia-a num enleio delicioso.

Ante o marido, num grito horrivel, a moça precipitou-se para dentro, emquanto os dois homens reboavam abraçados, no terreiro.

A luta foi rapida, João não tardou em subjugar o velho. Ficou um momento, mantendo-o sob si, acabou arrancando-lhe a arma inutil; e, jogando-a longe, entre as moitas de guabiroba que rodeavam a choupana, desvencilhou-se, ergueu-se rapido, fugiu.

Rufino ainda esteve um instante caído, exausto, poz-se de pé, por fim, entrou em casa. Muito calmo, fechou a portinha de madeira, apagou a lamparina que aclarava a camarinha. Chamou para dentro, a voz ainda num carregamento de ira:

— Veja lá se não vem dormir. — E, armando a rêde, estirou-se elle proprio, sem dar mais signal de si.

A mulher chegou afinal, transida de angustia e pavor, despiu-se a chorar; deitou-se tambem; e, pela cabana silenciosa e em trevas, rolou por muito tempo seu pranto suffocado, unico echo desperto na grande paz universal da noite.

Fugindo, João Vicente arrependia-se já de ter deixado o velho com vida. — Idiota! A'quella hora, sem outra testemunha além da mulher, facil lhe seria ter dado cabo do

infame. Depois, deixaria o logarejo, na mesma noite, iria viver com a rapariga fosse lá onde fosse, longe dalli.

Numa furia, mordendo os beiços, andava de um lado para outro, rondando as cercanias da casa do inimigo. Depois, arrancando-se á sua hesitação, afastou-se a largos passos, já tendo um projecto formado. — A' primeira que o Rufino fosse á cidade, ia esperal-o na volta, ás margens do rio, e largava-lhe uma carga de chumbo nos lombos.

Concertada essa idéa, soube um dia, pela manhã, que velho passára cedo, em rumo da Fortaleza. Correu, então, á casa do Chico Fortunato, a quem pediu emprestada a garrucha, a pretexto de liquidar uma raposa que lhe devastava o poleiro. De regresso, passando pela choupana do velho, falou á Joanna, pondo-a a par do que havia.

A moça ouviu-o, sem uma palavra, numa atonia completa. Desde a noite da luta, o marido morrerá para ella, pois, quando julgava receber d'elle uma punhalada, o desgraçado rolára na rêde, adormecido! Pobre velho, pobre amor, que não ousára erguer a voz contra quem o conspirára!

Emtanto, o cabra falava, falava, abria-lhe aos olhos perspectivas de um viver risonho, os dois apartados dalli, indo saciar bem longe a sua sêde amorosa. As mãos d'elle tomavam-lhe as mãos, corriam-lhe pelos braços acima, iam pouco a pouco empolgando-a. E, com os olhos em chamma, ferozmente, numa explosão de zelo egoista, entrou a beijal-a toda, impondo-lhe a sua vontade: — Pois não era? Pois não era? Pela hostia consagrada, como ella havia de ser d'elle!

A mulher emmudecida sempre, seu tormento enorme re-bentou em pranto. E, vencida já, desgrenhada, entregou-se toda, num derradeiro brado de revolta inutil: — Vá s'embora! vá s'embora! — enquanto lhe beijava em furia a bocca ardente e sensual.

Já em sua choça, pela tarde, quando João Vicente limpava a arma enferrujada, desabou um «pé de agua», de repente, um temporal de chuva formidavel, que de muito promettia a turbação do céu. Nelumbos côr de terra alastravam-se por todo o horizonte, esmaeciam ao longe o perfil das serras. O sol amarellado e baço luzia tenuemente, ronflava o vento sinistro e aspero, e o arvoredo retorcia-se convulso, trançava e destrançava as frondes verdejantes, num murmulhar revoltado de oceano.

Largando o trabalho, mal humorado, o caboclo foi examinar o tempo — que bem podia a borrasca transtornar-



lhe os planos. Com a chuva, que já augmentára o volume das aguas em dias anteriores, o rio decerto cobriria a ponte, e o velho assim não se atreveria a regressar.

Aproveitando uma estiada, correu para a torrente, a ver-lhe a altura.

Num mugido continuo e cavernoso, o rio descia, empolado e turgido, invadindo as margens folharentas, cobertas de hervações. Da ponte nem signal restava.

Furioso, o mulato adiantou-se, entrou pela agua, até que alcançou o madeirame submerso. Calcando com força no taboado rijo, aventurou uns passos, verificou jubiloso que só um palmo de agua o revestia.

Pelo meio do rio, bubuiando, desciam ramagens secas, deslizando lentamente, até estacarem ante a ponte, onde se abarreiravam, formando assim como um parapeito original, que indicava o passadiço aos transeuntes.

O cabra voltou. Em casa, no alvoroço da resolução tomada, foi buscar a garrucha, revistou-a, soprou-lhe no cano, para dentro, armou-a em seguida. Estava certo. Se o Rufino regressasse naquella noite, era um homem morto. Noutra occasião o rapaz não garantiria, porque, para elle, tudo era obra de momento, sua covardia chegára a ser proverbial no bairro. O que lhe valia, bem o sabia, era o fogo do odio a consumil-o todo, e mais que isso a posse cubiçada e plena da rapariga tentadora, que só por esse meio lhe iria parar nos braços.

O tempo enfim aclarou, desfez-se a tormenta aos poucos, pela tardinha.

Quando escureceu de todo, João Vicente apanhou a arma, tomou o chapéo e endireitou para a tocaia, que escolhêra, entre umas touceiras altas de mofumbo, a dez passos da ponte.

Em roda, a matta se alongava indefinidamente, num desenho falho de recortes, toda esfumada, numa borradura negra de painel scenographado. Longe em longe, uma arvore, ou outra, desgarrada, erguia sobranceira a copa solitaria, como uma vedetta no deserto. O rio, a pouca distancia, murmulhoso e tumido, mais abaixo, cachoava arquejando, como um lenço imenso pela noite. Das margens subia a intercadencias, o tintangalhar soturno dos sapos. A lua cheia, muito grande, côr de ouro e de fogo, com fiapagens de nuvens por cima — uma lua sinistra e morta, como as luas de Doré, surgia no relevo do horizonte, aclarando lividamente o cimo do mattagal e as aguas gorgolantes, pondo um fulgor de incendio no céu enfarruscado. Para o sul, para o norte, acima, abaixo, tenue, dispersa, a nevoa



desfraldava-se em flocaduras branquíssimas, palpitava, rompia-se, estendia uma túnica de neve sobre a mattaria ennegrecida, algo doava o espaço niveal.

O mulato esperou, esperou, correram as horas, tremiam-lhe já os membros, da friagem, quando de repente, pausado e cauteloso, um capinhar de patas cresceu na outra margem, subiu. Alguem vinha a cavallo — o velho, sem duvida, o rapaz acabou por divisar-lhe o vulto ante o luar.

Quasi erguido, pela commoção que lhe estancava o sangue nas veias, o cabra aperrou a garrucha, o dedo ao gatilho, mirando o cavalleiro que avançava.

Por um momento ou outro parou a montaria, de certo a pesquisar se a ponte offercia a segurança precisa; e novamente, mais lento e medido, entrou o *plache-plache* das passadas a ferir as aguas.

João Vicente, então saiu do esconderijo, a garrucha empunhada, os olhos luzindo. Aos agachos na sombra, sem ser visto, chegou á beira da corrente, alçou a arma, — e um retumbo estourou na calmaria, fulgurou um lampejo incandescente.

Rufino, attingido por toda a carga, abriu os braços para o céu, tombou para traz de escantilhão; e a cavalgadura espavorida arrancou para o lado, sumiu-se na agua. Um remoinho de espuma vortilhou estrupidante, enquanto o animal surgia adeante, nadando para a margem.

O morto ainda ficou um instante, espapaçado, immovel, sobre a ponte; mas como a ponte era estreita, e a enxurrada corria sempre sobre elle, não tardou em ser empurrado para fóra, e afundou no sorvedouro, para reaparecer lá baixo, rôlando na onda, como uma coisa morta, atôa.

Só então o assassino se poz de pé, a muito custo. Um pavor sem nome lhe arripiava as carnes, eriçava-lhe a grenha aleonada, parecia que lhe tocavam todo o corpo pontas de facas regeladas. Aos tombos recuou, o olhar pregado no cadaver que lá ia, arrastado sobre a agua. Da frente lhe escorria o suor em abundancia, os dentes craquejavam com furor. Andou assim para traz, a garrucha fumegante em punho, o chapéo para a nuca, até que recobrou animo, na estrada, rompendo numa carreira desvaivada e impetuosa, em rumo á casa do pescador.

Achou-a cerrada e escura, o que o alarmou desde logo. Offegante, anciado, bateu na porta, angustiadamente, chamando pela mulher. Como não respondessem de dentro deu uma volta e penetrou pelos fundos da choça. Estacou, apalpou os bolsos, procurando os phosphoros, riscou um,



accendeu a lamparina que encontrou num caritó, na cosinha. Chamando sempre a mulher, numa voz de choro, e de supplica, penetrou na camarinha. A principio nada viu á frouxa luz tremulante, andavam-lhe nuvens ante os olhos. Mas, de repente, num berro, avistando a um canto o bahu' escancarado e remexido, peças de roupa esparsas, uma rêde caída, aberta no chão, deixou tombar o lume, recuou, as mãos na garganta, sentindo-se afogar, rolando por fim desamparado, quando comprehendeu toda a verdade.

A rapariga havia fugido.

HERMAN LIMA.





O GORDO ANTHERO

DIA de festa no arraial. Ouve-se espoucar de foguetes e bendelengar de sinos.

— Vocês não saem hoje? — perguntou Celeste a Arminda, sua prima fazendeira, que com o marido, o gordo Anthero, eram seus hospedes.

— Meu menino está quentinho — respondeu Arminda, — eu ficaria com cuidados.

— Pois sáia, o sr. Anthero, vá dar uma volta com Henrique. ...

E chamou: «Henrique!»

Chamou e repetiu em vão, o que a levou a relançar o cabide, onde não viu o chapéu do marido.

— E' excusado incomodar o Henrique. D. Celeste, disse Anthero, porque a Arminda não sahindo, tambem não acho graça em sahir.

— Ah, minha Nossa Senhora! Ainda estão assim, depois de tantos annos de casados! Pois eu e Henrique nos casamos ha um anno apenas e — vejam! o chapéu d'elle não se acha no cabide. Já está batendo rua. Não se lembra de mim, nem de hospedes, nem de ninguem. Em tempo de festa a cabeça anda-lhe á roda. Essa creatura não perde baile, missa ou tocata: é o arroz doce de toda a festa. E pensam que elle me leva? Historia! Se quero ir, tenho que ir sózinha. Que inveja tenho de uma união assim!

Os seus hospedes sorriram. Celeste, depois da pausa exigida pela entoação pathetica da ultima frase, continuou de modo chocarreiro:

— Porque essa differença? Attribuo-a á gordura do sr. Anthero. Dizem que os homens gordos são sempre bons maridos. Vejam o major Silva: é quem troca fral-

das nas creanças e faz os pequetitos dormir. Dá um descanso para a Otilia! O Mario tambem; passa os dias ao pé da Marica, que é costureira, rematando as costuras e caseando os paletós. Ella até já o ensinou a fazer *trou-trou*. O Felisberto, então, a mulher faz d'elle o que quer. Para toda a festa elle dá-lhe um vestido caro, feito fóra e todo o fim de anno leva-a ao Rio ou a São Paulo. Os maridos gordos são sempre muito bonzinhos de genio e fieis, accommodados, ao passo que os maridos seccos, como Henrique, são umas pestes!

Emquanto Celeste assim fala, Arminda encara Anthero significativamente. Anthero baixa os olhos.

— Fieis, hein? murmura Arminda submettendo-o ainda á mesma prova.

— Pois Arminda você ...

A esposa atalha-o, arremedando:

— «Pois Arminda ...» Quando Anthero começa com esse «pois», já fico com a pulga atraz da orelha.

— Mas o que ha entre vocês? — perguntou Celeste, accesa em curiosidade.

— Conto? — perguntou Arminda a Anthero, zombeteiramente.

— Arminda!

— Conto!

— Que tolice ...

— Tem que contar! — instou Celeste. Agora mando-o eu. Para que foi mostrar-me o rabinho do segredo? Precisa puxal-o todo para fóra.

— Olhe, Celeste, para você não se illudir com a fidelidade dos gordos, vou narrar-te tudo.

E enquanto Anthero manifestamente desconcertado não despregava os olhos do assoalho, remexendo com nervosismo um mólho de chaves no bolso, Arminda começou a confidencia promettida:

— Anthero sempre gostou de moças. Querem vel-o alegre e falante, é estar perto de moças. Commigo não tem prosa; mas ponham-no em uma roda de senhoritas de carinhaz gentis, que elle logo se torna loquaz e esquece o serviço e tudo o mais, e, onde ellas vão, vac elle atraz, papagaiaando quanta coisa lhe vem á bocca.

— E você não se incomoda?

— Não, porque tambem tenho o mesmo gosto. Os dias em que hospedo minhas amigas, para mim são dias de festa. Ainda fico mais enlevada e satisfeita do que Anthero. Por isso convido-as, arrasto-as para lá sempre

que posso, sem pena do suplicio a que as sujeito, levando-as para tão triste ermo.

Entre as convidadas figurou a Evelina, que não se fez rogar. Lembra-se de Evelina? A de Itajubá, que estudou no Rio, no collegio das irmans. Tinha seu requêbros de moça que aprendera as maneiras elegantes das cidades grandes, além de muitas prendas adoráveis: ãõa pianista, desenhava a primor, poetiza. Esteve comnosco breve temporada. Nesse tempo, ah! se você visse Anthero! Deixou de ir á roça, não olhava as criações, esqueceu-se de tudo! Passava os dias em casa, atraz de nós duas, a pedir a Evelina que tocasse, que cantasse e por fim até queria que ella lhe tirasse o retrato.

Eu dava-lhe razão, porque bonita ella era mesmo. Os cabellos, você se lembra, de um louro de sol, apanhados por uma fita aqui, pouco acima da testa. Uma pelle que se pôde dizer limpa; nem uma espinha, nem uma sarda. Uns labios que você diria que levavam *rouge*. Tinha um riso de covinhas que lhe mostrava os dentes perfeitos, sem nenhuma falha ou obturação. Corpo bem feito, elegancia natural... E sobre o mais sympathica, sem luxos. Emfim, se eu fosse homem, ficaria como Anthero ficou. Conforme te dizia, elle não descollava. Na mesa eram atenções infinitas. Anthero, que nunca ia á cozinha, passou a tornar-se uma embirração, a farejar nas panellas, indagando do que havia de bom, e, se nada houvesse, estava elle afflicto, a enviar proprios para toda a parte, mandando vir até cerveja e latas de doce. E prosa como isso! Contava casos que nunca ainda me contara, tanto que eu pensava que elle os inventava, para tornar sua palestra interessante. O coió! Eu achava-lhe uma graça immensa, sómente pedindo-lhe, de vez em quando, que não desdeixases a roça.

— Ora a roça! — dizia elle. Tenho o Lucas, que olha tudo. Você bem sabe quanto vale o Lucas.

E d'antes elle vivia a querer despedil-o, sob pretexto de que não movia uma palha. De um dia para o outro o administrador cresceu de importancia para Anthero!

Tirante esse receio dos negocios desandarem, eu gostava immenso da estada de Evelina na fazenda, pois além de ãõa amiga era companhia divertida.

Uma noite, porém, não nego fiquei um pouco contrariada. Estavamos na sala e Evelina tocava. Eu, de um lado, passava as folhas da musica e Anthero, do outro, ouvia-a de bocca aberta, uma bocca tão aberta que parecia que ia comer a musica, o piano, a pianista e o mais que

havia na sala. Num intervallo Evelina voltou-se para mim e poz-se a contar-me não sei o quê. Depois de algum tempo que começava a falar, interrompeu-se de subito, e, gy-rando o mocho, disse para Anthero:

— O sr. queira desculpar! Estou tão distrahida que sem querer lhe dei as costas.

Ao que elle replicou:

— Nada tenho que desculpar, D. Evelina. Um anjo como a senhora não tem costas.

«Um anjo», ouviu? Pois foi assim que elle disse. Na hora, fiquei passada, mas calei; nessa noite, porém, quando nos fomos deitar, achei preciso ralhar com elle: «Como é, Anthero, que você foi falar uma coisa d'essas?» «Falar o quê?» «Você disse: Um anjo como a senhora não tem costas.» «Pois que é que tem dizer assim?» «Tem muito, porque não é cousa que se diga.» Dissesse: «Uma pessoa com a senhora, uma moça como a senhora, ou outra palavra assim; mas «um anjo», não tem proposito.»

Elle ainda quiz discutir, mas como eu retruquei, afi-nal embatucou. Depois desse ralho, concertou um pouco; mas se você visse quando Evelina voltou para Itajubá! Elle continuou aereo, só falando em vender a fazenda e em nos mudarmos para alguma cidade.

— Para que cidade, Anthero? — perguntei.

— Itajubá!

— Você está louco! Nem essa, nem outra qualquer. Nossa lida é na fazenda, e, fóra da lavoura, nem você nem eu não entendemos de nada.

Elle teimou, falou em fazer «negocios volantes», mas eu bati o pé! Então, Celeste, sabe o que aconteceu? Anthero cahiu de cama! Creio que não era bem doença o que elle tinha, mas uma especie de desanimo, de indiferença por tudo. Gemia sem explicar o que sentia e deu de emmagrecer, indo a ponto que tomei a resolução de falar-lhe serio: «Anthero, isso não tem geito. Assenta a cabeça, homem. Você esquece que tem mulher e cinco filhos pequenos por quem olhar. Cria coragem e vae tratar da vida.»

Animei-o como pude, para que sahisse d'aquella ban-zeira. Vi que elle ficou impressionado, ruminando minhas palavras Até que um dia elle chamou-me e disse-me em tom decidido.

— Olhe, Arminda, pensei naquellas suas palavras e vi que você tinha razão. Foi uma bobagem minha e já pas-sou. Hoje mesmo vou levantar-me para botar para fóra o Lucas e cuidar da lavoura.

E assim fez... E ahí está outra vez, o homem, com essa cara tão sonsa que parece mesmo um santarrão... Anthero que suspiro é esse?!»

Anthero que durante a exposição apresentara todas as modalidades da descocha, da descocha de olho baixo, a que não sabe onde pôr as pernas, a de riso amarello, ao cabo da narrativa passou a mostrar-se visivelmente acobrunhado e porfim suspirou.

— Que suspiro, é esse, diga!

E Arminda furiosamente agarrou-lhe as orelhas ambas, ao passo que elle abria um riso desconforme, bonacheirão, mostrando a alma affectiva á flôr do rosto.

Passára a nuvem que de novo por um momento lhe obnubilára a alma e elle volvia a ser o bom Anthero, modelo dos maridos e pae de familia exemplarissimo.

GODOFREDO RANGEL.





DOR DO IDEAL

O MAR:

*O' Lua, minha noiva! Ha já milhares de annos
Que eu em vão te persigo,
Com os meus sonhos de amor, tresvariados e insanos!*

*Surges no céu longinquo... E, em delirio eu te sigo,
A alma cheia de enganos,
E em vão soluço, e em vão te imploro:—Vem conmigo!*

*Ha tanto que eu te espero! Escuta do meu seio
Marulhoso os queixumes!
Meu amor é maior do que o céu; consagrei-o*

*A ti sómente, pois tu só, só tu resumes
O ideal por que anseio!
Quando ascendes ao solio azul, ardendo em ciumes,*

*Atiro uma blasphemia infanda ao infinito;
E, em desjreitada sanha,
Não podendo alcançar-te, ameaço, rujo, grito,*

*Ululando e espumando, a remorder a entranha
Das rochas de granito —
Tamanho é o meu amor! a minha dôr tamanha!*

*Como uma celestial rainha de ballada —
Fascinadora e nua,
Segues, indifferente, a Via Lactea estrellada...*

*Segues... Só fica em mim, dentro em meu seio, a tua
Imagem retratada,
Minha intangível, minha idolatrada Lua!*

O POETA:

*O' Mar, meu pobre irmão! E' insano o teu desejo,
Sem cura esse jeroz
E formidavel desespero, em que te vejo:*

*Nunca, jamais, a Lua ha de entender-te a voz,
Nem lhe terás o beijo.
Soffre, mudo, o rigor do teu jadarío atroz.*

*Clamas em vão: vê tu! A Lua, indifferente
E surda ao teu clamor,
Desapparece, além, com a noite, no occidente...*

*Brilhou; mas, no teu seio azul de sonhador,
Se reflectiu sómente —
Breve sonho de luz, formoso e enganador...*

*Brilhou... Passou... Assim, tambem é o meu ideal:
Loira visão querida —
Brilha... fascina... e passa. E que resta, ajinal?*

*-- Num clarão de saudade, um sonho, mais, sem vida,
E a ancia eterna, infernal,
Da alma a sangrar de dôr, e ainda, e sempre, illudida!*

HEITOR DE MORAES.

O CACHIMBO

*Eu tenho um singular cachimbo antigo,
cujo vaso é, maravilhosamente
esculpida, a subtil, irreverente
cabeça de Voltaire. E, em quanto instigo*

*e gózo o aroma do tabaco amigo,
dir-se-ia que o trabalho vivo, ardente
e complexo de um cerebro potente,
todo a meus olhos franqueado, eu sigo...*

*Gemeas, vejo surgir a idéa, a imagem;
a razão, a vontade e a fantasia
em vastas obras agem e reagem...*

*Chammas, luz, fumo... mas... vence a porfia
o fumo... e jaz na turbida voragem,
por fim, somente a cinza negra e fria...*

À CIGARRA

*Amo-te, ó toda poetica cigarra;
amo-te a alma infantil e a voz aguda,
bem que a formiga pratica, sisuda,
julgue o teu canto estólida algazarra.*

*Que ela, como o asno, servo da almanjarra,
labute e pene, pois não voa e é muda;
tu com o teu hino ardente o sol sauda,
e o teu viver breve e ditoso narra!*

*Canta, que és alma e voz, cigarra amiga.
Dá, com desdem do ganho subalterno,
lições de ideal á mercantil formiga.*

*Consome o coração louquinho e terno
no frenesi da efemera cantiga.
Bem sabes tu que não verás o inverno!*

(«Vida e sonho»)

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO
(Da Academia Brasileira)

À UM MISOGYNO

*Coração sem amor, que á Natureza, afflicto
imploras um consolo a teu tedio infinito
e uma réstea de sol ao teu gelo polar;*

*si ella é Mãe para os mais, tambem madrasta avara
sempre foi, e ha de ser, eternamente, para
todos os corações que não sabem amar.*



*Pois nunca poderá compreender a beleza,
a arte, o sonho, o mysterio, a alma da Natureza,
quem, uma hora somente, um momento sequer,
vibrante de paixão, ou de dôr lacerado,
não estreitou ao seu um corpo delicado,
nem chorou, no abandono, o amor de uma mulher...*

CANÇÃO DO JURAMENTO

*Fiz um dia um juramento
de nunca mais te querer;
de nem sequer um momento
outra vez teu pensamento
no coração acolher...
Era firme o juramento
de nunca mais te querer.*

*Mas apenas o fizera
mal de meus olhos! — te vi;
e como si nada houvera
nem ainda te esquecera
o juramento esqueci...
E mesmo do que fizera
duvidei, quando te vi.*

*O resultado estou vendo,
estou vendo, mas em vão:
que sem remedio soffrendo,
em sangue e fel escorrendo
tenho agora o coração...
Mas quem, amor, em te vendo,
tambem não jurará em vão?*

JOSE' LANNES



A DOUTRINA DE FREUD

O eminente psiquiatra Dr. Franco da Rocha publicou em opusculo um interessantissimo estudo sobre a doutrina de Freud ou a psychoanalise. Freud vê em todas as manifestações da actividade psychica o influxo determinante do instincto sexual. Esse instincto é o creador da força de que tudo na vida é decorrente logica, força que Bergson denominou "evolução creadora", Schopenhauer e Nietzsche — vontade de poder, — e a metaphisica antiga classificava como impulso vital. Freud deu-lhe o nome mais preciso de libido, e alicerçou nella toda o edificio da sua fecunda hypothese. O Dr. F. da Rocha enriquece o seu estudo com observações pessoaes, muito interessantes.



Os psicoanalistas aproveitam tambem nas suas investigações os menores factos da vida diaria comum. A psicologia da vida diaria deu a Freud o motivo de um dos seus interessantes livros — *Psychopathologie des Alltagslebens*. Ahi são estudados os gestos da vida comum, visto que estes obedecem a um determinismo a que ninguem fôge. A mimica, os reflexos, os cacoêtes, a inflexão da voz, uma palavra solta e habitual, os lapsus, as ratadas, os esquecimentos de nomes, trocas de palavras, etc., tudo isso serve para o descobrimento de tendencias e desejos inconscientes, porque são como os sonhos, isentos dos disfarces criados pelas fórmulas desenvolvidas da actividade psiquica voluntaria, adaptada ao meio social.



Não ha um só facto da vida diaria com a qual a brigem a psicoanalise não descubra, mesmo dos que na apparencia são inteiramente arbitrarios. Vou dar um exemplo meu, para evitar a copia dos exemplos de Freud. Poucos momentos antes de escrever estas linhas, estava eu trauteando distraidamente um trecho de musica que ha treze anos não ouvia, facto esse que me despertou a atencão e o desejo de aplicar as idéias de Freud, para lhe conhecer o porquê. Foi facilimo. Estava eu na Praia de S. Vicente; vinha voltando da casa do Snr. Nobiling, onde fora buscar um volume da Enciclopedia Brockhaus. Ao chegar á casa daquelle snr., havia encontrado suas filhas no jardim, a brincar num balanço pendurado no galho de uma arvore; ao mesmo tempo eu ouvia o bater cadenciado das ondas, na Ponta do Itararé. Estava explicado o facto. A musica que eu trauteava, na volta, era um trecho de uma opereta que ouvi em Berlin, em 1906; era uma canção que quatro ou cinco moças cantavam, ao mesmo tempo que se divertiam, cada uma num balanço, desses que as crianças tanto apreciam. Esse trecho de musica era frequentemente tocado pela banda do navio alemão — Ractia — em que voltei da Europa, ha treze anos. Está ahí claro o determinismo. A ligação se fez inconscientemente. Eu não me lembrava da opereta nem do navio alemão, nem de Berlin. Dei um exemplo futil, banal, facilimo, para bem salientar o determinismo dos factos da vida psiquica, como elles são compreendidos por Freud. Ha casos muito mais complicados, mas a psicoanalise os elucida. a todos. Os esquecimentos de nomes proprios são sempre atribuidos a falhas de memoria, sem mais explicações. Isso é um erro. Muitas vezes é uma repulsa inconsciente que simula um defeito da memoria. A psicoanalise descobre quasi sempre essa repulsa. Outras vezes um desejo inconsciente nos faz dizer o contrario do que pretendemos dizer conscientemente. Freud apresenta nesse sentido exemplos interessantissimos.

Todos os medicos atilados conhecem isso, praticam esse metodo durante os seus exames psiquicos; todos o praticavam, antes de Freud, mas o faziam como habilidade pessoal, intuitivamente, sem tecnica preestabelecida.

Taes pequenos factos são para Freud indicios reveladores de *complexus* inconscientes, de desejos dissimulados, razão pela qual foi êle buscal-os para incorporar o seu estudo ao dos sonhos e da associação de idéias, como mais uma fonte de ensinamento.



A habilidade de algumas autoridades policiaes investigadoras (excluidos, portanto, os que exercem esse officio como simples empregados publicos — a mór parte), funda-se exactamente no conhecimento intuitivo, empirico, de todos esses pequenos factos, aos quaes se refere a escola freudeana.

Citámos, linhas atraz, o caso do delegado do Maranhão, que Freud de bom grado acolheria no seu livro, si não tivesse farta mèsse de factos identicos no seu proprio meio social. Um simples gesto, o cumprimento, traíu todo o psiquismo do homem naquêle momento. Foi o fio conductor pelo qual a autoridade penetrou no intimo do criminoso e por um processo simples, inconsciente: substituiu sua propria personalidade pela do delinquente, isto é, pensou como êle naquêle instante.

O Prof. Bleuler, pela leitura de um romance, previu matematicamente o divorcio do autor do livro, com um ano de antecedencia.

Não é nossa intenção reproduzir aqui o livro de Freud. Os curiosos não se contentarão com a leitura deste nosso apressado resumo; irão á fonte original. E' isso exactamente o objectivo que nos levou a expôr estas doutrinas. Abre-se aqui um vastissimo campo de applicações das doutrinas psicoanaliticas, não sómente em relação ao crime e ao criminoso, como para o confecimento dos moveis e afinidades subconscientes dos funcionarios da justiça que, sem o saber, são tambem victimas, nas suas determinações, de sua affectividade reprimida ou recalcada. Não creiam, pois, os senhores funcionarios da justiça, que só os criminosos são victimas de suas tendencias; êles tambem fazem muitas vezes descreer da justiça, em nome da qual agem, sob a influencia de suas proprias tendencias inconscientes. E' duro, mas é verdade.

Neste capitulo, da psicologia da vida diaria, entra o estudo do *espírito cómico* (Witz) ao qual dedicou Freud um artigo especial.

O gracejo, a pilheria caustica, a caricatura dos jornaes, a mistificação por troça, em tudo isso o processo psicoanalitico descobre o simbolismo sob o qual se escondem os *complexus* inconscientes ou uma idéia mais ou menos consciente do autor, que assim realiza economicamente uma tendencia affectiva — desejo de injuriar, vingança e, frequentemente, uma tendencia erotica. A tendencia erotica, sobretudo, é de uma frequencia que não pôde deixar de impressionar os que estudam a psicoanalise. O gracejo sexual, por mais velado que seja, é uma aggressão



sexual. Freud aplica, nesses casos, os seus processos de análise. O mecanismo psíquico do cómico tendencioso é assim descrito por êle: diversos factos reúnem-se num só, despertado pelo gesto, palavra, ou incidente gaiato; é a *condensação*. A *elipse* exprime essa condensação numa só palavra, numa interjeição ou num acto. A *deslocação afectiva* faz com que se torne agradável ou risível um facto indiferente, mas que está em relações associativas com um outro oculto, cuja força emotiva passa para o primeiro e assim tem sua expansão livre. A *alusão simbólica* dá-se, no cómico, por alegoria, como nos outros factos psicológicos já apontados pela psicoanálise. Exemplo:

O director do jornal *O Seculo*, dirigindo-se uma vez a um poeta do Rio de Janeiro, pediu-lhe um exemplo de cumulo de lerdêza. Este respondeu: é o sujeito ir ao W. C. e levar um *seculo*... Ao que o outro replicou: fica *sem anos*...

Ahí se vê tudo: condensação, elipse, alusão simbólica e transferencia emotiva. E' um meio economico de expansão, sem luta com a censura, que representa a moral. O desejo agressivo se realiza sem ofensa á ética.

O Rio de Janeiro, como todas as grandes capitães, é fértil em produções dessa especie. O povo, sequioso de oportunidade para expandir tendencias reprimidas, principalmente eroticas, desabafa-se quando um facto notorio lhe permite expandir essas tendencias, iludindo a censura por meio de alusões simbolicas. No nosso tempo de curso academico appareceram no Rio de Janeiro dois embaixadores chinezes — o Ku e o Fu — a proposito dos quaes aquêlê povo deu largas a essa tendencia. Surgiram até livrinhos de versos, cujo motivo era o primeiro embaixador, pois o segundo só servia de consoante para a rima.

Ha outros motivos determinantes dos gracejos, entre os quaes, por exemplo, o prazer infantil de brincar com as palavras, deformando-as; o prazer de reunir numa só formula diversos factos individualmente conhecidos, etc.

Criada a psicologia de Freud, com caracter geral, era inevitavel sua expansão como sistema filosofico, a abranger na sua esfêra a arte, a religião, a moral, a literatura, tudo o que concerne á actividade psíquica no que êla tem de mais elevado (sublimado). Religião, arte, filosofia, são aspirações idealisticas do instinto; a histeria, a paranoia, a catatonia ou a demencia precoce, realizariam macaqueações estereis. Essas doenças isolam o sujeito do seu meio social, a cujo modo de pensar colectivo êle não se adapta,

mas nem porisso deixam de ser, no fundo, da mesma natureza das mais nobres aspirações humanas.

Vejamos as palavras de um ardente sectario das doutrinas de Freud: «A dogmatização da religião é um processo pelo qual se rouba á simbologia miticoreligiosa toda sua força sentimental. O labor dos teólogos, na sua faina de intelectualizar as crenças, nada mais faz do que degenerar o culto em árido verbalismo, até que surge um espirito dotado de forte tonalidade emocional — o profeta — que, pela regressão de sua *libido*, consegue a vigorosa palingenesia de um mito primitivo, quasi esquecido, que alivia seus contemporaneos do peso das dificuldades da vida real, objectiva, e os convence, porque reactualiza o que havia de mais precioso para elles em outras épocas mas recalcado desde a infancia no fundo de seu espirito. Fornece-lhes assim o meio de satisfazer dissimuladamente as exigencias da *libido*, porque a essencia da religião, como manifestação dos poderes sobrenaturaes, é meramente um sensualismo supernormal, um psicoerotismo espiritualizado, transcendentalizado, apoteozado. A sciencia, por outros caminhos, já tinha o conhecimento adquirido de que o extase místico se assimilha ao gozo venereo, e é desprovido, portanto, de todo e qualquer significado misterioso ou suprafísico.» (H. Delgado).

O grande e fogoso escritor columbiano, Vargas Vila, parece ter se enfronhado nessa doutrina para escrever «A Tragedia do Christo», livro em que se reduz a morte do suave Nazareno a simples questão de ciumes de Judas. A celebre frase — *cherchez la femme* — não é, pois, um simples gracejo generalizado; encerra uma noção profunda da psicologia pratica.

Mesmo nas religiões adeantadas encontram-se simbolos libidinosos nos seus diversos misterios. No despontar das primitivas civilizações houve religião em que se adoravam os simbolos do acto sexual. O culto *falico* é a prova disso, e o órgão masculino, evidentemente o mais activo, tomou a supremacia, origem da *androcracia* das organizações sociaes modernas. (1)

(1) O simile do culto falico existe hoje bem vivo no meio social actual, pois outra coisa não é a superstição que atribue á *figa* o poder de conjurar certos males. Que vem a ser a mão fechada, com o polegar entre o indicador e o medio? Perdeuse a ligação mental originaria, isto é, a significação primitiva do objecto, mas ficou a feição física que trai a origem. Sendo um simples objecto conjurador de males, a ética, hoje, não impede que elle ande junto com as medalhas pendentes no pescoço das crianças, das moças e até nas cadeias de relógio dos homens.



Houve, entretanto, povos primitivos em que dominou a *ginocracia*, porque entre eles o elemento feminino foi considerado como mais importante. O feminismo actual é bem uma tentativa de modificação da antiga, enraigada *androcracia* que tem dominado até hoje. Foi de certo dahi que Mäder tirou sua descrição de dois tipos de mulher: o maternal, tipo literario da matrona classica, mais dedicada aos filhos do que ao conjuge; o outro é o *Kitzlertipus*, o da antiga cortezan que influia na politica. Uma cortezan brasileira do seculo passado, mostrou que este tipo pôde evolver-se para o primeiro.

Os psicoanalistas estabelecem um simile entre o que se observa nos povos primitivos, com relação aos mitos, e nas crianças actuaes com relação ás historias de fadas. Os mitos, ou fixam-se em corpo de doutrina, como religião, ou decæem como valor psicologico e são as lendas, contos, tradições, fabulas, de objectivos muito mais modestos. Para as crianças a lenda tem apparencia de realidade objectiva, porque ellas acreditam na realidade de impulsos consoantes os seus.

Os contos de fadas têm similhanças notaveis, como outras lendas; em todos os pontos do globo, facto que a psicoanalise explica sem difficuldade. O factor sexual apparece dissimulado nesses contos, nos quaes estão occultas as mais perversas tendencias, principalmente a *álgolagnia* (o prazer libidinoso ligado á dor) no seu grau mais elevado — o sanguinario. São, na opinião de Riklin, criações da alma primitiva, utilizadas de acôrdo com a tendencia geral do homem: — a satisfação de seus desejos.

E' interessante seguir a Psicoanalise nas suas investigações extra-medicadas, até na origem sexual da *linguagem*, que se explica pela tendencia pansexualizadora do homem. A existencia dos generos gramaticaes é uma das provas do absoluto dominio do ponto de vista sexual na criação da linguagem.

Ha na psicoanalise um ponto de vista *pedagogico* de grande alcance. Ela considera com questão capital no determinismc psiquico do individuo o desenvolvimento regular e harmonico dos componentes do instinto sexual infantil. E' no nosso defeituoso e nocivo habito de ignorar as exigencias da *libido*, de oculta-las por completo, que se deve procurar a causa de molestias e da degeneração da especie. A psicoanalise tem porisso um valor iniludivel para a sciencia eugenica que hoje ocupa a atenção da classe medica. Ha, na imensa bibliografia da psicoanalise, trabalhos originaes sobre o modo de encarar o casamento

precoc, a educação sexual da infancia, a revelação prudente e geitosa dos misterios sexuaes aos meninos, a conduta deante das impertinentes perguntas e curiosidades infantis nesse particular, sobre o modo de evitar o pudor exagerado e o desgosto pelas coisas da sexualidade, etc.

E' grandioso o problema que essa doutrina levanta. Nada menos do que transformar nossos habitos seculares por uma evolução completa da actual civilização. E' uma especie de reacção contra as teorias fatalistas de medicina e da sociologia actuaes. E' como tal, ao que parece, uma nova religião no seu inicio.

FRANCO DA ROCHA





A LUCTA CONTRA O TRACHOMA NO ESTADO DE S. PAULO

Trabalho apresentado ao Congresso do Trachoma, anexo ao 8.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, reunido no Rio de Janeiro em Outubro de 1918.



trachoma, também conhecido por ophtalmia do Egypto, acha-se hoje espalhado por todas as partes do mundo.

Na Africa, elle é muito frequente no Egypto e em toda a costa do Mediterraneo — Algeria, Tunis, Tripoli e Marrocos.

Na Asia, elle está muito espalhado na China, no Japão, no Hindostão, na Indo-China, na Siberia e na Arabia, onde, segundo Fuchs, a quinta parte da população soffre desta molestia.

Na Oceania, só escapa ás suas devastações, o continente australiano na parte habitada pelos inglezes. Na Europa, a não ser a Suissa, a Suecia, a Noruega, o Tyrol, a França e Portugal, onde a molestia é mais nova, todos os outros paizes estão contaminados, sendo os seus focos principaes a Belgica, a Hespanha, a Italia, a Turquia, a Grecia, a Albania e as provincias orientaes da Prussia (Prussia, Posen e Silesia) e da Austria-Hungria (Galicia Croacia e Dalmacia).

Na America Septentrional, elle existe no Oeste dos

Estados Unidos, em uma parte do Canadá e mais intensamente no Mexico.

Na America Central tambem se o encontra, mas é mais raro.

Na America do Sul encontra-se o trachoma em todos os paizes reinando com maior ou menor intensidade.

No Brasil, durante muitos annos apenas existia um foco no Ceará com ramificações aos estados da Parahyba, Rio Grande do Norte e Maranhão. Em Minas, Espirito Santo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, é observado nos centros agricolas onde predomina o elemento estrangeiro. Em S. Paulo, que é hoje o maior foco nacional do trachoma, a molestia appareceu com a colonisação estrangeira após a abolição.

Durante muitos annos esta molestia foi desconhecida no Sul do Paiz. O Dr. Gad, que exerceu, por muitos annos, a ophtalmologia em S. Paulo, no Congresso de Copenhague em 1884 disse que ainda não tinha observado alli um só caso dessa molestia.

O Dr. Correia Bittencourt, illustrado especialista que percorreu todos os estados do Brasil, escreveu em seu livro — *Dos Estados Pathologicos do Organismo e suas manifestações Oculares*, — publicado em 1889, «que o Sul do Brasil é, em geral, menos accommettido do que o Norte, e que a molestia é mais rara em certas cidades elevadas, de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro.»

Podemos corroborar as suas affirmações, quanto a S. Paulo, pois em 1890, quando chegamos a S. Carlos, um dos maiores centros agricolas do Oeste e onde n'aquella época se tornára mais densa, do que em qualquer outro municipio, a população estrangeira, especialmente italiana, eram muito raros os doentes de trachoma.

Em um trabalho publicado em 1904, na *Imprensa Medica*, refere o Dr. Francisco Pignatari, reputado oculista, o seguinte: «Foi em 1899 que o trachoma começou a se desenvolver de um modo espantoso no Oeste do Estado, accommettendo principalmente os colonos. Não pôde ser considerada exaggero a supposição de que nessa zona 75 por cento dos colonos estão affectados. E' incontestavel que o desenvolvimento do trachoma no Estado acompanhou a immigração, espalhando-se mais rapida e intensamente onde foi mais intensa a agglomeração da nova população; de facto, S. Carlos, Ribeirão Preto, S. Simão, Jahu', etc., onde a molestia é mais diffusa, são lugares novos que devem quasi todo o seu desenvolvimento ao affluxo dos europeus, de 1890 em diante.»



O illustrado hygienista Dr. Emilio Ribas, ex-Director do Serviço Sanitario do Estado, em seu relatorio referente ao anno de 1906, diz o seguinte: «São de dez annos atraz as primeiras referencias da molestia, já bastante frequente nos paizes da Europa, donde dia a dia, nos vinham mais immigrants. Antes da grande immigração que começou em 1887 com a entrada de 33.310 immigrants europeus era desconhecido o trachoma em S. Paulo.»

E' pois, fóra de duvida, que o trachoma foi importado, e que o seu desenvolvimento acompanhou a immigração, espalhando-se rapidamente nos grandes centros agricolas do Oeste, onde se agglomerou a população estrangeira, que tanto tem concorrido para o desenvolvimento espantoso do Estado de S. Paulo.

Em 1904, no patriotico governo do Dr. Jorge Tibiriçá, sendo secretario da Agricultura o nosso eminente collega Dr. Carlos Botelho, foi dado o primeiro passo na lucta contra o trachoma.

O Decerto n.º 1255 de 17 de Dezembro de 1904 (Anexo n.º 1) (*) que fixava o numero de immigrants que deviam ser introduzidos no Estado, prohibia a entrada de trachomatosos, sendo os introductores obrigados a repatrial-os a sua custa.

Tendo sido o medico encarregado de examinal-os no porto de Santos, desde 1.º de Fevereiro de 1905 até 30 de Setembro do mesmo anno, quando deixamos o lugar a outro collega, tivemos occasião de verificar o alcance da sabia medida do previdente secretario, pois foi insignificante o numero de immigrants recusados devido ao trachoma.

Os introductores para não soffrerem os prejuizos decorrentes das recusas, mantinham medicos encarregados do exame ocular nos portos de embarque.

Com o fim de evitar o desembarque clandestino de immigrants trachomatosos recusados, o secretario da Agricultura pediu ao Ministro do Interior (Anexo n.º 2) providencias no sentido de serem impedidos pelas autoridades sanitarias federaes, estes desembarques, tanto no porto do Rio de Janeiro como no de Santos, sendo ordenadas as providencias solicitadas. (Anexo n.º 3).

(*) Constituem os annexos referidos ao presente trabalho, — leis, decretos e officios do governo de São Paulo, em relação ao trachoma, que acompanharam na integra o original apresentado ao Congresso do Trachoma, e que aqui se deixam de transcrever para não occupar mais espaço.



Já sendo muito sensível o desenvolvimento do trachoma no interior, a Directoria do Serviço Sanitario, que estava a braços com a solução de outros problemas, voltou as suas vistas para o trachoma. Eis o que disse o Dr. Emilio Ribas, zeloso ex-Director do Serviço Sanitario, no seu relatório de 1905, sob a epigrapha *Commissão de Ribeirão Preto*: «Tem merecido a attenção desta Directoria, principalmente na zona servida por esta Commissão, a conjunctivite granulosa.

«Além da distribuição, em larga escala, de instrucções sanitarias, fizemos seguir, em inspecção especial, o Dr. Guilherme Alvaro, que, por duas vezes, visitou estabelecimentos agrícolas e de instrucção, tratando enfermos e dando consultas.

«Conhecidas as condições dos atacados, geralmente colonos e individuos pobres, julgamos indispensaveis medidas mais directas, afim de evitar a progação desta molestia. Conviria que o Estado montasse um serviço especial no sentido de ser executada uma prophylaxia mais rigorosa e a fundação de consultorios e hospitaes para o tratamento dos enfermos. Não devem ser recebidos os affectados em estabelecimentos de ensino ou outras collectividades, sendo que, nestes casos, devemos proceder como nas molestias contagiosas de notificação obrigatoria. Ha portanto, uma série de providencias que exigem a organização de um serviço especialmente destinado a evitar o desenvolvimento do trachoma. Neste sentido, representa um louvavel esforço a prohibição de desembarque de immigrants atacados do mal, que viriam assim constituir novos focos.»

Passando a direcção da Secretaria do Interior a outro distincto medico, o Dr. Gustavo de Godoy, este appello do illustrado director do Serviço Sanitario foi logo attendido.

O Dr. Gustavo de Godoy convidou para uma reunião na sua secretaria não só o Director do Serviço Sanitario como todos os medicos oculistas da Capital. Nesta reunião foram discutidas as medidas que deviam ser postas em pratica e louvada a resolução do governo.

A 3 de Setembro de 1906 (Decreto n.º 1395) foi criado o *Serviço de Prophylaxia e tratamento do Trachoma*, (Annexo n.º 4) subordinado á Directoria do Serviço Sanitario, sendo a direcção confiada ao distincto especialista Dr. Euzebio de Queiroz. Foram nomeados 56 medicos e 168 auxiliares e desinfectadores, sendo mais tarde elevado o numero de auxiliares e desinfectadores a 362.

Iniciado o serviço, muitos postos medicos foram crea-



dos em cidades e villas e sub-postos em algumas fazendas para o tratamento gratuito dos doentes de trachoma.

Os medicos da Commissão, logo que regularisaram o serviço nas cidades, iniciaram as visitas ás fazendas procedendo ao exame de todos os colonos e recommendando as medidas hygienicas necessarias.

Os resultados obtidos pelos innumerados postos estabelecidos na zona assolada, foram extraordinarios, como tivemos occasião de observar no municipio de S. Carlos e nos visinhos.

Quanto á prophylaxia escolar, o que foi estabelecido no Estado de São Paulo, de accôrdo com a circular n.º 22 do chefe do serviço (de Outubro de 1906), deu os melhores resultados. A circular recommendava o seguinte: «Poderão continuar nas escolas os alumnos que não tenham secreção, obrigando-os a comparecer ao Posto ou sub-postos, afim de serem medicados, salvo os que provarem estar em tratamento com facultativo. Os que estiverem no periodo de secreção serão privados de frequentar as aulas, até que se apresentem curados. Nos internatos, os alumnos granulosos só poderão permanecer no Collegio, compromettendo-se o director a fazel-os dormir em aposentos separados, tendo cada um seus utensilios proprios de toilette. Serão obrigados a tratar-se no posto ou sub-posto da Commissão aquelles que o director não provar que estejam em tratamento medico.»

Os resultados obtidos durante um anno em Ribeirão Preto, cuja população escolar apresentava 47 % de granulosos (1) e S. Carlos 39,4 %, ficando reduzidos respectivamente a 20 % e 25,7 %, foram muito lisongeiros. No Grupo Escolar «Coronel Paulino Carlos», de S. Carlos, (2) cuja porcentagem de 39,1 % foi reduzida no fim de um anno, devido ao tratamento assiduo, a 16,1 %, não se encontra hoje mais nenhum alumno affectado desta molestia.

Sendo uma affecção de marcha longa, atacando de preferencia as populações pobres, o tratamento gratuito é uma das medidas principaes de prophylaxia.

A proposito da sua importancia assim se exprime o Dr. L. Alaimo (de Grigente) no 1.º Congresso contra o Trachoma em 1906, em Palermo: «Il tracoma como nessun'altra malattia, mette alla prova la pazienza dell'am-

(1) Memoria do Dr. Euzebio de Queiroz ao 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, S. Paulo, Setembro 1907.

(2) Dr. Serafim Vieira. O trachoma em S. Paulo. Memoria ao 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, S. Paulo, Setembro 1907



malado e quella del medico; bisogna dunque che la cura lunga e svariata non pesi per nulla sugli infermi, costretti a curarsi mesi ed anni talvolta per guarirli totalmente, od almeno per risparmiare agli occhi danni terribile. Quanti tracomatosi non sospendono la cura per il fato di non potere sopportare i danni pecuniari che essa arreca col suo lungo corso, e quanti guai non arreca tal fatto!»

No mesmo congresso o Dr. S. Leone, Commissario do Governo Italiano para o serviço ophtalmico da provincia de Siracusa, termina a sua importante memoria sobre «Prophylaxia do trachoma» com estas palavras: «Le nostre finalitá saranno raggiunte, quando sará assicurata quella cura gratuita, che oltre ad una precauzione rappresenta un'obbligo d'umanitá, un diritto inoppugnabile di chi lavora e soffre, quando le leggi sanitarie avranno compiuto il maggior passo in quel campo di progresso sociale, a cui l'etá nova per tante vie ci sospinge!»

Como acabamos de ver, foi uma sabia medida a adoptada pelo governo do Estado de S. Paulo criando o *Serviço de Prophylaxia e tratamento do Trachoma*, que mereceu um voto de louvor do 6.^o Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia (Annexo n.^o 5) (1); mas, infelizmente, o trabalho encetado com applausos geraes não foi continuo e perseverante como era de se esperar, para termos os brilhantes resultados obtidos na lucta contra a febre amarella.

A 23 de Junho de 1908 o Dr. Albuquerque Lins, Presidente do Estado, attendendo ás razões de ordem economica apresentadas pelo Dr. Carlos Guimarães, secretario do Interior, dissolveu com o decreto n.^o 1629 a Comissão do trachoma (Annexo n.^o 6), deixando as suas victimas entregues ás «casas de caridade».

Tivemos occasião de verificar a má impressão que causou na zona Oeste do Estado a noticia da extincção d'este serviço.

A proposito d'isso assim se exprimiu na Secção de 8 de Outubro de 1913, da Camara dos Deputados de São Paulo, o deputado Sr. Leonidas Barreto: «Parece-me, Sr. Presidente, que foi um erro ter-se extinguido essa Comissão; poder-se-ia tel-a remodelado. O Governo, entretanto, resolveu supprimit-a para, passados dois annos, restabelecel-a, mas de um modo pouco pratico, pois deixou de attender a uma grande parte do Estado, infectada desse

(1) Annaes do 6.^o Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia 1.^o volume, pagina 95.



morbus, que continua a contaminar todo o Estado, mesmo a parte actualmente beneficiada pelas commissões medicas, annullando assim todo o esforço feito.»

Como se vê, o proprio governo do Dr. Albuquerque Lins reconheceu o erro praticado e a 14 de Novembro de 1911, (Decreto n.º 2141), restabeleceu o serviço contra o trachoma. Embora com menor numero de medicos e auxiliares, contudo esta Commissão prestou relevantes serviços á população do Oeste. (Annexo n.º 7).

A sua direcção foi novamente confiada ao Dr. Euzebio de Queiroz, auxiliado por dois sub-chefes, os Drs. Eloy Lessa e Rocha Fragoso, encarregados das zonas da Paulista e da Mogyana, com sédes em S. Carlos e Ribeirão Preto.

Os trabalhos desta Commissão duraram tres annos, sendo dissolvida a 14 de Setembro de 1914, (decreto n.º 2533), no governo do Dr. Carlos Guimarães, sendo secretario do Interior o Dr. Altino Arantes, actual Presidente de S. Paulo. (Annexo n.º 8).

Tratando de reorganisar o Serviço Sanitario do Estado, o actual governo que tem como secretario do Interior um illustre medico, o Dr. Oscar Rodrigues Alves, não se esqueceu de tomar providencias contra o trachoma. E' assim que no actual *Codigo-Sanitario*, trabalho de grande valor, devido á reconhecida competencia do Dr. Arthur Neiva, que entrou em execução com o decreto n.º 2918 de 9 de Abril de 1918, o trachoma foi considerado molestia de notificação compulsoria (Art. 562), embora não seja de isolamento obrigatorio (Art. 658).

Nas disposições transitorias do referido Codigo, o Art. 789 cria o serviço contra o trachoma, e os seguintes (Annexo n.º 9) tratam da organização de quatro commissões de dois medicos, dois enfermeiros e um servente cada uma, nas zonas da Estrada de Ferro Central do Brasil, da Paulista, da Mogyana e da Sorocabana.

Da exposição que acabamos de fazer sobre a origem e marcha do trachoma em S. Paulo, e o resultado colhido com as diversas medidas de prophylaxia adoptadas pelos governos do Estado, achamos que serão sufficientes para a organização completa da campanha anti-trachomatosa naquella grande unidade da federação brasileira, as seguintes medidas:

a) Decretação de uma lei federal prohibindo a entrada nos portos da Republica de immigrantes e passageiros de terceira classe, atacados de molestia contagiosa ou de

qualquer vicio organico que os torne inaptos para o trabalho.

b) Exame ocular obrigatorio de todas as collectividades — escolas, fabricas, quartéis, internatos, prisões, fazendas, etc.

c) A fundação em cada uma das tres zonas, da Paulista, da Mogyana e da Sorocabana, de um hospital para trachomatosos e o aproveitamento, nas outras localidades, dos hospitaes de misericordia subvencionados pelo governo.

d) A criação de postos medicos ou dispensarios para o tratamento gratuito, como já houve na zona contaminada.

e) Obrigatoriedade do tratamento ao doente trachomatoso

j) Augmento do numero de medicos e auxiliares para as Comissões creadas com o decreto n.º 2918 de 9 de Abril de 1918. Reorganisação do serviço sob a chefia de um oculista, aproveitando o que foi de utilidade pratica ás outras Comissões que se encarregaram deste serviço no Estado.

DR. SERAFIM VIEIRA DE ALMEIDA



EXPOSIÇÃO FERNANDEZ



Tranquilidade Aldeã

Oleo de A. Fernandez

EXPOSIÇÃO FERNANDEZ



Rica Pastagem

Óleo de A. Fernandez

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Alvares de Azevedo

*Patrono da cadeira N. 2
— Nasceu em São Paulo
a 12 de Outubro de 1831 e
e falleceu no Rio, á . . . de
de . . .*



Bibliographia

- 1 — OBRAS, 3 volumes — H. Garnier — 7.^a edição.
1.^o vol. 366 pags., contendo: Advertencia — Juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros — Noticia sobre o autor e suas obras — Notas — Peças elegiacas relativas ao autor — Poesias diversas — Poema do frade.
2.^o vol. 356 pags., contendo: Prefacios — Lyra dos vinte annos, em tres partes.
3.^o vol. 418 pags., contendo: Cartas — Discursos academicos — Orações funebres — Estudos litterarios — Litteratura e civilisação em Portugal — Estudos dramaticos.

(A primeira edição, feita pelo pai do poeta, consta de dois volumes: o primeiro publicado em 1853 e o segundo em 1855. A segunda edição, em tres volumes in-8.^o, é de 1862; a terceira do mesmo anno, tambem em tres volumes in 18, pertence á collecção «Brasília», bibliotheca dos melhores auto-res nacionaes, antigos e modernos. A quarta edição, com retrato do poeta, é de 1873, em volumes e a quinta de 1884).

3 — A NOITE NA TAVERNA, contos phantasticos precedidos de um esboço biographico pelo dr. Joaquim Manoel de Macedo — 48 paginas — Rio, B. L. Garnier (A primeira edição é de Lisboa, em 1878).

3 O CONDE LOPO, poema — 200 pgs. Rio, Typ. G. Leuzinger e Filhos, 1886.

4 DISCURSO proferido a 11 de Agosto de 1849, na sessão que commemorou a criação dos cursos jurídicos no Brasil. — Rio, 1849.

5 D. DINIZ ou A BENGALÉIDA, poema (inedito).

6 OS JESUITAS DE CASACE E ESTOLA, versos, (ineditos).

Fez uma imitação em verso do 5.º acto de *Othello* de Shakespeare e começou a traduzir a *Partaisa*, de Byron.

Collaborou nos *Ensaio Litterarios*, jornal academico de São Paulo.

Encontra-se a reprodução de sua photographia na *Lyra Popular*, na pagina 70 da *Littérature brésilienne* de Victor Orban e na quarta edição de suas Obras.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Ferdinand Wolf* — *Littérature brésilienne*, pag. 211.
- 2 *Sylvio Romero* — *Historia da Litteratura Brasileira*, vol. 2.º, pg. 195.
Sylvio Romero — *Livro do Centenario*, vol. 1.º.
Sylvio Romero e *João Ribeiro* — *Compendio de historia da litteratura brasileira*, pagina 205.
- 3 *José Verisimo* — *Estudos de litteratura brasileira*, vol. 2.º, pagina 35 — *Historia da litteratura brasileira*, pagina 299.
- 4 *Julio Barbada* — *Litteratura brasileira*, pag. 354.
- 5 *Gama Rosa* — *Sociologia e esthetica*, pag. 151.
- 6 *C. Castello Branco* — *Cancioneiro alegre*, vol. 1.º, pag. 111.
- 7 *J. Manoel de Macedo* — *Anno biographico*, vol. 3.º, pagina 61. — Prefacio da «Noite na taverna».
- 8 *Armando Prado* — *Conferencias na Sociedade de Cultura Artistica*, São Paulo, volume 1.º, pagina 43.
- 9 *Alvaro Guerra* A mocidade brasileira, pagina 19.
- 10 *Lopes de Mendonça* — *Memorias de litteratura contemporanea*, pg. 318.
- 11 *Afrânio Peixoto* — *Pocira da estrada*, pagina 182.
- 12 *Victor Orban* — *Littérature brésilienne*, pg. 69.
- 13 *Almachio Diniz* — *Anthologia da lingua vernacula*, pg. 308.
- 14 *Engenjo Werneck* — *Anthologia brasileira*, pg. 521.
- 15 *Jacy Monteiro* — *Juizo critico* no 1.º vol. das *Obras completas*.
- 16 *Lopes Mendonça* — *idem*.
- 17 *Ferdinand Wolf* — *idem*.
- 18 *Innocencio da Silva* — *idem*.
- 19 *Fernandes Pjabro* — *idem*.
- 20 *Enillo Zaluar* — *idem*.
- 21 *J. Norberto de Souza* — *Noticia sobre o autor e suas obras* no 1.º volume das *Obras completas*.
- 22 *Discursos e peças elegiacas* de varios autores na introdução ao 1.º volume das *Obras completas*.
- 23 *Cartas do poeta a varias pessoas*, no 3.º volume das *Obras*.

24 *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo* — Genealogia de Alvares de Azevedo, artigo no «Jornal do Commercio», de S. Paulo. — «A casa de um poeta» — «Cigarras», 14-6-1918 — «Alvares de Azevedo era um genio?», «Jornal do Commercio», de S. Paulo, 11-7-1918 — «Um retrato de Alvares de Azevedo», no mesmo jornal de 2-3-917 e 9-4-917 — «Alvares de Azevedo», «Jornal do Commercio», de S. Paulo, 12-9-1918 — «Como um poeta morres», «Diário Popular», 25-4-919 — «Humours», «Estadinho», 11-6-919. — «Amores de Alvares de Azevedo» «Cigarras», 1-6-919 — «Uma reliquia», «Cigarras», 1-9-1919.

25 *Inocencio da Silva* — Dicionario bibliographico, vol. 5.º, pg. 357.

26 *Sacramento Blake* — Dicionario bibliographico.

27 *Almeida Nogueira* — Tradições e Reminiscencias.

28 *Escagnolle Dorja* — «Alvares de Azevedo no Collegio Pedro II», «Jornal do Commercio», artigo em Abril de 1914.

29 *Magalhães de Azevedo* — Discurso em honra a Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela — 1893.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Manoel Antonio Alvares de Azevedo era filho legitimo do dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo e de d. Maria Luiza da Motta Azevedo.

Segundo affirmam os seus biographos, nasceu na sala da bibliotheca da Faculdade de Direito de S. Paulo, a 12 de Setembro de 1831.

O dr. Almeida Nogueira (Tradições e Reminiscencias, vol. 7.º) contestou semelhante asserção e provou que o poeta viu a luz do dia em uma casa da rua São Gonçalo, quasi ao desembocar no Largo da Sé.

Sylvio Romero e Almachio Diniz attribuem erroneamente que elle tivesse nascido na cidade do Rio de Janeiro.

O seu pae era estudante de direito em São Paulo, quando nasceu o poeta, e removeu-se para a Côte depois de concluido o curso academico, levando o filho com 2 annos de idade.

Em 1840, com a idade de 9 annos, foi matriculado no Collegio Sott do Rio onde estudou durante quatro annos, acompanhando o seu velho e provecito mestre, com a manifestação do prodigioso talento e por notavel applicação no estudo de linguas e sciencias. São conhecidas as cartas que o abalsado professor escreveu ao pae, prognosticando a celebridade do filho.

Foi obrigado, por motivo de molestia, a interromper o curso de humanidades em 1844, procurando o clima de S. Paulo, a conselho dos facultados. Regressou á Côte no anno seguinte, sendo confiado ao professor Barão de Planitz que o preparou para a matricula no 5.º anno do Collegio Pedro II onde se bacharelou, com brilhantismo, em 1847.

No anno immediato, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, logrando extraordinario successo nos 4 annos de curso. Foi sempre approvado com distincção e conseguia salientar-se no estudo de direito romano e com-



mercial, analysando o código do commercio e confrontando-o com a legislação estrangeira sobre o mesmo assumpto.

E, enquanto se esmerava no estudo das sciencias juridicas e sociais, lia com anciedade, desde o tempo de collegio, no internato, as melhores obras de litteratura universal.

Subito veio-lhe o presentimento da morte prematura. Notava a coincidência de fallecer todos os annos um quinto annista e escreveu em uma parede o nome dos ultimos bacharelados mortos, deixando em seguida ao anno de 1852 uma longa reticencia.

E a ideia funebre não mais lhe abandonou o cerebro.

Transmittiu o vaticinio a amigos e collegas, escreveu poesias allusivas ao agouro funesto e entregou-se a um trabalho febril, em vigillas prolongadas, preparando o seu legado á posteridade.

Falleceu, com 20 annos e 7 mezes, na cidade do Rio de Janeiro, ao lado do pae extremoso e do querido irmão, tendo o cuidado de afastar a mãe idolatrada no momento extremo.

Antes de exhalar o ultimo suspiro, exclamou: — Que fatalidade, meu pae!

Desde menino manifestou decidida vocação para a poesia. Consagrava não só os momentos de lazer, como noites áureas, a escrever, sem prejuizo dos estudos.

Era muito affectivo e devotado á familia, como demonstra em varias poesias: — *A minha mãe* e *Si eu morresse amanhã*, entre outras.

De natureza morbida, desequilibrada de origem e enfraquecida pelos estudos e leituras, buscava a solidão e manifestava desvarios de espirito.

Dotado de uma intelligencia robusta, era propenso ao idealismo e nutria a crença por indole, embora a tivesse consolidado na educação subordinada a um regimen religioso.

A sua decantada vida bohemla, os seus desregramentos de moço eram mais devidos ás apparencias do que á realidade. Contrahiu a fama pelo seu lyricismo sceptico e lascivo, pelo culto que devotava a Byron e pela exteriorisação de pensamentos satanicos.

Mas a sua vida de libertino foi mais subjectiva do que objectiva.

Externava blasphemias de um gozador epicurista, ostentava scepticismo em assumptos de amor, lamentando não haver encontrado mulheres puras e só deparar com Messalinas.

Os seus autores favoritos eram Byron, V. Hugo, A. Musset, Lamartine, Shakespeare, Tasso, George Sand, Shelley, Espronceda, Vigny e Heine.

Hauriu a inspiração na fonte, pois conhecia varios idiomas e era muito versado em litteratura portugueza.

Como lyrico assumiu a feição byroniana, como em *«Gloria moribunda»*, *«O poema do frades»* e muitas outras.

Era um poeta bohemio, descrente, desilludido, diabolico e desesperado. Nunca foi popular e sempre logrou applausos entre os estudantes e litteratos.

Ha em suas poesias manifestações de objectivismo, passagens humoristicas e cantos politicos, revelando-se o *humour* na essencia.

Como critico revelou talento e erudição, mas foi emphatico e exaggerado.



cedendo ao impulso da juventude. O *conteur* de «A noite na taverna» extenuou-se numa superfetação de Byron, cultivando o satanismo em fantasias loucas. O dramata legou-nos um ensaio «Macario» promissor de obras de vulto. O orador reflecte-nos o estylo dos discursos academicos.

Alvares de Azevedo havia preparado uma collecção de poesias que ia publicar sob o titulo de «Lyra dos vinte annos», de parceria com Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. Não o realisou, impedido pela morte que tambem nos arrebatou o terceiro collaborador.

Apezar da sua melancolia innata e do seu scepticismo, teve gozos de bohemio e pertenceu á Sociedade Epicurea.

Valetudinario precoce, falleceu aos vinte annos e meio de idade, em pleno vigor de talento e mocidade, como succedeu a muitos outros poetas brasileiros: Casemiro de Abreu, Junqueira Freire, Castro Alves, Martins Penna, Gonçalves Dias, Dutra e Mello, Macedo Junior, Bernardino Ribeiro e Franciaco de Sá, entre outros.

Foi Alvares de Azevedo o mais erudito dos nossos poetas da geração romantica, inclusive Gonçalves Dias. E essa asserção ganha realce, si attentarmos na idade com que falleceu.

A collectanea de suas obras não obedeceu ao criterio do poeta, excepto na parte relativa á *Lyra dos vinte annos*. O primeiro volume encerra as *Poesias diversas* e *O poema do frade*. Encontra-se na primeira parte, além de outras, *Gloria moribunda*, repassada da inspiração byroniana, *Pedro Ivo*, poesia patriotica, *A minha mãe* e *Theresa*, impregnadas da essencia do lyrismo brasileiro.

O segundo volume é inteiramente consagrado á *Lyra dos vinte annos*, onde se observam as cambiantes que definiram o talento e o temperamento do mallogrado poeta brasileiro. E' o melhor quinhão de sua obra.

O terceiro encerra as cartas, os discursos, os estudos litterarios sobre Luciano, George Sand e Alfred Musset, o ensaio sobre Litteratura e Civilisação em Portugal, *Macario* e *a Noite na taverna*.

Summario para um estudo completo

A precocidade e o desequilibrio organico. — A alma do poeta — Exemplo notavel de erudição — Os autores que influiram na formação de sua individualidade litteraria — Presentimento lugubre — As poesias diversas e a «Lyra dos vinte annos» — O poema do frade — As cartas e discursos — O critico — *Macario* — *A noite na taverna* — O Conde Lopo — Posição do poeta entre os lyricos brasileiros — O julgamento dos posteros.



Coelho Netto

Fundador e actual occupante da cadeira N. 2 — Nasceu em Caxias, Estado de Maranhão, á 21 de Fevereiro de 1864.

Bibliographia

- 1 RHAPSODIAS, contos — Rio de Janeiro, Imprensa Lombaerts, Marc Ferrer e Companhia — 172 paginas — 1891.
- 2 A CAPITAL FEDERAL, romance — (impressões de um sertanejo) Rio, edição especial d'«O Paiz» — 317 pgs. — 1893.
- 3 BALLADILHAS, contos — Rio, Domingos de Magalhães — 286 pgs. — 1894.
- 4 BILHETES POSTAES, chronicas (1892-1893) pseudonymo Anselmo Ribas — Rio — Domingos de Magalhães (editor) 254 pags. — 1894.
- 5 SEARA DE RUTH, contos — pseudonymo Anselmo Ribas, Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 141 pgs. — 1894.
- 6 LANTERNA MAGICA, chronicas — pseudonymo Anselmo Ribas — Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 137 pgs.
- 7 FRUCTO PROHIBIDO, contos — pseudonymo Anselmo Ribas — Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 199 pgs. — 1895.
- 8 MIRAGEM, romance — Rio, Domingos de Magalhães (ed.) 390 pgs. — 1895.
- 9 O REI FANTASMA, romance — Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 303 paginas — 1895.
- 10 PRAGA — novella — Rio, J. Cunha e Cia. (editores) — 115 paginas, publicada antes na Revista Illustrada.
- 11 A' COLONIA PORTUGUEZA NO BRASIL e A' LITTERATURA PORTUGUEZA — brinde no banquete Assis Brasil, realizado no Casino Fla-

- minense a 16 de Julho de 1896 — edição de «A Bruxas» — Rio, Typ. Leuzinger — 13 paginas — 1896.
- 12 SERTÃO, novelas, Rio, Typ. Leuzinger (collecção «Alvas») — 467 paginas — 1896.
- 13 AMERICA — (educação civica) — Rio, Editores Bevilacqua e Cia. — 80 paginas — 1897.
- 14 PELO AMOR! — poema dramático em 2 actos — Rio, Laemmert e Cia. (editores) — 62 paginas — 1897.
- 15 ALBUM DE CALIBAN, contos 6 fasc., Rio, Laemmert e Cia, 51, 51, 50, 55, 54, 59 paginas — 1897-1898.
- 16 INVERNO EM FLOR — romance — (collecção «Alvas») — Rio, Laemmert e Cia. — (editores) — 377 paginas — 1897.
- 17 O PARAIZO — romance — Laemmert e Cia. (editores) — 215 pgs.
- 18 O MORTO — romance — (memorias de um forilado) Rio, Laemmert e Cia. (editores) — 263 paginas — 1898.
- 19 O RAJAH DE PENDJAB — romance — 2 volumes — Rio, Laemmert e Cia. (editores) — 242-290 paginas — 1898.
- 20 ARTEMIS — episodio lyrico — musica de Alberto Nepomuceno — posta em scena pela primeira vez no Theatro São Pedro de Alcantara (Centro Artistico) em Outubro de 1898 — Rio, Ferrin de Vasconcellos, Moranl e Cia. — 22 paginas — 1899.
- 21 HOSTIA — ballada em 1 acto, em prosa rythmica, musica de Delgado de Carvalho — representada no Theatro S. Pedro de Alcantara (Centro Artistico) em Outubro de 1898 — Rio, Ferrin de Vasconcellos, Moranl e Cia. — 35 paginas — 1899.
- 22 A CONQUISTA — romance — 2.a edição, 1913 — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 438 paginas.
- 23 TERRA FLUMINENSE (A) — educação civica — vol. de Olavo Bilac — Rio, Imprensa Nacional — 74 paginas — 1898.
- 24 ROMANCEIRO — contos — 2.a edição de 1906, Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 227 paginas.
- 25 A DESCOBERTA DA INDIA — narrativa historica — Rio, Laemmert e Cia. (editores) — 146 paginas — 1898.
- 26 POB MONTES E VALLES (Ouro Preto e Vassouras) — pseudonymo Anselmo Ribas — Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 194 paginas — 1893-1899.
- 27 SALDUNES — acção legendaria em 3 episodios, musica de Leopoldo Miguez, Lisboa, Tavares Cardozo e Irmão (editores) — 101 paginas, 1898-1900.
- 28 BELLAS ARTES — memoria do Livro do Centenario — 77 paginas — (2.º volume) — 1901.
- 29 TORMENTA — romance — Rio, Laemmert e Cia. (ed.) — 271 pgs. — 1901. — (Agareno na Revista Brasileira).
- 30 A BICO DE PENNA — fantasias, contos e perfis — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 395 pgs. (1902-1903) — 1904.
- 31 AGUA DE JUVENTA — contos — Porto, Livraria Chardron, de V. Lello e Irmão — 409 pags. — 1904.



- 32 TREVA — novellas, Paris, H. Garnier (editor) — 349 pgs. — 1905.
- 33 A PALAVRA — conferencia realisada a 23-9-905 no Instituto de Musica — Rio, Nuno Castellões e Cia. (editores) — 30 pags. — 1905.
- 34 COMPENDIO DE LITTERATURA BRASILEIRA — segundo o programma do Gymnasio Nacional — Rio, Livraria Francisco Alves — 117 pgs. — 1905.
- 35 PASTORAL — evangelho em 1 prologo e 3 quadros — Lisboa, Livraria Viuva Tavares Cardoso, 103 paginas — 1905.
- 36 TURBILHAO — romance — Rio, Laemmert e Cia., 373 paginas. — 1906. — (foi antes publicado em «A Noticias sob o titulo «O Polvos»).
- 37 A AGUA — conferencia realisada a 11-11-1905 no Instituto de Musica — Rio — 27 paginas — 1906.
- 38 FABULARIO — contos — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 246 paginas — 1907.
- 39 THEATRO — 1.º volume — (O relicario, comedia em 3 actos, Theatro Lucinda, 1899 — Os raios X, entremez, Cassino Fluminense, 1897 — O diabo no corpo, comedia em 3 actos, Theatro Lucinda, 1905) — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 437 paginas — 1911.
- 40 THEATRO — 2.º volume — (As estações, preludio romantico, Theatro São Pedro de Alcantara 1898 — Ao luar, peça em um acto, Theatro Sant'Anna 1898 — Ironia, peça em um acto, theatro S. Pedro de Alcantara 1898 — A mulher, comedia em um acto — Fim de raça, comedia em um acto, theatro Apollo 1900) — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 217 pgs., 1907.
- 41 THEATRO — 3.º volume — (Neve ao sol, peça em 4 actos — A muralha, peça em 3 actos, 1905) — Rio, H. Garnier, 280 paginas.
- 42 THEATRO — 4.º volume — (Quebranto, comedia em 3 actos, theatro da Exposição Nacional 1908 — Nuvem, sinete, theatro da Exposição, 1908). — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 22 paginas — 1908.
- 43 THEATRO — 5.º volume — (O dinheiro, peça em 3 actos, Theatro Municipal 1912 — O intruso, peça em um acto, theatro Trianon 1915 — Bonança, peça em um acto, theatro Municipal 1909) — Livraria Chardron de Lello e Irmão, 237 paginas — 1917.
- 44 AS SETE DORES de Nossa SENHORA — narrativa biblica — Rio, E. Bevilacqua e Cia. — 103 paginas — 1907.
- 45 JARDIM DAS OLIVEIRAS — contos — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 257 paginas — 1908.
- 46 INNOCENCIO INNOCENTE — (nova serie do Album de Caliban) — Rio, Bibliotheca d'«O Malho».
- 47 ESPHINGE — romance — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, — 281 paginas — 1908.
- 48 THEATRO INFANTIL — comedias e monologos em prova e verso, 2.ª edição, collaboração de Olavo Bilac — Livraria Francisco Alves — 174 paginas — 1910.
- 49 VIDA MUNDANA — contos — Rio, H. Garnier, 138 paginas.
- 50 APOLOGOS — contos para creanças — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão — 262 paginas — 1910.



- 51 SCENAS E PERFIS — chronicas — H. Garnier, 226 pgs. — 1910.
- 52 MYSTERIO DO NATAL — narrativa bíblica — Livraria Chardron de Lello e Irmão — 189 paginas — 1911.
- 53 ALMA — educação feminina — Rio, J. Ribeiro dos Santos — 158 paginas — 1911.
- 54 PALESTRAS DA TARDE — conferencias e discursos — Rio, H. Garnier — 160 paginas — 1911.
- 55 BANZO — contos — Livraria Chardron de Lello e Irmão, 210 pags. — 1912.
- 56 CONFERENCIAS LITTERARIAS — 2.a edição — Rio, H. Garnier — 146 paginas — 1911.
- 57 A PATRIA BRASILEIRA — educação moral e civica — 4.a edição — colaboração com Olavo Bilac — Rio, Francisco Alves e Cia., 287 pgs., 1913.
- 58 CONTOS PATRIOS — educação moral e civica — 10.a edição — colaboração com Olavo Bilac — Rio, Francisco Alves e Cia., 283 pags., 1913.
- 59 MELUSINA — novellas — Rio, H. Garnier, 128 paginas.
- 60 COMPENDIO DE LITTERATURA BRASILEIRA — 2.a edição — Rio, Francisco Alves e Cia. — 177 paginas — 1913.
- 61 REI NEGRO — romance barbaro — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão — 461 paginas — 1914.
- 62 VERSAS — chronicas e discursos — Bahia, Livraria Catilina — 313 paginas — 1918.
- 63 DISCOURS — «Bataille de l'Yser», prononcé le 20 octobre 1917, au théâtre Municipal, — 16 paginas. — Rio, Typ. Besnard Frères — 1917.
- 64 O MAR — conferencia litteraria feita no Club Natação e Regatas — 20 paginas — Rio, Typ. Villas-Bôas e Cia. — 1918.
- 65 A CARIDADE — conferencia litteraria.
- 66 O REI ALBERTO — discurso.
- 67 FALLANDO... — discursos — 300 pags. — Rio, Leite Ribeiro e Maurillo, 1919.

Collaborou na Gazeta da Tarde, Novidades, Cidade do Rio, Gazeta de Noticias, A Noticia, O Paiz, A Noite, etc., etc. Revista Brasileira, segunda phase, Revista de Sciencias Letras e Artes de Campinas, Revista Moderna, Kosmos, Renascença, Revista Americana, na «Vida Moderna» onde publicou a «Galeria Amorosa» em varios numeros, na «Semana Guanabara (poema em prosa, na «Revista Illustrada», Passionarias, a novella de Praga, etc., etc.

Encontra-se a reprodução de sua photographia em «A Conquista», «Fabularios», «A bico de pennas», „Theatro”, „Jardim das Oliveiras”, „Espinge”, «Mysterio do Natal», «Pastorals», «Apologos», „Banzo”, „Rei Negro”, „Litterature brésiliennes, de Victor Orban, Bibliotheca Internacional de Obras Celebres e em varias revistas.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Acaripe Janior* — Movimento litterario de 1893, pags. 132.
- 2 *Adolpho Caminha* — Cartas Litterarias, pags. 1, 57, 97.
- 3 *José Veríssimo* — Estudos de litteratura brasileira: tomo 1.º, pag. 242 — tomo 4.º, pagina 1 — tomo 6.º, pags. 230 e 250.
- 4 *João do Rio* — Momento litterario, pagina 50.
- 5 *Almacho Diniz* — Da esthetica da litteratura comparada.
- 6 *José Veríssimo* — Miragem (Revista Brasileira, 2.ª phase, vol. IV, pagina 123).
- 7 *Almacho Diniz* — Anthologia da lingua vernacula.
- 8 *Victor Oriban* — Littérature brésilienne, pags. 288.
- 9 *João do Rio* — Conferencias litterarias (Almanack Garnier, 1907, pg. 311).
- 10 *Eugenio Wernck* — Anthologia brasileira, pag. 84.
- 11 *Benedicto Costa* — Le roman au Brésil.
- 12 *Fialho de Almeida* — Barbear, pentear... pg. 177.
- 13 *Maria Amalia Vaz de Carvalho* — No meu cantinho, pg. 219.
- 14 *Nestor Victor* — A critica de hontem, pgs. 199 e 319.
- 15 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Descendente de portuguez e india legitima, nasceu Henrique Maximiano Coelho Netto, na cidade de Caxias, a 21 de Fevereiro de 1864. Seu pae, Antonio Francisco Coelho, de nacionalidade portugueza, era um pequeno negociante, sem lettras, austero e severo.

Anna Sylvestre Coelho, oriunda da raça aborigene, sem instrucção, mas muito habilidosa, era sua mãe.

Eximie costureira, montou officina no Rio de Janeiro, logo que para ahi se mudou, em 1870.

Permaneceu, portanto, Coelho Netto apenas 6 annos no Maranhão, transferindo-se, em companhia dos paes, para a cidade do Rio de Janeiro onde fixaram residencia definitiva.

As maiores influencias exercidas na sua infancia foram a da mucama Eva, um *folk-lore* vivo, que lhe narrava contos populares brasileiros; e a de D. Maria, portugueza, a engommadeira da casa, que lhe transmittia os contos das mães e uma noites, sob a feição popular. A influencia foi tão decisiva que ainda hoje pronuncia distrahidamente a palavra Callais, referente á historia popular, como se fôra um vocabulo da lingua portugueza.

Quem lhe iniciou a instrucção e muito contribuiu para a sua educação, foi o seu tio Rezende, 18 annos mais idoso do que o pae, a quem o Sr. Antonio respeitava como se fôra o proprio pae.

O tio Rezende era guarda-livros dedicado ao estudo dos classicos portuguezes e latinos. Foi quem despertou a affeição de Coelho Netto pelas lei-



turas do portuguez antigo e quem lhe inculciu bases solidas no estudo do latim.

Quando se matriculou no Collegio Jordão do Rio de Janeiro, em 1871 ou 72, já lia Cícero e era tido entre os collegas como latinista.

Os primeiros estudos de Coelho Netto foram emprehendidos sem methodo e orientação.

Sabiu do Collegio Jordão onde permaneceu um anno apenas, talvez menos, por motivo de molestia que o forçou a interromper os estudos. (As reminiscencias desse tempo estão contidas no romance «O Morto»).

Matriculou-se no mosteiro de S. Bento em 1873 e ahí cursou um anno sómente.

Em 1877 ou 1878 matriculou-se no Collegio D. Pedro II, mas não conclui o curso.

Iniciou os estudos na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1883 e frequentou o curso até 1885, regressando ao Rio em 1886.

As suas primeiras manifestações litterarias foram: Uma «fantasia», publicada n'«A Gazetinha»; um soneto, na secção paga do «Jornal do Commercio» do Rio; algumas tentativas poeticas (ineditas) e contos inspirados pelas «Mil e uma noites», os quaes não foram publicados.

Começou a escrever em jornaes; na «Gazeta da Tarde» (1887), depois no «Novidades», com Alcindo Guanabara e na «Cidade do Rio» com José do Patrocínio, até á abolição. Tem collaborado em quasi todos os jornaes do Rio, em muitos de S. Paulo e em alguns do Norte.

Viveu longo tempo dos proventos adquiridos como escriptor, até ser nomeado professor da cadeira «Historia das artes», na Academia de Bellas Artes, em 1892, se não me engano, permanecendo apenas 8 mezes nesse logar.

Transferiu-se para a cidade de Campinas em 1900, desmoronando o seu nicho de artista, desfazendo-se dos seus movéis preciosos e de muitos objectos d'arte. Fez um brilhante concurso no Gymnasio de Campinas, sendo nomeado professor de Litteratura, cargo que exerceu durante tres annos.

Regressou ao Rio e em 1909 foi nomeado professor do Gymnasio Nacional para leccionar a cadeira de Litteratura.

Ocupou os seguintes cargos publicos: Secretario do Governo do Estado do Rio (administração Portella), redactor dos debates no Senado, director da Escola Dramatica desde 1910.

Foi deputado Geral pelo Estado do Maranhão nas legislaturas de 1909 a 1917.

Toda a sua vida litteraria foi feita no Rio. Do Maranhão trouxe apenas n'alma uma intuição que sua Mãe foi, pouco a pouco, desenvolvendo. Quando chegou a Caixas em 1899 e entrou na casa onde nasceu, foi como se a ella tornasse: depois de uns dias de ausencia: *conheci-a toda*, desde o quintal até á sala, tendo della sahido com 6 mezes apenas. O mesmo pôde-se dizer do mais. Elle trouxe sempre o Maranhão no íntimo d'alma e consigo o conserva, como sempre o conservou sua Mãe.

Em toda a sua obra ha um ponto que passa despercebido á critica. E' um crente e quasi um supersticioso. A sua crença é oriunda da educação na infancia e prejudicada por vezes na illustração promiscua que teve, principal-



mente nas leituras, incutindo-lhe superstições. Nota-se essa influencia em «Fertilidades», «Bom Jesus da Matta», «Nossa Senhora da Lapa» (a publicar-se) e «Terra Virgem» (ideta). É uma religião em que admite uma entidade superior, um Deus, sem nome especial. Como artista tem o culto pantheistico.

A ultima phase do seu programma é a apologia da terra productora, do mundo physico («Terra Virgem», romance a publicar); um pouco de tradição, concorrendo com a sua fantasia («Porundaba», (x) contos brasileiros) a energetica, prepare da mocidade, querendo o homem apollineo e não o dyonisiaco.

Sente necessidade de refundir a sua obra, para modificar a essencia e corrigir a fórma, combatendo a prolixidade, supprimindo adjectivos abundantes, etc.

Como exemplo cita o *Paraiso* em que, no começo um dos personagens tem o nome de baptisma e no fim é chrisnado com outro.

Contractou a reedição da obra com Lello e Irmão e entre os livros que devem soffrer modificação radical, está o «Paraiso» de que só conserva o titulo e nomenclatura dos capitulos. Não fará a reedição das «Balladilhas», do «Fructo prohibido», «Album de Calibans», «Innocencio, o innocentes, e o „O rajah do Pendjab“.

Confiou os originaes de sete volumes a Domingos de Magalhães (fallecido) e não sabe onde param essas obras. Vendeu tambem a M. Freitas (fallecido) o original do «Fim de seculo» e á livraria Alves «Viagem de uma familia brasileira ao Norte do Brasil», publicado primitivamente na «Gazeta de Noticias», sob o titulo «O Norte», impressões de viagem. Essa publicação foi suspensa a conselho de Ferreira de Araujo, porque as impressões sobre a Bahia eram deficientes e falsas.

Foi publicada a traducção do «Sertão» em allemão, sob o titulo de «Wildnis» por M. Brussot e estão a publicar, do mesmo traductor, «Urwald» (Floresta) e «Schwartz Koenig» (Rei Negro).

Tem a imprimir os seguintes volumes: «Nossa Senhora da Lapa, romance»; «Porundaba» contos brasileiros; «Terra Virgem», romance lyrico; «Ruda», romance fantastico, cuja acção começa na Atlantida e termina no Amazonas; um livro ainda sem titulo, dividido em duas partes: Fantasia e Canteiro de Saudade; o sexto volume do Theatro: «Patinho torto» e outras peças; «Dyonisias», conferencia na Escola Dramatica.

Os autores e livros predilectos são os antigos. Tambem foram os antigos... e a natureza as influencias predominantes na formação do seu espirito e na sua formação litteraria.

O seu regimen de trabalho consiste, de preferencia, na tarefa pela manhã, das 6 ás 11 e meia. Não raro, porém, entra pelo dia e ainda pela noite.

Na vida intima manifesta preferencia pela familia, mulher e sete filhos, com os quaes é verdadeiramente feliz. É casado com D. Maria Gabriella Brandão e tiveram quatorze filhos, dos quaes sete estão ainda vivos.

(x) *Porundaba*, nome indigena, significa novellistica, historia, raconto.



Gosta dos animais, principalmente dos gatos, adora as flores e para excitar-se, com o que traz sempre os nervos alerta, vae ao *foot-ball*.

Colleciona objectos de arte.

Admitte que a litteratura universal, depois da guerra, terá como directriz assignada, um regresso a um romantismo olympico.

As fontes primordiales que lhe alentam o espirito, a Castalia da sua inspiração, são «As mil e uma noites», contos arabes, os poetas da India «A Biblia» inextinguivel alicerce do seu orientalismo.

Dois autores favoritos destacam-se os vultos de Shakespeare e Cervantes.

A officina do verbo é constituída pelos classicos portuguezes, sendo notavel a sua admiração por Eça de Queiroz, entre os modernos.

Atrahido pela gloria, abandonou os estudos academicos e penetrou no ambiente da poesia, sentindo verdadeiro deslumbramento, em sonho perenne. Acolhido em o ninho dos artistas, ao lado de Patrocinio, o redemptor de uma raça e o apostolo da liberdade, iniciou a vida de bohemio no microcosmo de Murger transplantado para o Rio de Janeiro.

Teve com parceiros, nessa phase fagueira da vida, Paula Ney, Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Luis Murat, Pardal Mallet, Guimarães Passos e outros companheiros de cenaculo, porfiando na ancia da *Conquista*.

Sahindo dos domínios de Guttemberg invadiu o pelago da arte e avistou o monte Paschoal, com o apparecimento das *Rhapsodias*, ancorando logo após na bahia Cabralia, com a publicação de *Balladilhas*.

Ambos livros de poeta, embora escriptos em prosa, exuberantes de imaginação e de estylo impecavel.

Sucedeu um livro forte de impressões — «A Capital Federal».

Depois encheu o alforge de magalhas e retalhos e appareceram os «Bilhetes postaes», a «Seara de Ruth», e a «Lanterna magica».

O pendor fescenino, nos moldes de Armand Sylvestre e principalmente de Catulle Mendès, é accentuado em «Fructo prohibido», «Album de Calibans», e «Innocencio, o innocentes»; assim como o orientalismo é representado em «Balladilhas», «Rei fantasma», «O Paraíso» e „O rajah de Pendjab”.

Foi consagrado como romancista brasileiro com a appareção de *Miragem* progredindo os seus fóros em «Praga», «Sertão», «Inverno em Hôr», „O Morto”, «A Conquista», «Tormentas», «Trevas», „Turbilhão”, „Espingue”, „Melusina” e «Rei Negros».

O *conteur*, além dos livros de novellas indicados, é definido em «Romaniceiros», «Água de Juventas», «Fabulações», „Jardim das Oliveiras”, „Vida Mundana” e «Banhos».

O autor theatral possui farta messe: «Pelo amor», «Artemis», «Hosna», «Saldunes», «Pastoral», e cinco volumes de comedias e dramas.

O orador e conferencista é tambem copioso: «Brinde á colonia portugueza no Brasil», «Palestras da tarde», «Conferencias litterarias», „Versas”, „Falando...”

O educador contribuiu com: «America», «A terra fluminense», «Compendio de litteratura brasileira», «Theatro infantil», „Apologos”, „Alma”, „A patria brasileira”, «Contos patrios».

O chronista de jornaes além dos livros citados, publicou: «Scenas e perfis», «A bico de pennas».

Ainda teve a feição biblica em «As sete dôres de Nossa Senhora» e «Mysterio do Natal»; a de historiador em a «A descoberta da India», «Bellas Artes», «Compendio de Litteratura Brasileira», e de *touriste* em «Por montes e vales». (1)

E' o escriptor de mais fertilidade e um dos melhores na litteratura brasileira.

Summario para um estudo completo

I *Formação*: Athenas brasileira, seu berço — Tres raças que se mesclam — O cadinho — Os primeiros raios de luz artificial — Primeiros torneios.

II *Intuição*: O monte Paschoal... e a baía Cabralia — A Capital Federal — Migalhas e retalhos — Pendor fescenino — As fontes de Castalia — A officina do verbo — Consagrado como romancista brasileiro.

III *Pujança*: Imaginação e estylo — A lingua portugueza — Nacionalismo — O educador — O romancista — Regeneração do theatro — Poeta sem metro e sem rima — As conferencias litterarias — Na cathedra — Em outra cadeira — Do Monrôe ao Syllogêo — No mundo litterario — O artista e os seus leitores — Entre os juizes — Ultima phase do programma.

(1) A apreciação da obra é incompativel com o desenvolvimento deste trabalho e já foi feita pelo autor em uma monographia a publicar-se brevemente.



Arthur de Oliveira

Patrono da cadeira N. 3 — Nasceu no Estado do Rio Grande do Sul, a de de 1851 e falleceu na casa de Saude São Sebastião, no Rio de Janeiro a 21 de Agosto de 1882.

Bibliographia

1. A RUA DO OUVIDOR, monographia fluminense — pseudonymo Bento Gonçalves — Rio.

2. FLEXAS, chronica quinzenal de litteratura, politica e costumes — duas fasciculos — pseudonymo Bento Gonçalves — Rio.

3. THESE DE CONCURSO á cadeira de professor substituto de rhetorica, poetica e litteratura nacional do collegio D. Pedro II — Rio, 1789.

Collaborou em «O Combates», de Lopes Trovão e encontram-se na «Gazeta de Noticias», em 1886, a carta que dirigiu a Judith Gautier e em 1918 «Cartas ao paes» (Vid. «Revista do Brasil» n. 26). A Academia Brasileira de Letras deve lhe prestar a homenagem de reeditar as obras e de estudar a sua individualidade, aproveitando o concurso dos seus contemporaneos.

Não pude obter um só exemplar da photographia de Arthur de Oliveira. E' possível, porém, que a tivessem reproduzido por occasião do seu fallecimento.

Fontes para o estudo critico

1. *Sacramento Blake* — Dicionario bibliographico.
2. *Machado de Assis* — Papeis avulsos, pag. 193 e 295.
3. *Adolpho Caminha* — Cartas litterarias, pag. 215.
4. *Jorge Jobim* — Revista Americana — anno VII, n.º 1, pag. 82.
5. *Alfredo Pujol* — Machado de Assis — pagina 148.
6. *Carlos de Laet* — Jornal do Commercio, 1882.
7. *Ephemerides da Academia* — Jornal do Commercio de 23-8-919.

Noticia biographica e subsidios para nm estudo critico

Nasceu na provincia do Rio Grande do Sul em 1851 e falleceu aos 31 annos de idade no Rio de Janeiro, em 21 de Agosto de 1882.

Abandonou o torrão natal com 17 annos e transferiu-se do Rio para Minas Geraes, afim de estudar no collegio dos padres do Caraça. Interrompeu os estudos para continuá-os em Paris onde conseguiu erudição pouco vulgar. Leu e estudou muito, conseguindo, graças ao seu genio communicativo,



optimas relações. Frequentou a casa de Victor Hugo, tornando-se original o modo por que se introduziu pela primeira vez na sumptuosa morada do poeta.

Discordia com o porteiro, por se haver recusado a entregar o seu cartão de visitas. A altercação em altos brados attraheu a attenção do autor dos *Miseraveis*, o qual de uma janella ordenou que o deixassem subir. Ao penetrar no salão encontrou o poeta cercado de alguns amigos: Théophile Gautier, Leconte de Lisle, Catulle Mendès, Gustave Doré e outros. Não obstante essa circumstancia, atirou-se de joelhos aos pés de Victor Hugo, declamando versos das *Contemplations*.

Fez-se amigo intimo de Théophile Gautier que o apreciava e tinha em elevado conceito a sua alta comprehensão artistica, a sua natureza impetuosa, e luminosa, os seus deslumbramentos subitos de raios. *Venez, père de la foudre!* dizia-lhe elle, mal o Arthur assomava á porta. E o Arthur, assim definido pelo grande artista, entrava no templo palpitante da divindade, admirativo como tinha de ser até á morte.

Privou tambem com Judith Gautier, Leconte de Lisle, Gustave Doré, o livreiro Alphonse Lemerre e outras notabilidades do meio litterario de Paris.

Regressando á patria, fez-se professor de diversas materias, principalmente de francez, idioma em que era tão versado como na lingua materna.

Ecreveu em 1873 dous fasciculos das *Flechas*, com o pseudonymo de Bento Gonçalves e a sub epigraphe de chronica quinzenal de politica, litteratura e costumes. E' um pamphleto no genero dos *Ferrões* de J. Patrocinio e Dermeval da Fonseca, das *Farpas*, de Ramalho Ortigão e Eça do Queiroz e das *Guépes* de Alphonse Karr.

Com o mesmo pseudonymo escreveu a monographia fluminense intitulada «A rua do Ouvidor».

São folhetos de edição completamente exgotada.

Por esse motivo é o artista ignorado pela geração de hoje, um verdadeiro obscuro só conhecido dos que lhe foram contemporaneos.

Esse o admiravam sem a menor reserva, extasiando-se perante o seu talento privilegiado, a pujança de espirito, a fertilidade de imaginação, o fino temperamento litterario, a torrente de ideias e a fulguração de imagens.

Machado de Assis, em um conto dialogado — *O Anel de Polyrates*, — appellidou-o: *um sacco de espantos*.

E' curioso conhecer o Xavier, personagem do conto, que «bebia perolas diluidas em nectars, «comia linguas de rouxinolo, «scapeava cigarros com um papel de crystal».

Não me esquivo ao prazer de reproduzir o seguinte trecho que define o homem e o artista ignorado:

«Upa! Conheço-o ha muito mais tempo, desde que elle estrejou na rua do Ouvidor, em pleno Marquez do Paraná. Era um endiabrado, um derramado, planeava todas as cousas possiveis, e até contrarias, um livro, um discurso, um medicamento, um jornal, um poema, um romance, uma historia, um libello politico, uma viagem á Europa, outra ao sertão de Minas, outra á lua, em certo balão que inventára, uma candidatura politica, e archeologia, e philosophia, e theatre, etc., etc., etc. Era um sacco de espantos. Quem conversava

com elle sentia vertigens. Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, qual mais original, qual mais bella, às vezes extravagante, às vezes sublimes.

Tem o seu talento muitas afinidades, muita analogia com o de Paula Ney que, como elle, desperdiçava ideias ás portas dos cafés e confeitarias.

Era um impulsivo, como attestam a sua attitude na primeira visita a Victor Hugo e o seu procedimento para com uma senhora que estropiou Beethoven em um concerto. Deu um formidável murro, na caixa do piano e exclamou que não consentia a reprodução de semelhante sacrilegio. A executante desmaiou, o auditorio interveio indignado, voltou-lhe a reflexão e, arrependido, elle pediu desculpas á senhora. E ao merecer o perdão, recommendou: — Não toque nunca mais Beethoven, sim?

Foi lente da Escola Normal e leccionou interinamente a cadeira de portuguez e historia litteraria no Collegio D. Pedro II, substituindo durante o impedimento, o professor effectivo Pacheco Junior, quando se inscreveu, em 1879, no concurso á cadeira de professor substituto de rhetorica, poetica e litteratura nacional do mesmo estabelecimento de ensino.

Os professores cathedraes dessa disciplina eram, no internato e externato, respectivamente J. Maria Velho da Silva e Franklin de Menezes Doria.

Teve como concorrente o sr. Carlos França, o França *Cacete* da minha geração de estudante, e a sua these versou sobre Porto Alegre, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães e Fagundes Varella.

Com referencia a essa troca de competencia, refere-se o sr. José Vicente de Azevedo, nas ephemerides da Academia («Jornal do Commercio de 23-8-919»), resumindo a *causelle* do sr. Carlos de Laet, na sessão em homenagem ao autor das *Flechas*: «Na arguição mostrara elle ser um emerito discurtidor, mas na preleção falhou. Estudara afinadamente varias figuras de rhetorica, mas na commoção da prova, misturou de tal maneira, sempre em phrases fulgurantes, as citações de Aristoteles e Quintiliano, que, os velhos professores o olharam escabriados. Afinal, num rompante, declarou que nada sabia do que estava dizendo e retirou-se, promettendo dar um tiro em quem lhe fallasse, mais em hypotyposes.»

Algum tempo depois foi prostrado pela terrivel enfermidade, a tuberculose pulmonar, que rapidamente lhe minou a existencia, arrebatando o *frondeur* admiravel que entrava nos dictionarios, por elle considerados como logares sagrados, de chapéo na mão.

No exemplar da referida these, por elle dedicado a Machado de Assis, escreveu o original romantico que admittia ser a *Mlle. Maupin* de Gautier, depois do *Evangelho*, o melhor livro da humanidade:

«A Machado de Assis — Quando Henrique Heine viu o grande deus de Weimar, pela primeira vez, não pode arrancar de sua profunda admiração mais do que estas palavras: — Oh! como são boas as ameixas de Dusseldorf, para matar a sede! — E' tambem o que me acontece, meu mestre e meu indulgente amigo, escrevendo o teu glorioso nome: fico perlexo, sem poder alludir á intensidade do sol que me deslumbra, porque ha quinze annos aqueço-me ao irradiar do teu genio. — Teu humilde discipulo A de Oliveira.»

Por occasião de sua morte, na chronica «Microcosmos» do «Jornal do Com-

mercios escreveu o snr. Carlos de Laet, um dos seus amigos e admiradores:

«É o terceiro foi Arthur de Oliveira, esse espirito imaginoso e brilhante que apenas esplendeu quanto bastava para deslumbrar-nos e que tão cedo se apagou, antes de dar-nos quanto promettia... Deste pôde dizer-se que passou mal comprehendido e apreciado. Apenas a um restricto numero de amigos eram notorios os fantasiosos enlevamentos daquelle intelligencia privilegiada e originalissima. Havia quem de tudo se esquecesse pela bôa *prosa* de Arthur... Aos leitores de jornaes nunca se manifestou... Elle não podia escrever. Quando tentava fazel-o, a fecundidade do seu espirito e a pasmosa erudição que adquirira, eram-lhe outros tantos estorvos. Não conseguia fixar o turbilhão que constante lhe resoava pelo cerebro; e se um ou outro fragmento reduzisse a escripto, então, sempre a mudal-o, sempre descontente, visando sempre o extraordinario e o sublime, não raro falseava a nota por carregal-a demasiado. E' que nada nessa valente organização podia ter esse juitos meio termo, esse exacto equilibrio em que talvez consiste o bom senso, mas que bem raro acompanha as intelligencias de primeira plana. Nelle a imaginação era tudo, e só não lhe matou o coração, que o teve bom e apaixonado pelo bello e pelo bem...»

Elle só fallava, em pé, andando e gesticulando freneticamente e os seus interlocutores ouviam-n'o num absorto e commovido deslumbramento. A escripta diminuía-o, posto que fosse brilhante. Ouvil-o é que era o maximo deleite espirital.

Na mesma sessão, acima alludida, da Academia, em homenagem ao rutilante palrador que abusava das hypotyposes, evocou o snr. Filinto de Almeida ea figura angulosa, feia, alta, esguia, o rosto pallido e a barba em ponta, recordando-se do tempo em que ambos collaboravam no «Combates de Lopes Trovão. E o senhor Alcides Maya, seu illustre conterraneo, definiu a função por elle exercida em o mundo litterario da formosa cidade de Guanabara. Appreciou-o como sum agente opportuno na transformação litteraria do Brasil, provando que não se limitou a desenvolver uma força despersiva. Analysou a influencia por elle exercida com o seu verbo irisado, seductor e os seus conceitos de esthetica, sobre os novos ideaes litterarios.

Travou relações intimas com Pardal Mallet, seu discipulo no collegio D. Pedro II, quando regia interinamente a cadeira de Pacheco Junior e lia com entusiasmo o poema de *Mahabarata*, livro por elle sobraçado durante algum tempo.

Os seus idolos na litteratura franceza foram Gautier, Hugo, Leconte de Lisle e Flaubert. Não tolerava os naturalistas — *pornographicos da seita de Zola*.

«Já vêdes que sou um incorrigivel, um fanatico, um idolatra pelos mestres de 1830, os romantics, como dizem, babando visco de ridiculos desdens, as lesmas de Médan.»

Isso disse elle na carta, publicada em 1886 pela «Gareta de Noticias», dirigida a Judith Gautier.

Sete dias antes de morrer, prostrado no leito, escreveu a Machado de Assis, a proposito de um prato do jantar: «O verde das couves espanejava-se em uma



onda de pirão côr de ouro. A palheta de Ruysdael, pelo incendido do ouro, não hesitaria um só instante em assignar esse pirão *mirabolante*, como dizia o grande e divino Théo !..»

Poucas horas antes de fallecer lia as «Memorias Posthumas de Braz Cubas» e dizia que interpretava melhor algumas passagens do livro. Machado de Assis dedicou-lhe, então, sem lh'os mostrar os versos restantes das ultimas paginas dos «Papeis avulsos». E rematou-os com o seguinte trecho: «Os amigos d'elle appreciãõ o sentido desses versos.

O publico, em geral, nada tem com um homem que passou pela terra sem o convidar para cousa nenhuma, um fórte engenho que apenas soube amar a arte, como tantos christãos obscuros amaram a Egreja, e amar tambem aos amigos, porque era meigo, generoso e bom.»

Quando Filinto de Almeida lhe escolheu o nome para patrono da segunda cadeira, Machado de Assis, seu grande amigo, muito commovido, levantou-se e foi abraçar o poeta dos «Cantos e Cantigas» pela felicidade da escolha.

Summario para um estudo completo

Brilho de estrella, orbita de cometa — O pae do raio — O sacco de espantoso — O *causar* incomparavel — Fléchas e a Rua do Ouvidor — A these de concurso — Os obscuros — Echos do seu valor — Dívida a resgatar

ARTHUR MOTTA.





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

XVII



TRABALHAVA em S. Paulo uma companhia italiana, que estava attrahindo ao theatro enorme concorrência. Como levassem á scena, certa noite, o drama de Ibsen «O Inimigo do Povo», Angelo, que gostava muito do dramaturgo norueguez e já havia assistido, em diversas occasiões, á «Casa da Boneca», não quiz perder o ensejo, que se lhe offercia, de ver no palco essa outra obra, por signal que maravilhosa.

Depois não deixava de alimentar esperanças de encontrar-se com Maria Luiza. E não se enganára. Logo ao entrar no recinto, percorrendo com os olhos os camarotes, dera sem detença com a familia Vieira. O coronel, grave e magestoso em sua casaca, parecia immensamente remozado. Fallava com as duas filhas mais velhas e acenava para Beatriz como que a fazer-lhes alguma recommendação. Ao outro lado, um pouco para traz, estava o Rochinha, muito risonho e pelintra, dirigindo-se ora ao tio, ora ás meninas, a modo de quem commentava, em som de gracejo, tudo o que se passava aquém e além da ribalta.

Angelo deliberou aproveitar a primeira occasião para ir cumprimental-as. Não o fez, entretanto, nos tres primeiros intervallos. Tolhera-o inexplicavel timidez. Apenas sahia ao corredor, era tomado de tremor convulsivo. Avançava, retrogradava, sentia palpitações e injustificados deliquios da vontade. Até que davam o signal para a entrada do seguinte acto. Afinal, no ultimo intervallo, apresentou-se.

— Então o senhor estava ahí? — perguntou-lhe Maria

Luiza, sorrindo, toda corada e deslumbrante, num riquíssimo vestido de sêda côr de perola. E estendeu-lhe a pequenina mão enluvada.

Compreendeu elle a doce censura e balbuciou, á maneira de desculpa, algo que não saberia dizer o que foi, de tão commovido que estava.

O coronel, pouco expansivo, mas amavel, ia fallar-lhe, quando foi interrompido por um amigo, um senhor alto e calvo, de monoculo, que, chegando ao humbral, o chamou: de parte, para o corredor, afim de tratarem, ao que parecia, de assumpto extremamente importante.

— Minha prima Maria Luiza, caro Angelo, — disse Rochinha, rindo muito — leu hontem, em francez (já se vê), o drama que estão representando... E... — aqui entre nós — não gostou das derradeiras palavras da peça...

Tanto Angelo como Maria Luiza não perceberam logo o que queria dizer aquillo. Rochinha então, cada vez mais risonho, explicou:

— Pois não se lembram da grande descoberta do dr. Stockmann, o inimigo do povo? E' esta: «O homem mais forte do mundo é o que se achar mais só.» Minha prima protesta contra esse convite á solidão absoluta...

A moça contestou sorrindo, fazendo-se mais vermelha ainda. Não dissera cousa alguma. Tinha graça!

— *Pardon, chère cousine...* Estou a apostar que o nosso caro Angelo Orsini tambem se *inscreve* resolutamente contra o principio de Stockmann... — observou com olhar de finura. *Et pour cause...*

— Mas o dr. Stockmann não se julgava menos solitario pelo facto de ter familia... replicou Angelo com afoiteza, sem medir claramente todo o alcance do que dizia.

Julia e Beatriz riam, trocando olhares de intelligencia, como se estivessem inteiradas dos sentimentos da irmã e comprehendessem perfeitamente as allusões do primo.

Maria Luiza abaixou os olhos com o rosto em brasa, procurando baldadamente fazer de desentendida. Vendo que o não podia e, de temor que o pae ouvisse o que fallavam, apressou-se de mudar o rumo á conversação:

— Então o senhor Angelo vae mesmo fallar na festa de domingo?

— Que festa? perguntou o Rochinha.

— Pois ainda não sabe! maravilhou-se ella. No salão *High Life...* O snr. Angelo vae fazer uma conferencia...

— Conferencia não, dona Maria Luiza. Apenas um pequenino discurso, para obedecer a uma ordem que recebi...

E o que se passou nessa noite de theatro — os graçeos do Rochinha, o significativo embaraço da moça, até a condescendente atenção com que o tratou o coronel — tudo foi para elle como um largo sonho encantado, em que não podia acreditar, de tão deslumbrado que ficára.

XVIII

No dia seguinte Angelo, estimulado pelo enthusiasmo com que Maria Luiza se dispunha a ir ouvi-lo fallar, no salão *High Life*, levantou-se mais cedo que de costume, afim de organizar o plano de seu discurso, advertindo sobresaltado que o tempo corria e até aquelle momento ainda não sabia o que iria dizer.

Em verdade tinha confiança em si, pois alguma coisa havia sempre de ocorrer-lhe, ainda que não passasse de logares communs mais ou menos brilhantes. Porém não desejava sómente desempenhar-se sem desaire da incumbencia que acceitára. Queria muito mais do que isso. Não se contentava menos que com encantar o auditorio, provocar tempestades de applausos e deslumbrar a amada.

Mas que havia elle de achar de imaginoso para se operar o milagre com que o fazia sonhar o desejo ardente de ser agradável á joven brasileira?

Tomou o lapis, passou a mão pela frente e fez esforço para concentrar-se o mais possível. Em sua qualidade de membro da colonia italiana de S. Paulo era convidado a fallar sobre o Brasil. Cumpria-lhe discorrer sobre a formação do um ideal commum, um vasto e nobre ideal que servisse de unificar a alma nacional, integrando em a nova patria as torrentes humanas alienigenas, que tendiam a crescer de dia para dia. «Bem! Puro *lucianismo* isto tudo! cuidou entre si. Mas não ha sahir daqui. A propria natureza da festa — organizada pela Sociedade Nacionalisadora — não me permite fugir a esse circulo de idéas... O que eu havia mister era exprimir-as de modo mais ou menos novo e original...»

Neste ponto lembrou-se do que lêra no ultimo numero da «Vida Nova» e vieram-lhe á mente retalhos de phrases: «Aqui o tempestuar das forças do futuro... Aqui a forja, a liquefacção, a mistura caótica, donde ha de brotar em estrellas de oiro a grande patria dos nossos filhos...»

Seus devaneios, porém, foram interrompidos por uma escala de sons que lhe chegaram subito dos aposentos de



baixo. Era o doutor Strauss que preludiava na flauta, preparando-se para a execução da peça musical daquela manhã. Angelo poisou o lapis sobre a folha ainda quasi toda em branco, onde tomava notas, e consultou o relógio. «Nove horas em ponto, disse mentalmente. Esse homem tem realmente a vida methodica.

Não é sem razão que vive a fallar em methodo. Até as distracções são reguladas com precisão mecanica.» Sorriu de si para si e dispoz-se a reencetar o seu trabalho.

Recostando-se melhor na cadeira, deixou, porém, o olhar distraído ir, pela janella que o defrontava, descansar nas ramadas florejantes da paineira vizinha. E correu-lhe logo a imaginação ás doces recordações da amada. Viu-a como na vespera a contemplára no theatro, sorrindo, o rosto enrubescido, encantadora em seu riquissimo vestido côr de perola. Surgiram á tona as palavras do Rochinha: «Minha prima não gostou da ultima phrase: *O homem mais forte do mundo é o que se achar mais só.*» E todo o drama de Ibsen a cuja representação assistira como se estivera a cem leguas de distancia, longe de tudo e só attento ao seu amor, desenrolou-se-lhe então ante o espirito com um alcance novo e profundo. Achava-se, por assim dizer-se, polarizado — todas as idéas, imagens e emoções agrupavam-se em torno de um ponto fixo — a paixão absorvente. As representações e conceitos mais extremados uns dos outros e aparentemente incapazes de se approximarem sem disparate, attrahidos por esse poderoso sentimento, associavam-se na sub-consciencia em combinações cheias de novidade e de imprevisto. Assim foi que as palavras retumbantes da *Vida Nova*: «Aqui a forja, a liquefacção, a mistura caótica... Aqui o tempestuar das forças do futuro...» se foram silenciosamente constellando em torno da descoberta do doutor Stockmann: «O homem mais forte é o que se achar mais só.»

De repente Angelo teve um estremecimento de prazer intellectual. Despontára-lhe no horizonte da consciencia, engenhoso e fertil em desenvolvimentos, todo o plano de seu discurso. O homem forte de Ibsen era o creador, o innovador, o que encarna em si a tendencia para variar. A solidão fecunda, necessaria á realização das grandes obras não podia consistir em outra cousa a não ser na libertação das forças hereditarias, no rompimento com o passado, no sacudir o jugo das tradições. Isto é o que significava a expressão ser só! Tanto assim que o dr. Stockmann só se julgou verdadeiramente forte no momento em que não o rodearam mais que os seus, mulher e filhos, de quem

fizera discipulos dedicados, e os garotos da rua, os sem compromisso com o passado nem com o presente, os atirados á margem da vida social, materia anonyma e livre da humanidade. Vinham então as palavras da *Vida Nova*: «Aqui o desagregar das forças do passado... Aqui a forja, a liquefacção, a mistura...» E Angelo via claramente desenvolver-se em esplanadas de luz o magnifico assumpto de sua conferencia, o caldeamento de raças diversas, que dia a dia se opera neste paiz, como um factor de solidão ibseniana, pintaria com imagens vivas o como as forças ethnicas antagonicas se destruiam recíprocamente, creando o espaço livre onde se haviam de erguer as architecturas do futuro. E essa união de raças era uma deliciosa imagem, um como despacho cifrado em virtude do qual, dirigindo-se ao publico, na realidade só fallaria de seu amor á sua amada, lá presente a ouvil-o... Não era esse o modo mais encantador possivel de obedecer á ordem de Maria Luiza?

A flauta do doutor Strauss soava com taes requebros e floreios, que Angelo se poz a rir consigo mesmo só de imaginar as visagens que não devia estar fazendo o medico para expedir com semelhante velocidade e bizarria a cascata de notas dulcifluas e saltitantes que lhe vinham chegando dos commodos de baixo. Esteve-as escutando alguns momentos, meio perdido ainda na floresta encantada dos altos symbolos de Ibsen. Até que, por volta de nove e meia, expiraram os ultimos sons e com elles ultimou-se por aquelle dia a tarefa musical do sabio allemão.

XIX

Momentos depois ouviu Angelo passos pesados de alguém que subia a escada. Era Leonardo. Conhecia-lhe o andar de longe. E esboçou um benevolo sorriso, ao lembrar-se da grande novidade que descobrira, havia já dias — um fervoroso idyllio que andava tecendo de collaboração com uma chapeleirinha das proximidades o ingenuo sonhador da sociedade futura.

Fôra o caso que, havendo-se certa manhã levantado muito cedo, determinára para não incomodar a *frau* Mathilde, ir tomar café á cidade. A esse fim sahira, contra os seus habitos, um pouco antes das seis horas. E apenas transpuzera o portão avistou Leonardo, que já ia a longo trecho, rumo das primeiras ruas da Quarta Parada. Já ao

outro dia causara-lhe estranheza a sahida matinal do ir-
mão. Deliberou por isso segui-o, guardando, porém, a dis-
tancia necessaria para não ser descoberto.

Eis senão quando viu sahir de uma pequenina casa de
porta e janella uma mocinha esbelta, saia e blusa muito
simples, chapéo, gracioso — traço este significativo de ser
ella uma chapeleirinha, visto como as operarias de outros
misteres pelo commum se contentam com uma trunfa bem
cuidada.

Ao passar por Leonardo, sacudiu a mão alviçareira-
mente, com rosto risonho de ennamorada. Elle, por sua
vez, correspondeu pressuroso ao cumprimento, agitando o
largo chapéo num movimento desengonçado de gigantes-
co bonifrate. «Ahi está a razão porque são tão cedo», disse
Angelo entre si.

Leonardo, interpellado em som de troça, a principio
fizera-se vermelho como uma menina. Protestou descon-
certado. Não havia nada. Que diabo! Gina e a mãe, ex-
tremamente pobres, viviam apenas do miseravel ordenado
que a moça ganhava na chapelaria. Conheci-as de ha muito
e tinha-lhes sincera amizade. No louvavel intuito de as
auxiliar, sem as humilhar, tivera a idéa... ou melhor, re-
cebêra proposta por parte da velha — boa mulher, coi-
tada! — para tomar as refeições em casa dellas, mediante
uma contribuição mensal. Aceitára e dera ordem a Pa-
taracchi, cuja venda era proxima, que lhes fornecesse os
generos alimenticios de que precisassem. Ficaria assim o
ordenado da pequenina operaria para roupa e outras mi-
nuscultas despezas... Eis porque a cumprimentára fami-
liarmente.

Angelo, que fingira aceitar essa explicação, fôra dias
depois, a instancias do irmão, jantar com elle em casa
de Gina. De começo tivera impressão pouco favoravel á ope-
rariiazinha. Achára-lhe certas attitudes de um desgarré ou
o que quer que seja pouco agradavel. Approximára-se,
logo ao chegarem, com ar alvoroçado, perguntando-lhe se
não se recordava de já a ter visto, «adivinhasse onde...».
E como elle não se lembrasse ajuntou entre frouxos de riso:
«Que mau vizinho que o snr. é! Pois não me viu ha dias
no bonde de Santa Cecilia? Por signal me parecia muito
preocupado... Eu ia entregar uns chapéos e desci na
praça da Republica...»

E os seus olhos reinadios, tirantes a verde e semea-
dos de pontos de ouro brilharam num risinho desembara-
çado, a tempo que se lhe cavava no queixo uma covinha
provocadora.



A mãe, uma italiana velha, rotunda e de aspecto que forcejava por tornar afflicto e angustiado, tinha o ventre immensamente desenvolvido e nunca tirava um grande avental azul escuro.

A má impressão, porém, desapparecêra logo. Aquelles modos da rapariga eram evidentemente devidos a profissão que exercia, habituada que estava ao tracto diario com innumeradas pessoas, obrigada a agradar a todos, a mostrar-se amavel e até galante, sob pena de perder o seu honesto meio de vida... Depois ambas pareciam tão gratas a Leonardo! Gina então mostrava-se tão apaixonada das suas idéas libertarias, como se as entendêra perfeitamente e estivera fadada a realizar com elle o magnifico sonho de reformar o mundo. Tinha graça! Nada mais interessante do que o colloquio meio amoroso meio philosophico-social em que os surprehendêra Angelo!

— Vem cá, *seu* maganão, disse a Leonardo, quando voltavam para casa. Não podes mais negar que gostas da chapeleirinha e ella de ti... Observei-os bem.

O socialista córou até a raiz dos cabellos, deu uma torcida á ponta do nariz, que ficou escarlate da impressão dos dedos, riu grosso, desageitadamente, e não disse palavra. Era a confissão!

— Mas se não estás disposto a renunciar ás tuas idéas sobre casamento, em que irá parar esse idyllio?

O irmão calára-se embaraçado. Via-se que uma grande lucta andava agitando aquella alma. E foi a medo que confiou a Angelo o seu grande sonho — achar para companhia uma dessas precursoras das mulheres do futuro de que nos davam o molde algumas das famosas heroínas russas, figuras admiraveis que pareciam sobrepôr-se ás contingencias e fraquezas de seu sexo, para espantarem os povos com o exemplo de sua coragem masculina e de sua tenacidade sem par de abridoras dos caminhos do porvir... E porque não havia Gina de alcançar um dia semelhante elevação? Porque não?

— Sonhador accordado, *seu* maroto, é o que és, disse-lhe Angelo rindo-se. Sabe que mais. Estou a duvidar se ainda estamos em S. Paulo, cidade brasileira, que nada tem de commum com essa tua Russia subterranea e tragica... Olha... Daqui a um pouco batem ao portão... E damos com um batalhão executor que nos vem buscar para a morte... Deixemo-nos de pesadelos... Antes que venham as revoluções tratemos de ir almoçar mui burquezmente...

(Continúa)

J. A. NOGUEIRA.



GRÃO DE AREIA — *Gilberto Amado* — J. R. dos Santos — Rio — 1909.

Estudos do nosso tempo, têm o subtítulo deste livro verdadeiramente notável. Gilberto Amado pertence à geração dos novos pensadores brasileiros que se afirmaram de chofre por força de uma superioridade mental das mais ricas em valores e cambiantes. Jornalista, elle sabe conciliar com o precíval «fritar diário dos miolos» a produção acurada de estudos destinados a perpetuarem-se na vida longa do livro. Com este, — «Grão de areias», — nome allusivo ao homem que como individuo é arrastado na voragem das convulsões sociaes e que, agora, sem saber porque nem de que maneira se viu turbilhonado com a máxima cruza no *simon* da guerra, Gilberto Amado enriquece o nosso patrimonio literario. Dá-lhe uma coisa de que elle é pobre, — idéas. O seu ponto de vista é sempre pessoal e, por que muito elevado, domina com grande amplitude o mar morto da alma nacional. Compõe-se o livro de quatro ensaios, «Grão de areias», «Eshoco de uma moral educacionista apropriada ás condições do tempo presente», «Dos homens chamados praticos e da sua influencia no Brasil», «As instituições politicas e o meio social no Brasil», todos tratados com o mesmo encanto, penetração e elevação de vistas.

SILVESTRE LAGEDO — *Plinio Cavalcanti* — Leite Ribeiro e Maurillo — Rio — 1919.

Aproveitando-se da forma de romance o A., que lança o seu livro de estreia, expõe uma serie de idéas e desenhos de typos sob cujas mascaras

palpitam personagens vivas no Rio de Janeiro. Póde-se definir o livro como uma visão da Capital Federal, sua gente e seus costumes, encarados do ponto de vista dum filho do Norte, recém-chegado. E dá elle medida de como as almas se differenciam no Brasil por injunções da extensão territorial. O Norte é uma coisa bastante característica, o Rio é uma coisa muito diversa; os typos, os caracteres, a personalidade, tudo se diversifica. O nortista ambicioso, aperreado pela estreiteza do meio, tem como sonho dourado o mergulho na grande capital para «vencer na vida». Emigra, se é um forte, e de facto vence; mas a civilização carioca absorve-o, dá-lhe todas as exterioridades, todos os vernizes, não conseguindo entretanto renovar a alma que elle traz de lá, na qual a saudade do *terroir* fica como o sentimento predominante. No fundo, ha lucta permanente e mutuo desprezo. O adventicio considera o Rio como sua presa, como praça forte conquistada ao inimigo e comporta-se muitas vezes com a violencia e o descaro do vencedor em terras do vencido. Neste livro, o romance dos protagonistas — um moço que quer casar com uma menina rica e graças á resistencia do pae vem a casar com outra, — romance sem drama nem acção de qualquer especie, parece-nos um pretexto para o borbotar de idéas que ao cerebro do autor affluiram, em face da capharnaum carioca. Tambem aproveita o ensejo para, sob forma de dialogo, ou considerações pessoais, debater os nossos mais complexos problemas nacionaes. O livro vale sobretudo como denunciador das qualidades belletrísticas de Plinio Cavalcanti. Elle as tem abundantes e tem

a maior de todas, qual seja a de interessar fundamente o leitor e arrastá-lo pelo livro além duma assentada. Senhor de tal dom, está nas suas mãos, aprimorando a arte da factura, dar-nos bellas obras, mais cuidadas do que esta, visivelmente feita às pressas, e tão interessantes como esta na fixação dos aspectos fugidios da psychica brasileira, fugidia e furta-côr.

MINHA TERRA — Antonio Salles —
Typ. Moderna — Ceará — 1919.

Se o Ceará «ferreiro da maldição», como lhe chama Rodolpho Theophilo, a terra martyr, o «lindo inferno» de Antonio Salles, tivesse homens de Estado como tem homens de letras, de ha muito estaria solvido o tremendo problema das seccas. Mas a terra que no romance deu Alencar, na politica dá ácaros como o memoravel bando accyolino que só a fogo poude ser enxotado de lá. E, assim, a terra dos verdes mares enriquece cada vez mais seu patrimonio belletrístico, embora não consiga arrancar-se á espada de Damocles que o sol lhe suspende sobre a cabeça. Razão do tom angustioso e dolorido que ressaiba a poesia e a prosa cearense. «Minha Terra», por exemplo: é um grito de angustia de mistura com um cantico de amor á lndezza da terra amaldiçoada. Sempre presente á alma do poeta estão as scenas de horror passadas e a perspectiva dorida das provaveis calamidades futuras. Os interregnos de bonança abrem em todas as faces o sorriso triste de quem sahio de uma grande dôr com a consciencia de que voltará inevitavelmente a ella em futuro não remoto. Esta característica de A. Salles é a característica de todos os seus contemporaneos. Nestes versos,

«O sertão pelo inverno é paraizo,
Pelo verão é inferno, em que sanhada
Furia do sol dos campos o sorriso
Em contorsões de colera transmuda.

Ao longo das estradas só divisio
Pó, folhas seccas, sarças negras...
Muda

E' a voz da terra... E o vento, de
improvisio,
O céo, com um sopro rispido, desnuda.

Rochas, erguidas isoladamente,
Parecem calvas frentes soffredoras,
Com grandes rugas feitas pela magua.

Cavo rumor corta a mudez do ambiente:
— E' o cortejo das pombas migradoras
Fugindo em busca de verdura e agua.»

está todo o Ceará e está toda a literatura do Ceará. Antonio Salles sente como ninguém o seu Ceará e dá-nos nitida a sensação da terra torturada. Lê-lo é comprehender o povo martyr e commungar na dôr melancolica dos condemnados ao supplicio do sol. A estreiteza desta secção não nos permite alongar esta noticia. Diremos apenas que o A. conseguiu acrescentar um grande bloco ao monumento da poesia nacional — não da poesia sem patria, tanto russa como franceza ou chinesa, mas da poesia brasileira, que revê a terra e as almas como ellas o são na dolorosa realidade.

O FOGO DO IDEALISMO ESTÁ
AQUI — Nelson Mello — Off. «Estado» de S. Paulo — 1919.

«Ha um imperialismo que força alguma conseguiu destruir, que reveste essencia divina, que consagrou a alma dos iniciados nas luctas do Mundo, e que nenhuma revolução conseguiu desarvorar. Esse imperialismo está aqui. E' o imperialismo da justiça e do bem.» Assim perôra Nelson Mello na bella conferencia realisada na séde do Grande Oriente de S. Paulo, depois de um longo excurso atravez das correntes philosophicas e religiosas que procuram solver o eterno problema da felicidade do homem na terra. Esta conferencia revelou a S. Paulo uma mentalidade de ampla envergadura, capaz de idéias proprias sobre altas questões sociaes. Seu descortino philosophico denuncia muita cultura e singular aptidão para o jogo das idéias geraes. Se accrescentarmos a isto a linguagem escorreita, limpa de vicio e

de empolas de máo gosto, e posta a serviço de um estylo muito pessoal, incisivo e faiscante, teremos dado em rapido esboço a impressão do vigoroso novo que acaba de surgir na arena do pensamento nacional.

BRASILISCHE PROSA — *Clemens Brandenburger*, — Rotermund e Co., — S. Leopoldo e Cruz Alta, Rio Grande do Sul — 1919.

O presente volume é o 14.º da collecção «Literatura Sul-Americana» que já tem dado a publicidade a alguma coisa da literatura brasileira, como se infere das ultimas palavras referentes a Oliveira Lima, á pag. 91, onde o A. dá noticia do trabalho do escriptor brasileiro sobre o Conde Mauricio de Nassau-Siegen.

A «Brasilische Prosa» é dedicada a Max Fleiss, de quem o A. traduz as recordações sobre Florianópolis e a revolta, precedendo-as, como sempre faz ás traducções, de uma noticia biographica. Não deixa de ser muito interessante o conhecimento preciso que Brandenburger mostra dos nossos homems e coisas, revelado na apreciação dos escriptores de que se occupa.

No prefacio diz: — «nós, tauto-brasileiros, devemos nos occupar da literatura luso-brasileira, se não quizermos ficar olvidados; devemos tomar parte na vida intellectual da nossa terras, — acrescentando que propositadamente não se occupou exclusivamente de contos, mas traduziu ainda obras de outros generos literarios, porque sómente assim se conseguirá uma impressão de conjuncto acerca do trabalho intellectual brasileiro.

Abre o livro a traducção do conto de Affonso Arinos, «Pedro, o barqueiro», e termina com o «Pioneiros, de Roquette Pinto. Na introdução ao primeiro, o A. pede indulgencia aos leitores caso a traducção não satisfaça a quem conhecer o original, tão rico de vocabulos regionaes que muito difficul-tam a versão. Parece, no entanto, que tal obice foi vencido, pois que em conto, desconhecido para nós, de Viriato Corrêa, a versão allemã dá bem nitida a impressão do meio em que o

episodio se desenrola, e o final dramatico da narrativa é tão emocionante que se nos afigura difficil ser melhor no original.

Além desses nomes o A. traduz trabalhos de Viriato Corrêa, Bilac, Affonso Celso, Coelho Netto, Monteiro Lobato e Afranio Peixoto.

Para nós, porém, mais expressiva que a valiosa contribuição do sr. Clemente Brandenburger, é a significação que tal esforço representa, por onde se vê que, apesar de tudo, o tauto-brasileiro continua a amar o Brasil com ardor que não cede diante de nenhum outro, incluindo o descendente proximo ou remoto dos portuguezes. Talvez Graça Aranha acabe tendo razão quando, no seu «Charans, Milkau a dialogar com Lenta, affirmava que os allemães entre nós acabariam vencidos pela absorção, lenta mas irremediavel. E de facto tal virá acontecer, mas grado tudo que se tem levantado contra os descendentes de um dos povos mais capazes jamais apparecidos sobre a terra.

Aos poucos o Brasil acabará reconhecendo que deve muito ao esforço allemão, desde Hans Stadten, que tão bella documentação deixou dos primeiros dias da nossa terra, até Breslau, que chegando pouco antes da guerra estalar, percorreu grande parte do pais para estudar a embryogenia dos mazurpiae, procurando desvendiar o eterno segredo da vida, como innumerous outros pesquisadores allemães que têm aportado ao Brasil. A contribuição scientifica destes investigadores é tão importante, que não lhe vale metade o trabalho reunido dos outros investigadores filhos de outras terras. Se o esforço desta gente fosse bem comprehendido pelos brasileiros, seria mistér conceder-lhe um lugar privilegiado na nossa gratidão. Em 1820 já emigravam elles para aqui, amalgamando-se connosco, compartilhando das nossas agruras, pelejando pela nossa independencia, improvisando batalhões para a defesa da nova patria nos campos paraguayos, e, mais tarde, creando nucleos coloniaes dos mais importantes, na Bahia, Espírito Santo, Minas, Rio de Janeiro, grande parte do Paraná, Santa Catharina e Rio

Grande do Sul. Sempre se fundiram connosco, participando nas nossas aspirações nacionalistas, como mostra Beckmann, figura tão interessante da nossa história.

A grandeza moral e a magnanimidade de Pedro II, foram herança materna, isto é, genuinamente allemã. A influencia exercida pelos nossos homens de letras Tobias Barreto, Julio Ribeiro, João Ribeiro, Sylvio Romero, Gonçalves Dias, Capistrano de Abreu, foi mais uma consequencia da cultura allemã que elles assimilaram, e o proprio Bilac, que tão admiravelmente traduziu do allemão o Max und Moritz, sob a rubrica de Joca e Chico, não fugiu a esta excepção.

A causa desta injustiça é o desconhecimento da verdadeira Allemanha, e a acceitação incondicional da Allemanha caricaturada e falsificada pelos seus inimigos tradicionaes. Quem a conhece de perto, muda logo de opinião, como aconteceu a Arthur de Oliveira, o mais brilhante bohemio riograndense. Sua aspiração suprema era conhecer Paris. Realizou-a um dia e lá jantou com Hugo, fez-se intimo e foi caricaturado por Gustavo Doré e travou relações de amizade com os mais brilhantes nomes da época. Ao declarar-se a guerra de 70, não hesitou em alistar-se na Legião Estrangeira, onde galgou varios postos á força de bravura, até que afinal, ferido, cahiu prisioneiro dos allemães, por elle tão execrados. Transportado para a Allemanha, no pouco tempo que lá esteve foi-se dando conta de um mundo inteiro de coisas desconhecidas, os olhos abriram-se á visão verdadeira da alma germanica e elle acabou escrevendo á sua velha mãe e aos seus parentes verdadeiras apologias do mundo novo que descobrira e cuja perfeição chegava até á humilde casa do camponio. Entre nós, ultimamente, a campanha do saneamento que sacudiu todo o Brasil vem por fórma indirecta da sciencia allemã, pois que teve como ponto de partida o Instituto Oswaldo Cruz. A materia é mesgotavel; não é um assumpto, é uma mina, como diria Paula Ney.

EXILIO — Lindolpho Esteves — S. Paulo — 1919.

Aqui está um poeta de peregrinas qualidades. Alma unificada de verdadeira poesia, serena e pura; talento de escôl, podendo dispôr de uma cultura larga e solida; homem, arredado da violencia de odios ou de paixões subalternas. Lindolpho Esteves é um typo de artista privilegiado, em que a belleza tem um cultor cheio de carinhos e dedicações.

A figura de lavor e pureza de linguagem das composições e traducções que compõem este livro bastariam para recomendar qualquer autor. Nas traducções de Lecomte de Lisle, sempre tão cheias de mil difficuldades, Lindolpho Esteves conseguiu quasi o impossivel, trasladando para um portuguez de lei, fino e castiço, toda a força magestosa dos versos do original dos *Elephantes* ou da *Panthera negra*. As composições originaes não falta o mesmo brilho e o mesmo encanto. Sente-se, porém, já pelo numero reduzido de composições originaes, em face da copia das versões, já pela escolha dos themas, qual a qual mais delicado, que o A. não pôz no seu primeiro livro tudo quanto de mais eloquente tem feito, e que por certo ha de apparecer em futuras obras, onde a sua individualidade ha de ser mais marcada do que nesta. Porque será grande pena, enorme, que Lindolpho Esteves persista em querer manter a sua profissão de fé, tão belamente traçada na abertura do livro:

*Quando caminho ao sol, ella caminha,
para, si paro enfim, no mesmo instante;
às vezes vem atraz, outras, allante,
descrevendo commigo a mesma linha.*

*E vendo-a nesta imitação mesquinha,
de um mourejar tão duro e tão constante,
chego a pensar ser ella o caminhante
e eu a sombra que delle se avizinha.*

— fosse ella a realidade, eu fosse a
sombra...



Que essa delicadeza, que é um dos grandes encantos do seu verso, nos continue a deliciar, bem. Mas que ella não chegue a fazer-se tímida, e, assim, nos roube o encanto da personalidade de escól que é a do esplendido poeta.

PROSIGAMOS! — *Luiz Rubano* —
Casa Jeronymo Silva, Nictheroy,
1919.

Não sabemos que má sorte têm a literatura didáctica no Brasil. Cada nova contribuição que nos cae sob a vista é uma nova prova do nosso má gosto, da nossa incompetência ou da nossa inaptidão para a factura dos livros escolares. Faz pena, faz pena, realmente, pensar que as nossas creanças tenham de educar-se com semelhante aparelhamento, tão defeituoso, pobre e infeliz. O quê, no exiguo numero das nossas obras didácticas, não pecca pela má linguagem ou pela nenhuma methodidade, pecca, como este, pela feição material, que é, poder-se-hia dizer com alguma maldade — genuinamente brasileira... O Sr. Luiz Rubano escreveu talvez um livro capaz de bons resultados educativos. Bem intencionado, maneando a lingua com facilidade, escolhendo bons themas, conseguiu organizar uma série de lições muito interessantes e proveitosas. Todas essas qualidades, porém, se perdem, se diluem, ficam esquecidas com a apresentação que o livro lhes dá. Má impressão, má papel, má distribuição, e sobretudo, *horresco referens*, desenhos dos menos adequados, si é que a isso possa chamar-se desenhos. Procure o A. dar uma nova feição material ao seu trabalho. Sem isso tudo será em vão. Fazer bons livros para creanças é das coisas mais sérias, nas quaes é preciso não só trabalhar com intelligência e coração, mas com uma elevada argúcia e cuidado.

PANDORA — *Da Costa e Silva* —
Livraria Castilho, Rio, 1919.

De um subjectivismo sadio, sem exaggeros que lhe tolham a simplicidade e a graça, a poesia de Da Costa

e Silva é feita para agradar o ouvido e o coração. Tem forma e tem sentido. E sentido e forma aqui vêm bem casados, com espontaneidade e com doçura. Da Costa e Silva não tem declarações emphaticas, nem lamurias sangrentas, nem vibrações inesperadas. Tocados de um suave lyrisimo os seus versos parecem feitos mais para espelhar os sentimentos calmos, a saudade feliz, a esperança possível, do que as morbidezas do espirito. Os sonetos dos *Poema da saudade* ha um em que se ajuntam todas as suas bellas qualidades de poeta de raça. E' esse:

*Ea sou tal qual o Parnahyba: existe
Dentro em meu ser uma tristeza innata,
Igual, talvez, á que no rio assiste
Ao reflectir as arvores, na matta...*

*O seu destino em retratar consiste;
Porém o No tudo o que retrata,
Alegre que era, vai tornando triste
No fluido espelho móvel de ouro e
prata...*

*Parece até que o rio tem saudade
Como eu, que tambem sou d'essa maneira,
Saudoso e triste em plena mocidade.*

*Dá-se em mim o phenomeno sombrio
Da refração das arvores da beira
Na superficie tremula do rio...*

SCENAS E TYPOS — *Rodolpho Theophilo* — Typ. Minerva — Ceará — 1919.

Collectanea de impressões, reminiscências e estudos cearenses, interessante como tudo que sae da penna do A. Neste volume reúnem-se elle os seguintes artigos: O Ceará, ferreiro da maldição; O bebedouro; Moedeiros falsos; Através do passado; Altruismo; A imprevidencia do cearense; As plantas assassinas; A tróca das costellas; Porque fui industrial?; O supplicio da aranha e O opio. Por alguns d'elles se entrevê a acção social de Rodolpho Theophilo na sua terra, acção sempre benemerita e fecunda em lições preciosas. Graças a ella, a variola, complemento fatal das seccas, foi julgada para sempre e o bemfeitor

cearense teve a summa felicidade de nas ultimas estiagens assistir á victoria da sua obra magnifica. «A secca de 1915 passou e nem um caso de bexiga foi verificado. Tivemos a suprema ventura de ver no intimo da nossa alma a consciencia glorificar a nossa obra. O sonho, estava, pois, realzado», diz elle. Se houvesse gratidão na humanidade, que homenagens não receberia quem salvou do horroroso apodrecimento em vida determinado pela variola a milhares de seres humanos? Mas a humanidade é ingrata, só glorifica aos que a torturam, aos guerreiros que a trucidam e aos estadistas que a exploram. Só estes recebem estatuas...

LIÇÕES PRATICAS DA PONTUAÇÃO E ACCENTUAÇÃO DO «As Honorato Faustino de Oliveira — Weislog Irmãos, São Paulo, 1919.

O auctor do presente livrinho realiza com a sua publicação um serviço meritorio. São de todos conhecidas as difficuldades quasi insuperaveis que se antolham aos estudantes no ensino da pontuação e da accentuação do «as. Da primeira então, nem se fale. Além de ser ponto que exige attenção redobrada, e conhecimentos syntacticos, faltam ás nossas bibliothecas livros didacticos que estudem sufficientemente esse ponto. Não se trata de pobreza, mas sim de verdadeira penuria. A não ser alguma grammatica que estude superficialmente o assumpto, nada mais ha ao alcance dos estudantes nesse particular. E diga-

mos tudo: é tão raro encontrar gente que sabe pontuar, hoje em dia. Mesmo entre gente culta nota-se essa falha, originaria da falta absoluta de ensino nas escolas. Os felizes que conseguem aprender, por via de regra, a alcançam por intuição e nunca pelo trabalho paciente dos professores. O A. dedica a metade do seu folheto a esse problema, e estuda o assumpto com verdadeira proficiencia, dividindo racionalmente os casos e graduando-os por ordem de difficuldade, além de rechéal-as — e nisto está o maior valor da obra — com exemplos copiosos e retirados das obras dos nossos maiores escriptores, antigos e contemporaneos. A segunda metade do livro estuda os casos da accentuação do «as. E fal-o sem valer-se das citações, das classicas citações das regrinhas grammaticas. As duas unicas que lá apparecem com esse nome não o são: a primeira é um postulado; a segunda é um artificio. Mas para avaliar-se até que ponto foi em clareza de exposição e de methodo, o distincto Director da Escola Normal de Piracicaba, basta dizer-se que a accentuação do «as comprehende nada menos de 23 lições todas ellas acompanhadas de fartos exemplos, e que demonstram a analyse paciente, a meticulosidade na divisão dos casos, o cuidado de evitar as falsas analogias, que levam a juizos erroneos, o que revela no A. uma optima directriz pedagogica, de quem tem clara noção das difficuldades na transmissáo dos conhecimentos e, ao mesmo tempo, pleno conhecimento da materia que versa.



EXPOSIÇÃO BASSI



Paisagem Rio-Grandense

Oleó de T. Bassi



Minha terra tem palmeiras

Oleó de T. Bassi

EXPOSIÇÃO BASSI



Scena Brasileira

Oleo de T. Bassi



RESENHA DO MEZ

VIDA NACIONAL

De 15 a 15

15 — O presidente de S. Paulo enviou uma mensagem ao Congresso legislativo solicitando os necessários recursos para a execução de varios melhoramentos na Capital paulista, por occasião do Centenario.

16 — Transbordaram os rios Gravatahy e Gushyba, no Rio Grande do Sul, inundando varias povoações.

17 — O aviador Locatelli, que havia partido de Buenos Aires para um raid aereo daquelle capital ao Rio, foi forçado a aterrar em Tijuca, Santa Catharina.

18 — O Partido Republicano Mineiro, em convenção plena, approvou a reforma de seus estatutos.

19 — O presidente da Republica enviou ao Congresso uma mensagem com alvites sobre o problema do Nordeste. — Tomou posse do cargo de ministro da guerra o sr. Pandiá Calogeras.

22 — O Congresso legislativo de Santa Catharina encerrou os seus trabalhos.

23 — O presidente da Republica enviou ao Congresso uma mensagem suggerindo a criação do Ministerio da Saude Publica.

24 — Dos estaleiros «Guanabaras», em Niteroy, foi lançado ao mar o vapor «Natal», do Lloyd Nacional.

25 — O presidente de Minas Geraes foi autorizado a contractar a organização do novo Codigo de Processo Civil e Criminal.

26 — O governo do Espirito Santo remetteu para Paris a importancia dos coupons do emprestimo de 1894. — O governo de S. Paulo rescindiu o contracto de arrendamento da Sorocabana Railway.

28 — O presidente da Republica foi escolhido arbitro pelos governos de S. Paulo e do Paraná para decimir a questão de limites entre esses dois Estados.

29 — O Congresso de Pernambuco reconheceu como governador do Estado o sr. José Rufino Bezerra Cavalcanti.

30 — Rebentou um movimento parodista em Porto Alegre.

Outubro 1 — Foi installada a Assembléa dos Representantes do Rio Grande do Sul.

2 — Reunio-se em Campinas o 2.º Congresso Paulista de Estradas de Rodagem.

3 — Declarou-se em parede o pessoal da Estrada S. Paulo-Rio Grande.

4 — Tomou posse do cargo de Director da Saude Publica o dr. Carlos Chagas.

5 — As directorias dos bancos nacionaes dirigiram-se ao presidente da Republica pedindo a reforma bancaria.

6 — Tomou posse da presidencia do Maranhão o sr. Urbano dos Santos.

8 — A Camara Municipal de Barbacena autorizou o executivo municipal a celebrar contractos para a installação da industria siderurgica, offerecendo vantagens aos industriaes.

9 — O Supremo Tribunal declarou inconstitucional uma lei rio-grandense sobre impostos de companhias de seguros.

10 — Installou-se o Congresso Legislativo do Espírito Santo.

12 — O governo de Santa Catharina contrahiu nos Estados Unidos um emprestimo de 5 milhões de dollars.

13 — O presidente do Sergipe sancionou a lei que extingue o imposto sobre os vencimentos dos funcionarios publicos.

15 — O governo de S. Paulo desapropriou por utilidade publica a S. Paulo Northern Railway.

Nota Mineira

APROVEITAMENTO DE CAPACIDADES... — O Partido Republicano Mineiro, que se acaba de reorganizar, desfraldando um largo programma, onde apparecem com merecido destaque os maximos problemas nacionaes do saneamento rural e urbano e do povoamento do nosso territorio quasi deserto, lançou entre suas theses politicas, de par com o proposito de defender e autonomia dos Estados e dos municipios, a de que nos postos de governo e de administração devem ser aproveitadas as capacidades...

E' a primeira vista estranho que tão elemental regra de comereinho bom senso tenha sido guindada a these politica e como tal inserta no cabeçalho de um programma de partido. O apparente disparate, todavia, deixa de o ser e se converte em magnifica promessa por que anciava de ha muito o grande Estado central, tão depressa se alcancem os motivos da singular lembrança. E estes não havemos mister muita argucia para os descobrir. E' o caso que já se havia tornado um titulo de exito na vida publica o não ter capacidade para cousa alguma, o não fazer sombra a ninguém, o abdicar da propria personalidade para não ser mais do que um eco dos menores caprichos dos chefes...

Semelhante *selecção ás avessas* é o mais terrivel cancro de quantas mazellas e verminozes nos corrôem e a-

podrentam o organismo nacional. E' o reino da mentira, da sabujice, da renunciação a todos os brios e altivezes. Combater esse mal constitue o mais bello tentamen em que se possa empenhar um partido ou um governo. Eis porque achamos poucas e mal acabadas todas as lãs e hosannas á arremetida mineira contra o triumpho das raposas em detrimento dos leões.

Oxalá a cousa não fique só no papel. E assegura-se que não fica, & bemaventuradas divindades das montanhas! Dizem até que da actual representação mineira na Camara Federal mui poucos deputados permanecerão, pois raros serão poupados pela craveira inexoravel com que vão ser medidos.

Quão vasta, porém, e quão tremenda não será a responsabilidade dos *nosso grandes electores* nessa obra de renovação! Porque é de todo o ponto imprescendivel que para cada logar donde fór aliçada alguma nullidade doirada vá um homem... mas o que se chama realmente um homem á luz da famosa lanterna de Diogenes.

Sabel-os-á encontrar o Partido Republicano Mineiro?

Eis o que *colá* a nação se pergunta a si mesma entre alvoroços de esperanza e de temor, de olhos postos... no sr. Arthur Bernardes.

Artes e Artistas

Abriam-se o mez passado em São Paulo varias exposições de pintura, das quaes damos hoje algumas reproduções. São telas dos pintores A. Fernandez e Torquato Bassi. Fernandez expoz õtenta e tantos quadros e conseguiu agradar de tal maneira o publico que os vendeu quasi todos, marcando talvez o *record* da venda de quadros em S. Paulo.

Embora discutida a sua arte pelos criticos e pelos artistas, não a discutiu de maneira nenhuma o publico que, encantado pela frescura das tintas, pelo brilho da paisagem, pelo movimento e vida que elle sabe imprimir nos animaes e nas figuras humanas, foi unanime em louval-o e em concretisar o louvor pela acquisição. Apesar de hespanhol de nascimento, Fernandez pas-

sou boa parte da sua mocidade em nosso país e é um pouco nosso, como também é bastante nosso o pintor Torquato Bassi, que ainda desta vez foi muito feliz com a sua exposição. Bassi é um caso típico do que pôde o esforço pessoal. Desajudado de tudo, e operário de profissão humilhada, sentindo em si qualidades latentes dignas de aproveitamento no campo estético, atirou-se um dia á pintura. Sem mestres, sem guia, sem curso de nenhuma escola, aprendeu a pintar pintando. Seus primeiros trabalhos, apesar de todos os defeitos, denunciavam já o artista, e este artista que ha em Bassi, desenvolvendo-se rapidamente, dia a dia mais se affirma e mais se impõe ao publico. Suas ultimas telas significam uma ascensão e por ella se pôde entrevêr os fructos finaes da sua arte quando completada a maturação do seu bello talento. Possui, entre outras qualidades, uma rara — o senso da poesia. Consegue impregnar os quadros dum não sei quê emotivo, que fala á alma do espectador e o induz a adquirir. Podemos dizer que Bassi já venceu. E não é preciso ser profeta para lhe augurar no futuro um lugar de vivo destaque entre os interpretes da nossa natureza, como a vê e como a quer o senso estético do nosso publico.

...

Jornaes e Revistas

Conselho Nacional de Educação

Não ha função sem organ. Se a educação é o mais grave problema nacional, se della depende todo o nosso futuro em todos os seus aspectos — cumpre que haja um aparelho ou departamento na administração federal que cuide desse assumpto sobre todos grave e importante.

Na Inglaterra ha o Ministerio Nacional de Educação. Na França ha o Ministerio da Instrução Publica. Na Belgica ha o Ministerio da Educação. No Japão ha o Ministerio da Educação. Na Hespanha, desde 1900, existe o Ministerio da Educação. Na Italia

ha o Ministerio da Instrução Publica. Em Portugal ha o Ministerio da Instrução Publica. Na Austria ha o Ministerio da Instrução Publica. No Canadá ha o Ministerio da Educação. Nos Estados Unidos ha o Bureau de Educação no Departamento do Interior. Na Republica Argentina ha o Departamento da Instrução Publica no Ministerio da Justiça e Instrução Publica.

No Brasil onde existem vinte milhões de analphabetos não ha departamento algum na administração nacional que cuide do assumpto. E quando se aponta essa falha clamorosa e criminosa, ha idiotas que impugnam a instituição de aparelho necessario por ser isso inconstitucional. Deixamos de educar vinte milhões de analphabetos porque a Constituição não o permite.

No Brasil onde ha, mais que em qualquer outro país, necessidade de uma acção educativa intensa, só existe, no Ministerio da Justiça, uma secção burocratica que se occupa exclusivamente do ensino secundario e superior da Republica, secção essa que sem ampliação alguma dos seus serviços, se propõe agora passar para o Ministerio novo que se pretende instituir.

Nós que imitamos tudo aos Estados Unidos, até copiar a sua Constituição deveriamos, já que ninguem comprehende a necessidade de um Ministerio da Educação, ao menos copiar á America do Norte a organização do Bureau de Educação. Ha no nosso aparelho da administração federal uma grande lacuna que é preciso preencher com a criação do nosso Conselho Nacional de Educação, em quanto não constituirmos o Ministerio da Educação Nacional. Todo o futuro nacional está na educação.

Ou acaso a nossa nacionalidade está pelo destino condemnada ao analphabetismo integral, irremediavel e permanente e por isso ha mister instituirmos coisa nenhuma no governo federal?

Segundo a lei que organisou o Bureau de Educação dos Estados Unidos, tem elle, entre outros fins, os seguintes: colligir estatisticas e documentos mostrando as condições e o

progresso da educação em toda a União; divulgar informações relativas à organização e funcionamento das escolas e sistemas escolares, bem como aos métodos de ensino quer na América, quer no estrangeiro, de modo a permitir ao povo americano o estabelecimento de sistemas efficientes na sua educação nacional; informar anualmente o Congresso, por meio de minucioso relatório, do resultado das suas investigações e trabalhos, bem como das medidas que julgue necessárias para servir a causa da educação e aos fins para que foi instituída a repartição; publicar boletins, informações, circulares e relatórios referentes a todos os assumptos educativos.

Só o relatório que o Bureau de Educação vem annualmente publicando é a mais profícua e monumental contribuição para o progresso da educação na América. Não é preciso accentuar a importância de um retrospecto annual, como o relatório do Bureau, de tudo quanto se faz em materia de educação no mundo inteiro.

Sem a divulgação constante desse relatório, não se poderia aproveitar os resultados obtidos mediante os actuaes processos educativos das escolas americanas. Todos os problemas educativos, tornaram-se internacionais na época actual.

Os processos empregados na escola da mais humilde aldeia devem aperfeiçoar-se á luz da experiência adquirida no mundo inteiro.

É indispensavel, pois, termos no Brasil um Conselho Nacional de Educação semelhante ao Bureau de Educação dos Estados Unidos.

Esse Conselho Nacional de Educação a ser instituído seria no Brasil o pharol luminoso que nos alumia o caminho para a redempção do captivo da ignorancia a que estamos jungidos.

Um dos aspectos mais dolorosos da vida nacional é a resistencia passiva mas absoluta, ao inicio de qualquer trabalho de organização nacional da educação. Existe entre nós um culto profundo pela ignorancia. É uma das características nacionaes. Esse culto pela ignorancia assume no caso a fórma de fetichismo constitucional.

Ha cincoenta annos, espiritos generosos propugnaram a necessidade de se instituir uma organização nacional de educação. Ha cincoenta annos mostra-se á evidencia que o Brasil tem, entre todos os paizes civilizados, proporcionalmente, o maior numero de analfabetos. Ha cincoenta annos uma pleiade de escriptores notaveis se bate pela necessidade de começar-se a educar o paiz. Ha cincoenta annos demonstra-se que o paiz está na mais vergonhosa situação sob o ponto de vista da educação. Ha cincoenta annos provou um escriptor que o Brasil tinha menos escolas que a Turquia. Prova-se actualmente que o Brasil ainda está nessa situação de inferioridade em relação á Turquia.

E não ha meio de se dar um passo para diante. Se se cogita de fazer agir o governo nacional no mais nacional de todos os problemas, os senhores constitucionalistas acham que para bem da Constituição precisamos continuar a ter vinte milhões de analfabetos.

E não se consegue coisa nenhuma. O Brasil é um paiz absolutamente chumbado. É sua ignorancia insondavel, irremediavelmente insensivel a qualquer appello no sentido de se tornar menos barbaro.

Prova-se, e ninguém contesta, que o Brasil é o unico paiz cujo governo nacional nada faz em bem da educação do povo. Continua tudo na mesma.

Prova-se, e ninguém contesta, que ha necessidade absoluta de um Conselho Nacional de Educação. Mas ninguém cogita de instituí-lo.

Prova-se que ha vinte milhões de analfabetos. E nada se faz para diminuir-lhes o numero.

O Brasil é, pois, no mundo, o paiz mais refractario á sciencia, á educação e á cultura.

E, por isso, não obstante o amor que temos ao nosso paiz, não obstante o desejo immenso de servi-lo e eleva-lo, eis porque, apesar de tudo, nos convergonha a qualidade de cidadão brasileiro, synonymo de ignorancia, analfabetismo e culto ao obscurantismo. — MARIO PINTO SERVA (Do Estado de S. Paulo).

Aluizio Azevedo

Os mais íntimos de Aluizio — e eu tive a fortuna de ser um delles — sempre estranharam que um homem tão bem dotado — um apollíneo: — bello e robusto, complexião de athleta e mente esclarecida, de uma formidavel capacidade de trabalho, methodico como um astro, fosse o mais árido dos scepticos, o mais indifferente de todos os artistas do seu tempo.

Nunca nelle senti o entusiasmo, nunca o vi vibrar de emoção sobre um periodo que lhe sabbisse da pena agil. Tudo fazia a frio, sem a exaltação, que, de certo modo, compensa o soffrimento com que a Arte tortura aos que mais a servem e estimam.

Lembro-me do tempo em que, para escrever *O homem*, andando á procura do adocmento humano, elle frequentava estalagens, ia ás pedreiras familiarisando-se com cavouqueiros, comia em casas de pasto, á mesa ruidosa dos trabalhadores, conversava-os estudando-lhes o typo, os costumes, a linguagem, surprehendendo-lhe os instinctos, rindo com elles, á larga, ou retrahindo-se commovido quando os via acabrunhados.

Sahia cedo e lá ia á faina. Regressava á noite cansado, aborrecido e, atirando á mesa, a sua grande e sempre ordenada mesa de trabalho, as notas que tomára, despiá-se ás pressas, corria ao banheiro para tirar de si o cheiro do suor horridos.

E mostrando, com despreso, a papelada cheia de garabulhas a lapis, dizia redioso:

— Eis o meu dia. Tenho ahí material para dous ou tres capitulos.

Não falaria com tanta indifferença um lenhador que voltasse do matto com uma carrada de troncos ainda vertendo seiva e os empilhasse na eira.

Aluizio considerava-se um emallogrado:

«Escrevo por força da fatalidade, como claudicaria, se houvesse nascido coxo: impulso de genitura, não de ideal. E' o destino que me aferra a esta mesa, que me debruça sobre es-

tas tiras. Assim como descrevo um episodio ou uma paisagem e desenvolvo um dialogo cortaria peças de fazendas ou mantas de carne secca se tivesse vindo fadado para o commercio. Vim consignado ás letras e aqui estou, fallido. A sociedade não admite vadios, todo homem tem de dizer a que veio, que faz, como e para que vive. Eu, a taes perguntas, respondo com o primeiro livro que acho á mão.

— Mas tu não tens razão de queixa. As letras foram-te sempre propicias, desde a tua estréa, no Maranhão, com *O Mulato*. Sargiste como Minerva: armado e victorioso.

— Pois sim, repontava elle, encolhendo os hombros largos: victorioso como Pyrrho, com os meus elephantes de papel. O resto é que é. Escrever para que? para quem? Não temos publico. Uma edição de dous mil exemplares leva annos a esgotar-se e o nosso pensamento por mais original e ousado que seja, jámais se librára no espaço amplo: voeja entre as grades desta galola estreita, que é a celebrada lingua dos nossos maiores.

Camões se houvesse escripto em francez, o poema typico do Renascimento não seria a *Divina Comedia* e sim os *Luziadas*. E que é, em verdade, essa obra prima? o monumento de um povo, quando podia ser o padrão de toda uma era, tão só porque foi fundido no metal pesado e tão arrevesado á cinzeladura que só se presta, quando muito, á obra de macha martillo. Escrever, para que? para quem? Semelha-se a mãos fartas, mas o sólo, quando não é pedregoso, é de matto bravo e a sementeira mirra ao abandono ou perece soffocada: indifferença ou analfabetismo.

Dão-me as letras para viver, mas eu é que sei como vivo! Digo-te apenas que no dia — que, aliás, não espero — em que conseguisse alguma coisa que me garantisse o tecto e a mesa, deixava de mão penna, papel e tinta todas essas burundangas que só têm servido para incompatibilisarme com o clero, a nobreza e o povo. De letras estou até aqui! Os editores enriquecem como os fazendeiros de outra: á custa dos escravos. O Garnier, por exemplo: dizem-me que tem



milhões e dá-me seiscentos mil réis chorados pela edição de um romance. O meu ideal é um emprego publico, cousa ahí como amanuense ou escripturario, com vencimentos certos.

Fella ou infelizmente teve o escriptor mais do que desejava, não tão cedo que nos privasse da riqueza das suas obras, mas, ainda assim, prematuramente, porque muito mais nos poderia elle ter legado para o orgulho nosso e gloria maior do seu nome, se o governo, attendendo ao seu merito e ás suas constantes requestas, não o houvesse despachado como consul.

A Aluizio faltou sempre o estímulo da Esperança que, apesar de mentisa, é quem nos conduz, a nós, homens de sonhos, é quem nos ajenta, quem nos ampara nos desfallecimentos, quem nos ajuda a carregar a cruz no topo da qual está inscripta a palavra: *Gloria*. Elle não a conhecia e quando lhe falavam em laureis sorria ironicamente passeando pela sala a largas passadas, de mãos nos bolsos das calças, cabeça baixa, fumando no seu cachimbo de cerejeira.

Não contava com o amanhã. Vivendo dia a dia encerrava o seu expediente dentro das vinte e quatro horas, recomeçando sempre, como o sol.

— Porque não havemos de ter uma luz fixa, quero dizer: um capital, que nos garanta o conforto indispensavel á vida? Vendemos um livro por uma ninharia e o producto vai-se num instante. Caminhamos ao clarão ephemero de relampagos: um segundo de deslumbramento e um mez de escuridão. E é isto a vida literaria! Futuro! Que futuro pôde ter uma obra escripta na areia da praia, como os canticos de Anchieta? Tivesse eu certeza de que uma só das minhas paginas viveria e ficaria contente... Mas não se vive em tumulo e o portuguez... Não vale a pena. Anchieta, ao menos, tinha um leitor — o mar. E eu?

— E's pessimista, Aluizio.

— Um revoltado e o que sou.

Se eu dêsse á costa em uma ilha deserta, como Robinson, e achasse meios de escrever, escreveria e com mais certeza de ser lido no futuro do que escrevendo aqui... em por-

tuguez. Não vejo vela no horizonte desta lingua, nunca vi! E alongo os olhos desesperadamente com ansia de salvação...

O que resta do sceptico ahí está e quem o arrancou do exilio, quem o trouxe pelos mares do sul e o vai acompanhar, ao longo dos areaes do Norte, até á sua terra natal, que é tambem minha, é essa mesma Gloria que elle preferiu pelo conforto (?) de um consulado, ao qual se entregou de corpo e alma.

Sempre me pareceu que elle falava sinceramente, quando deplorava o seu destino desprezando a penna e a lingua que elle tanto elevou nas suas obras.

Hoje, porém, estou certo de que, desde que elle assumiu o seu cargo em Vigo ou Cardiff (não sei bem por onde começou) teve saudade do seu canto de trabalho e dos dias difíceis que viveu como simples mercador de sonhos.

Os que o visitaram nos ultimos tempos notaram-lhe os modos asperos, o sombrio, e crises longas de melancolia. «Está neurasthenico», diziam.

Pobre Aluizio! O que elle tinha era saudade da sua Arte e, talvez, remorso do que dissera da lingua na qual, escrevendo aos amigos, recordava a patria, desejo de revelar, de nella ainda viver á sombra das suas arvores, sob o azul do céu dourado, pelo sol que elle decantou n'*O homem*.

E eis-o ahí no rolar do Tempo, não inerte como estão no atau'de os despojos do seu corpo, mas em espirito, energico e vibrante, graças a essa mesma lingua que elle tanto detestou em vida e que o levanta da morte em ascensão gloriosa.— COELHO NETTO (Da *Gazeta de Notícias*, Rio).

S. M., o operario

O maior problema que o conflicto militar nos legou ha dez mezes não foi, evidentemente, nem o desarmamento da Allemanha, nem o concerto de interesses entre os vencedores, nem, mesmo, a formação das novas nacionalidades com os restos fragmen-

tarios dos imperios vencidos. O maior inimigo da paz, terminada a guerra, cada povo o alimentava em si mesmo, e consistia no encarecimento progressivo e alarmante da vida. E como a vibora humana começasse, na sua fome, a morder a própria cauda, devorando-se iradamente a si mesma, concentraram-se os estadistas, orientados pelos palinuros da economia politica, no trabalho infatigavel, mas inutil, de saciar, de subito, a fome universal.

Os remedios aventados foram, e têm sido, os mais tumultuosos e contraditórios. A fixação dos preços, a prohibição dos stocks, a limitação das exportações, os augmentos dos salarios, são medidas a que vêm recorrendo afflictivamente os governantes, mas que têm apresentado, sempre, resultados negativos. E essas consequencias teriam sido previstas se os homens de Estado, pastores de povos, tivessem olhado inicialmente o problema sem o propósito de agradar, a todo transe, a Sua Majestade o Operario.

Houve, realmente, ha dias, entre nós, um deputado que annunciou ao mundo, em voz alta, que o rei estava nu, isto é, que tudo que se ha feito até agora para impedir ou suavisar o custo da vida nos grandes centros, na aglomeração das grandes cidades, tem constituído simples achas de lenha, atiradas á tóa, em gestos desordenados, á tragica voracidade de uma fogueira faminta. Cada idéa que surge, cada plano que se imagina, cada providencia que se toma, e um sôpro de ventania acordando a impetuosidade das chammas. E de tal fórma a intervenção do Estado vem influido nos destinos do problema economico, que se tem a impressão de que os estadistas estão apagando o incendio com petroleo.

Abdicando as responsabilidades do governo na tyrannia dos partidos operários, alguns homens de Estado lhes legaram um problema delicadissimo, que só estes, effectivamente, poderão resolver, arrastados pelo instincto de conservação. O barateamento da vida, hoje, só seria conseguido mediante a renuncia de certas vantagens conquistadas pelo proletariado uni-

versal; e quem poderia obter esse milagre, fazendo o rio tornar ás suas fontes, senão os leaders dessa poderosa corrente social?

O encarecimento dos artigos essenciaes á manutenção da vida mais modesta é, em grande parte, uma consequencia natural daquellas conquistas e, sobretudo, da precipitação com que ellas foram conseguidas. Reduzindo de 20 por cento o seu dia de trabalho nas fabricas e augmentando de 40 por cento os antigos salarios, o tecelão augmentou, implicitamente, de 60 por cento o custo da produção. Tendo de comprar tecidos com esse novo gravame, é natural que o sapateiro augmente de 60 por cento o preço do sapato que vende ao padreiro, ao alfaiate, ao marceneiro, ao pedreiro, ao agricultor, ao criador, enfim, a todas as classes productoras, que irão tirar novamente ao tecelão, no preço da roupa, do pão, do asucar, da casa e da carne, o augmento que elle suppõe haver obtido para manutenção da familia. E tudo permanecerá na mesma situação antiga, originando as mesmas difficuldades nas classes pobres, porque o producto continuará a ser encarecido na proporção do encarecimento do salario e do restringimento da produção.

Diz-se á, talvez, que a fixação das tabellas e á regularização das exportações constituem remedio para deter o augmento dos preços, permitindo, ao mesmo tempo, a ascensão dos salarios. Esse remedio constitue, porém, um veneno. O que incrementa a produção é, naturalmente, o lucro que ella deixa. E d'ahi o insuccesso dessas medidas coercitivas, tomadas intensamente na Italia e na Inglaterra, onde iam paralyzando as fabricas, os centros de grande ou pequena actividade, transformando a carestia em fome, e causando, portanto, males ainda peores do que aquelles que se pretendia reparar.

O aparelho economico dos povos era considerado até 1914 uma grande machina delicada, cujo funcionamento era regulado pela produção e pelo consumo. Quem pretendia boir nessa machina só o podia fazer por intermedio de uma dessas alavancas.



Com a guerra européa, que desequilibrou esse aparelho, entenderam os estadistas que lhes era permitido revogar todos os princípios da economia política, estabelecendo uma pequena intervenção artificial. E o resultado foi o desequilíbrio total da machina, que, de outro modo, voltaria á sua antiga posição, com o mesmo rythmo e o mesmo funcionamento methodico, assim que se normalissem as velhas condições da offerta e da procura.

O barateamento do custo da vida, exigido pelo operario, depende, pois, do operario. A baixa de preços dos artigos communs só se poderá verificar pela superprodução, e esta só será conseguida se o braço que dirige as machinas productoras se predispuer a trabalhar dez horas em vez de oito, produzindo, no minimo, vinte por cento mais do que actualmente. E a isso não se dispõe, positivamente, S. M. o Operario, transformado, por um milagre da guerra, em arbitro dos destinos do mundo.

A redução da actividade humana, advogada com tanto ardor e conseguida com tanta rapidez pelos apostolos do operariado, não é uma conquista que assegure ou, mesmo, contribua para a felicidade das classes proletarias. Se ha profissões que exigem um repouso muscular depois de oito horas de trabalho intenso, outras ha, em que o profissional póde supportar sem prejuizo da sua energia physica um exercicio parcial de dez ou doze horas. E de que a uniformidade de horario é injusta, arbitraria, clamorosa, e foi instituida sem menor consulta aos princípios fundamentaes da physiologia, basta attentar para o alfaiate e para o barbeiro, que exercem o seu myster tranquilamente na sombra e têm, no entanto, as mesmas horas de trabalho de um pedreiro ou de um cavouqueiro, que lida com instrumentos pesado sob os raios devoradores do sol.

Ao operariado está acontecendo o que succede, geralmente, aos exercitos facilmente vencedores, á frente dos quaes fogem, no tumulto da desordem, os inimigos desbaratados. Dominadas pela vertigem do triumpho,

as hostes vencedoras acabam por fraccionar-se na correria, succedendo-lhes, então, o que se deu na batalha de Ffildingen com os soldados do marechal de Villars, que foram dar na derrota arrastados pelo delirio do triumpho. Com a falta de unidade nas conquistas, o operario terminará fatalmente derrotado pelo capitalismo intelligente, que se está preparando, aos poucos, para uma reacção universal.

Ha um verso nos «Lusiadas» em que o poeta annuncia que é o trabalho que faz clara a memorias. Deve ser verdade; e quem o confirma é o desentendimento observado nas classes operarias á medida que ellas vão reduzindo as suas horas de actividade. E se essa obliteração dos sentidos continuar, como as tempestades, na mesma progressão de elementos desencadeados, acabaremos por assistir, em breve, no curral humano, a repetição anachronica daquelle maravilhoso apologo do burro e do boi. Fatigado de trabalhar, o boi queixava-se, uma noite, ao burro, da tristeza do seu destino, que o trazia atrellado á charrua desde o crepusculo da madrugada até ás estrellas do anoitecer.

— Faze-te de doente! — aconselhou o burro.

O boi aceitou o conselho, e o dono, suppondo-o inutilizado, mandou que o abatessem para o açougue.

O estabelecimento da velha harmonia da vida economica em todo o mundo não depende, evidentemente, do sangue do boi. A idéa, que lhe suggeriram, de recusar-se ao trabalho, não lhe melhora a condição. O que elle deve fazer é pôr a canga em si mesmo, no burro e no dono, e puxarem os tres, igualmente, a pesada charrua das difficuldades da vida. HUMBERTO DE CAMPOS (Da *Gazeta de Noticias*, Rio).

Nacionalismo

O «Jornal do Commercio», em sua edição de 15 do corrente, apreciando a propaganda nacionalista que se desenvolve no Brasil e em São Paulo, especialmente, evidenciou o character abstracto e romantico que em essen-



cia nella pcedomna ainda, em detrimento da nacionalização effectiva e immediata de que tanto carece o paiz.

Sem duvida ha um cunho muito pratico de louvar nos tentamens iniciados. Não se póde negar a efficiencia da desalphabetização, nem a da educação civica do povo, nem ainda a do saneamento do voto pela integração do elemento nacional nas massas eleitoraes. Ninguem se recusa á evidencia de taes factos. Isso que ali se promove, com a escola, com as conferencias e o alistamento civil é, decerto, facto incontestavel.

Não deixa, porém, de ser, em função do nacionalismo, abstracções e romantismos á moda velha. Tanto é verdade que muito existe quem acordado sonhe e que ha realidades imaginarias...

Em suas tres feições, a campanha nacionalista padece desse defeito. Tardios serão os seus frutos; morosa, a sardão; e a ceifa, deficiente, talvez.

Por mais sympathicos e respeitaveis que sejam os seus trabalhos — e elles o são — bem meditados, que forem, não se resiste á tentação de os chamar panacéas. Duro é o termo, porém, expressivo. A instrucção não faz as democracias perfectas e, em nosso caso, vale pelo ensino da lingua materna apenas. A educação civica só gera sentimentos, dos quaes remotos serão os resultados. E' o voto... E' a politica, a summula, o suco, a consubstanciação das mais activas forças sociaes, mas, tambem, a mais incerta e indirecta das armas.

Entrem em acção todos esses factores: — politica, civismo e conhecimento. A desnacionalização patente, a que assistimos, continuará, não obstante, a se-affirmar por todas as fórmulas.

A cupola estará concluida, bella obra de architectura, mas não terá sobre que erguer-se. Faltarão os muros de barro e os alicerces de pedra...

De facto, quando frutificar o nacionalismo, que restará brasileiro em S. Paulo? Captaes estrangeiros; industria dita nacional, estrangeira; colonos, estrangeiros; fazendeiros, estrangeiros; proprietarios, estrangeiros...

Esse, o quadro que se nos prepara

e esse, o scenario que precisamos mudar.

Attentará nelle o nacionalista se não quizer ver burlados os seus ideaes. Em verdade, a nação não é voto, o civismo não é o *a b c*. E' a terra. Primeiro que tudo, vivemos de necessidades que dependem da terra, da propriedade, do trabalho, da transacção. E é a transacção que nos val levando a terra, a propriedade o trabalho.

Nisso consistem, em toda a sua realidade palpavel, os factos em cujo meio ha de penetrar, para que vingue, o nacionalismo. Descerá das generalidades a que se apega para vir as miudezas, ás insignificancias e ninharias da vida de todos os dias. Queremol-o e necessitamol-o cá abaixo, na economia da familia brasileira. Aqui aim, atalhará o descabro. BRENNO FERRAZ DO AMARAL (D'O *Jornal do Commercio*, S. Paulo).

Cinematographos

O cinematographo tem uma importancia capital na vida carioca. Raro é o dia em que não se vae a um cinema; na Avenida ha varios que estão sempre repletos, desde a primeira até á última sessão. Em nenhuma cidade do mundo o cinematographo se impõe, como aqui, á curiosidade do publico. Em outros paizes existem grandes companhias cinematographicas que derramam sua produção pelo mundo todo; nós ainda não possuímos dessas empresas commerciaes gigantescaes que enchem de milhões os bolsos de seus accionistas; mas em nenhum outro lugar da terra o cinema terá prestigio maior do que no Rio. Não possuímos theatro, salvo raras excepções; por isso o principal instrumento de emoção dramatica nesta immensa metropole de um milhão de habitantes, é o cinema. Todo o morador da capital do Brasil despende com elle uma certa somma que nunca desaparece de seu orçamento, onde figura entre as despesas essenciaes á vida, como a compra do pão e da carne. Quem percorrer, até seus bairros mais longinquoos, a cidade do Rio,



em qualquer canto que chegue, em toda estação de suburbio, deparará com uma sala de exhibições cinematographicas, ao lado da padaria e da pharmacia, collocada no mesmo plano de igualdade das coisas indispensaveis para viver. Por todas essas razões, qualquer assumpto relativo á cinematographia, que se discuta através do mundo, tem para nós cariocas um grande interesse. E pois se agora, em Paris, que é a capital da nossa intelligencia e da nossa vaidade, se está discutindo a questão do cinema, como a designam com elevação pomposa alguns publicistas que a debatem, não será de mais que nós também, seus affeiçãoados, digamos o que á nossa justificada autoridade possa suggerir esse problema capital.

O thema trazido á baila em Paris, por um artista, foi seguinte: será o cinematographo capaz de transformar-se em um maravilhoso instrumento de arte, ou estaremos condemnados a vel-o sempre, como hoje elle é, uma exhibição photographica de umas tantas coisas, apenas capazes de embrutecer o espirito da multidão? A pergunta, como se vê pelo seu enunciado, é tendenciosa, e impõe por assim dizer uma unica resposta. Ninguém será capaz de dizer que o cinema deva continuar a embrutecer as massas, e a gente é logo forçado a desejar que elle se transforme em um maravilhoso instrumento de arte. Quem parte da premissa que o cinematographo, actualmente, embrutece as massas, só pôde chegar á conclusão de que elle deve ser modificado. Ora, ha exaggero na affirmação do artista francez, sr. Carlos Vildrac: não é logico annullar assim por um golpe de foíce toda a cinematographia contemporanea; mas ha tambem nella um fundo de verdade. Realmente, todas as grandes virtudes que serviram á reclame do cinematographo, quando se começou a fazer a sua exploração commercial, estão desaparecendo: o cinema seria um meio unico e extraordinario de educar, evocando e reconstruindo os grandes acontecimentos da historia, fazendo-nos percorrer todo o globo terrestre e ensinando-nos geographia e costumes, e até corri-

gindo as tendencias más com ítas mo-raes, inspiradas na vida real. Mas, tirando a geographia, que ainda se pôde aprender no cinematographo, porque os creadores dos *films* ainda não conseguiram modificar a crosta terrestre e os accidentes super postos a ella, tudo o mais no cinema é *blague*. *Blague* a historia antiga, *blague* a historia contemporanea, *blague* a lição de moral. — ANTONIO LEÃO VELLOSO (Do *Correio da Manhã*, Rio).

Os caçadores e os cães

Uma publicação semanal observava, em dia desta semana, que era incomputavel, no Brazil, o numero de simuladores de cultura, que alimentam o seu campo, e fazem a sua colheita, á custa das sementes alheias. Alguns estudiosos mais diligentes vão ás fontes, aos mananciaes dos conhecimentos humanos, e canalizam a agua; e as formigas em multidão, atiram-se ao liquido maravilhoso, como as formigas á seiva da planta golpeada pela cigarra, nos celebres versos de Mistral.

Esse genero de parasitas recebeu do povo, em hora de bom humor, uma denominação felicissima e pittoresca: a de *scarro de mãos*, isto é, vehiculo tardo, primitivo, de utilidade restricta, que se utiliza, de vez em quando, nas ruas do trilho dos bondes.

Ha, entretanto uma comparação litteraria, em um symbolo mais universal. E' o que se contém na fabula do cachorro e do caçador, trazida de longe, pela pirataria lafontaineana de Iriarte, para o riquissimo patrimonio da litteratura hespanhola. Madrugada ainda, o caçador toma da sua arma e, com um assobio, chama o seu cão. A' margem de uma lagôa, onde o verde da vegetação para se confunde com o verde palustre das aguas, o animal descobre os vestigios de um aquatico, e parte, rapido, a perseguil-o. Um tiro rebôa, profundo, quebrando a tranquillidade selvagem. E um momento depois surge o cão, trazendo aos dentes, debatendo-se, a ave aguzante. De regresso á casa, á tarde, com a bolsa repleta de caça, toda



gente sau'da, então, o caçador; e ninguém se lembra do cão, que foi, em verdade, o herói principal, senão único, daquellas batalhas na selva!...

As letras brasileiras constituem, hoje, uma cavalgada soberba, faiscante de arreios e resoante de buzinas. Compõem-n'a, correndo a floresta, quinhentos caçadores e tres cães... — MICROMEGAS (Do *Imparcial*, Rio).

Variedades

A sciencia nos jornaes

O mau trato que as coisas scientificas recebem na imprensa ingleza ou americana, está indicando uma modificação no corpo redactorial: é preciso introduzir nelle um redactor que seja um sciencista capaz de commentar com a maxima competencia uma descoberta sciencifica, uma invenção, o novo tratamento duma doença. O publico dos cursos nocturnos e escolas profissionais interessa-se hoje por tudo que diz respeito ás sciencias; a criação pois, num jornal, duma secção sciencifica é um meio logico de lhe augmentar a tiragem. Verba para a orientação sciencifica do jornal é coisa que não entra em seu orçamento, mas os resultados pecuniarios e sociais da inovação compensariam de sobra o accrescimento de despeza. As attribuições de taes redactores comportariam a censura de todos os originaes relacionados, de perto ou de longe, ás coisas sciencificas. Nada, concernente a invenções e descobertas, a relatorios de empresas, a experiencias therapeuticas, a projectos de trabalhos publicos... nada seria publicado sem o seu *placet*. É necessario que as coisas technicas sejam tratadas por technicos; do contrario é preferivel deixal-os passar em silencio. — (*Electrical Review*)

Escola para os mais capazes

Segundo o «Worwaerts» ha em Berlim, desde 1917 escolas eseciaes para os alumnos que nas escotas primarias se revelaram superiormente dotados de intelligencia. Fazem elles nestes

estabelecimentos um curso especial e gratuito de seis annos. Estas creanças exceptionaes são escolhidas de accordo com os methodos de psychologia experimental; um criterio de avaliação determinado por Moede Piorkowski estabelece a medida da capacidade infantil, relativa á attenção, á observação, á memoria, á percepção, á reflexão e ao raciocinio.

E assim, são escolhidos das classes pobres, todos os lementos merecedores da attenção do Estado.

O orçamento do vestuario

As machinas baratearam no correr dos tempos até ao minimo, alcançado em 1914, o preço do vestuario humano.

Out'ora só os ricos podiam vestir-se com luxo. Na idade media vendia-se a esda de 150 a 800 mil réis o kilo; os velludos costavam de 70 a 300 mil réis o metro. D'ahi as leis sumptuarias do seculo XVI que procuravam restringir o uso da seda. Os vestidos representavam naquelle tempo verdadeiros capitães; eram transmitidos por herança; ás vezes cabia a um herdeiro o usufructo e a outro a propriedade. A revenda dos vestidos constituia um negocio de vulto; a clientela aristocratica comprava frajes usados como se compram hoje joias.

Por muito tempo dominou soberana a moda franceza, tanto para mulheres como para homens; no seculo XVIII, porém, a moda ingleza impôz-se para o sexo barbado. Hoje é possivel andar rigorosamente bem vestido com pouco dinheiro; mas isto por muitos seculos foi privilegio exclusivo da aristocracia endinheirada. — (G. d'AVENEL — *La Revue des Deux Mondes*).

Weimar, a Athenas allemã

A seis de Fevereiro reuniu-se a assembléa contribuinte em Weimar, nessa Weimar que, diz Goethe, «não sabendo escolher entre a rusticidade da aldeia e a elegancia da cõrte, decidiu-se finalmente a permanecer um burgo simplesmente feio.» Esta apreciação, embora escripta no fim do ae-



culo 18, já era injusta.

Todos os monumentos da cidade eram pintados de ocre e o palácio Witum onde viveu a alma da corte literaria, a gran-duquesa Anna-Amelia, sobrinha do grande Frederico, era igualmente dessa cor, a qual recordava aos hospedes illustres as cores quentes das cidades italianas.

A gran-duquesa recebia em sua casa Goethe, Herder, Wieland, lia Aristophanes no original, fazia versos, e vivendo uma vida espiritual entre poetas, philosophos e sabios. Foi ella quem transformou Weimar num dos centros intellectuaes da Europa. Depois disso sempre foi Weimar frequentada por visitantes illustres. No famoso Hotel dos Príncipes Serenissimos, existem placas commemorativas em cada porta, indicando onde se aposentaram Humboldt, Napoleão, Liszt, Menzel e outras notabilidades. Estes quartos são disputados pelos hospedes, que os escolhem de accordo com suas predilecções historicas.

O hoteleiro poderá, agora, augmentar o numero de placas. Veremos o Ebert-Zimmer, o Scheidemann-Zimmer, e talvez o Hindenburg-Zimmer, que mais tarde, não será dos menos procurados. — (*Mercure de France*).

Como acabar com as rugas?

A Academia de Medicina de Paris

acaba de tomar conhecimento de um processo scientifico do Dr. Passot, para acabar com as rugas, quaesquer que ellas sejam, da frente, das faces, ou do pescoço.

Todo mundo sabe que apertando de modo conveniente, entre dois dedos, por exemplo, a pelle situada na parte anterior e superior da orelha, os *pés de gallinha* desaparecem promptamente.

Pois é desse gesto maquinal que as mulheres têm deante do espelho que se originou o processo scientifico do Dr. Passot, e que consiste em applicações chirurgicas muito simples. Retirando-se um centimetro de pelle em fórma de ellipse alongada na parte superior das frentes, desaparecem promptamente as rugas da testa.

Para os *pés de gallinha*, bastam duas incisões no lobulo da orelha e outra na região temporal. E eis ahí um meio facil de conservar a belleza e a mocidade pela vida inteira...

Alvares de Azevedo

Por um lamentavel descuido da revisão, deixa de sahir no meo do interessante trabalho do sr. Arthur Motta, sobre a individualidade de Alvares de Azevedo, a data do fallecimento deste poeta, e que é alás, conhecida. Alvares de Azevedo falleceu no Rio a 25 de Abril de 1852.



CARICATURAS DO MEZ

199

FIGURAS DO RIO



Melindrosas e... «neutros»...

J. Carlos - O Malho - Rio



COSMOPOLITISMO



...e dentro de nossa terra, nós estamos na *ponta*!

J. Carlos - Careta - Rio

NA INGLATERRA "TRADE"... CIONAL



Antigamente

— Augmento de um penny?
Está louco! Se não está satis-
feito, vá para as colonias!

Hoje

— Não ha duvida, cavalheiro!
Tudo se arranjará *all right*.

Kalixto - D. Quixote - Rio

A Secca



Se a aragem do dinheiro soprar favoravel, o Ceará será assim d'aqui a vinte annos...

Albuquerque - *D. Quixote* - Rio

A voz do sangue



— Então, Joãozinho, você lá na escola tomou a merenda dos seus collegas menores?

— Tomei sim, vovô; eu quero ser açambareador como papae.

Manolo - *D. Quixote* - Rio

Encrenca no Adriatico



Os aliados cortam as communicações com a cidade de Fiume

Voltolino - *D. Quixote* - Rio

Uma verdade sabida...

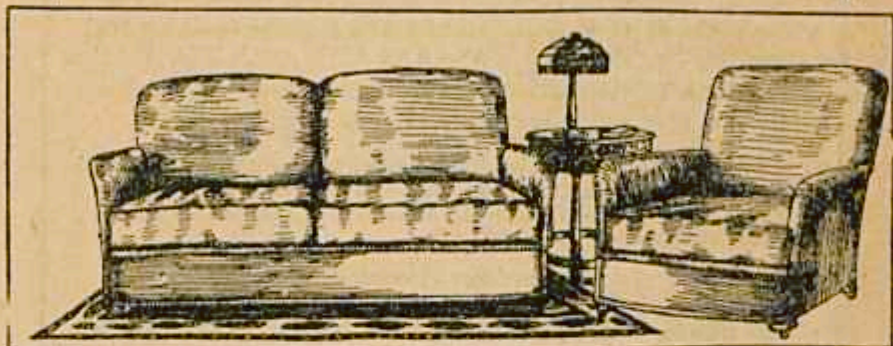


FALCHI é o melhor chocolate

MAPPIN STORES
SOCIÉDADE ANÔNIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO

□ □ □



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ::

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade. ::

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

Lima Barreto — "VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ"

Magnifico romance da vida carioca, recebido com unanimes louvores pela critica nacional. — Preço: 2\$000 réis.

ANNAES DE EUGENIA

Grosso vol. com todos os trabalhos, conferencias e estudos da sociedade Eugénica de S. Paulo, sendo um interessantissimo repositório de todas as momentosas questões da eugénisação da raça. Leitura necessaria á classe medica e aos educadores. Pedidos á "Revista do Brasil. — Preço: 8\$000

GUIA BOTANICO da Praça da Republica e do Jardim da Luz, pelo naturalista Dr. A. Usteri — Preço, 2\$000

Encontra-se á venda, igualmente, no escriptorio da "Revista do Brasil" a nas livrarias — **A FILHA DA FLORESTA** — pelo Prof. Thales C. Andrde, conto maravilhoso, para crianças — Preço 600 réis.

Desconto aos revendedores.

Nesses preços está incluido o porte - Pedidos á "Revista do Brasil" - Caixa 2 B - S. PAULO

GRATIS!

OFFERTA EXCEPCIONAL

Quem angariar QUATRO assignantes novos para a REVISTA DO BRASIL terá a sua assignatura gratuita. Se angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das assignaturas dos que já forem assignantes, ou na aquisição das obras editadas pela revista.

::: BOLETIM A ENCHER :::

Ilmo. Sr. Gerente da "Revista do Brasil"

Junto seguem \$..... importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)
(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de \$.....
..... de de 19.....

Offerta excepcional

Toda a pessoa que angariar quatro assignaturas annuaes para a "REVISTA DO BRASIL" terá direito a uma de graça.

R. Boa Vista, 52 — Caixa 2-B — S. PAULO

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para machina de costura e para outros fins.

Lampadas Economica e 1½ Watt

Candelabros e Abat-Jours de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Foagerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orféverie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13 SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade.

Preço: 5\$000

A venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE - Louças, LIVROS e
Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S. PAULO - Telephone N. 867

TROCA-SE

por um lindo romance cada exemplar dos Ns.
25, 28, 29, 32, 33 e 35, da **Revista do Brasil**
que fôr enviado para a Caixa, 2-B, S. Paulo,
Rua da Boa Vista N. 52

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

Dr. RENATO KEHL — Especialista em syphilis e vias urinarias (molestias dos rins, bexiga, prostata e urethra). Cons. Rua Libero Badaró, 119. Tel. Cent. 5125. Res.: rua Domingos de Moraes, 72. Tel. 2559.

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças. Res. R. Bella Cintra, 139. Consult.: R. José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Pariz. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTETOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio Travessa do Commercio, 7. Telephone 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio 5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas", São Paulo. Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO Dr. LUIZ PEREIRA BARRETO — Admissão aos cursos superiores da Republica para ambos os sexos — Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — Emilio Rocco. — Novidades em casemira ingleza. — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Literatura - Revistas - Mapas - Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo.
— Preço: 8\$000, incluido o porte.

LOTERIA DE S. PAULO

Em 14 de Novembro .

60:000\$000

POR 7\$000

DECIMOS A 700 RÉIS

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

Combater o Bacillo
de Hansen por
meio das
ampoulas
de

JEANSELMIWA

DE
Silva Araujo

Formula
de Jeanselme

Unico trata-
mento admittido
pela sciencia
para a cura da

Oleo de
chaumoolgra di-
luido, camphora
e gayacoi
Em ampoulas de 2 e 5 grammas

LEPRA

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,
PLANTAS,
BOUQUETS,
DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458

TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL: LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas CHACARA: Alam. Casa Branca
Guanabara (Avenida Paulista)

:: Peça(m) Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. **HOMEM de MELLO & C.**

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, arjardinados e isolados, com
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece
aos seus doentes emmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
nformações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem
de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

LACTIFERO

O ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da pharmaceutica JOANNA STAMATO BERGAMO



Marca Registrada

O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mammarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharcmcias e drogarias e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, rua Conselheiro Furtado, 111
— S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarlo no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro n. 61

Importantes certificados que confirmam o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Srs. STAMATO e BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado n.º 111

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento mercenario e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuação da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima aos vossos devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO,

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

AGUA INGLEZA
TONICA
FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIUM, CARNE,
 LACTO PHOSPHATO DE CAL,
 PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO
RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO e NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA
 MARCA

URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinaes.

Clra RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente de Uro-
 pina, Lycetal, Neo-Sidonal e Lithiera.

GRANADO & C. — Rua 1.º de Março, 15, 16 e 18 ½ Rio de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

*para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - 5. Paulo